



REBELIÃO, REVOLUÇÃO, RELIGIÃO

Sabemos viver em escravatura, mas saberemos viver
em liberdade?



Digitalizado, Corrigido e Adaptado por
Gullan Greyl

<http://www.gullangreyl.pt>

1ª Edição, 2013

01-06-2024

SINTESE

Osho foi um dos autores que mais ênfase depositou na crítica à religião. Não se considerava um opositor da religião, mas antes um defensor da espiritualidade. E para defender a espiritualidade é preciso, ensinava Osho, dar um primeiro passo fundamental: libertar-nos dos dogmas das religiões estabelecidas e da falência espiritual que tentam perpetuar. Uma vez conquistada esta liberdade, é chegada a altura de criar uma rebelião espiritual.

Esta metamorfose espiritual nasce da meditação, da autoconsciência e da liberdade que advém de sermos quem realmente somos. Não se trata de uma revolta contra elementos exteriores, mas sim uma purga de tudo aquilo que é falso no nosso interior. Trata-se de uma rebelião interior: a rebelião da iluminação. Todos os grandes mestres espirituais e pensadores, de Buda a Nietzsche, foram rebeldes – e por seguirem o espírito da sua rebeldia, transformaram a humanidade. Esse passo também está ao seu alcance...

Índice

PREFÁCIO	1
CAPÍTULO 1.....	3
A Arte da Liberdade	3
CAPÍTULO 2.....	8
Reforma, Revolução e Rebelião: Os Três R's da Evolução do Homem	8
CAPÍTULO 3.....	16
Padres e Políticos – Parasitas no Poder	16
CAPÍTULO 3.....	25
Cristianismo e Comunismo: Sócios no Mesmo Esquema para Exorquir os Pobres	25
CAPÍTULO 5.....	34
A Ditadura É o Poder nas Mãos Deles	34
CAPÍTULO 6.....	38
A Liberdade não É Excesso	38
CAPÍTULO 7.....	41
A Evolução da Consciência Traduz-se na Dissolução da Sociedade	41
CAPÍTULO 8.....	55
Terrorismo – O seu Vulcão de Violência Interior	55
CAPÍTULO 9.....	60
A Falácia Básica das Revoluções	60
CAPÍTULO 10.....	66
A Meditação Traz a Utopia à Terra.....	66
CAPÍTULO 11.....	79
Repousa em Paz – Ou em Partes	79
CAPÍTULO 12.....	88
O Mistério do “Sim”	88
CAPÍTULO 13.....	100
Gnosticismo – As Raízes da Rebelião Religiosa	100
CAPÍTULO 14.....	111
A Única Esperança Que Resta – A Nossa Vontade de Viver	111
CAPÍTULO 15.....	120
Anarquia e Consciência	120
CAPÍTULO 16.....	122
Transigir É Entregar a Dignidade à Força.....	122
CAPÍTULO 17.....	129

Religião e Rebelião: Dois Nomes para o Mesmo Fenómeno.....	129
CAPÍTULO 18.....	135
A Meditação É o Único Ato Altruístico	135
CAPÍTULO 19.....	142
Uma Semente Pode Trazer o Verde à Terra Inteira	142
CAPÍTULO 20.....	146
Eu Pertencço à Eternidade – Você Também Pode Pertencer	146
Sobre o Autor	150
Retiro Internacional de Meditação Osho	151

PREFÁCIO

O primeiro princípio fundamental consiste em ser rebelde.

Todas as religiões destroem o potencial que o homem tem para a rebelião. Obviamente — porque ensinar a rebelião é o mesmo que ensinar as pessoas a rebelarem-se contra a tradição, contra a convenção, contra a sociedade, contra a religião; e são estes os seus direitos adquiridos. A rebelião deve ser absolutamente exterminada. Ora, no momento em que o espírito da rebelião morre dentro de um homem, o homem passa a viver uma mera existência póstuma — porque o espírito da rebelião é o seu verdadeiro espírito.

Todas as religiões têm ensinado exatamente o contrário.

Ensinam a acreditar.

Eu ensino a duvidar.

Ensinam a ter fé.

Eu ensino a questionar.

Dão tudo pronto a consumir, e eu digo que, se não o alcançarmos com o nosso próprio esforço, é absolutamente inútil. Um Deus que nos entreguem assim não vale nada.

Uma sagrada escritura veiculada pela tradição... é suicídio decorá-la simplesmente como um papagaio. Estaremos a envenenar-nos porque, quanto mais soubermos, menor será a possibilidade de nos interrogarmos, de procurarmos e de encontrarmos.

Assim que ficarmos com esta ideia estúpida de que já sabemos, deixamos de questionar. Só teremos vontade de questionar se sentirmos que não sabemos nada.

Ora, não há religião que nos permita saber que não sabemos nada. Continuam a impingir-nos conhecimentos, catecismos, doutrinas, dogmas. Enchem-nos a cabeça de toda a espécie de palavras vãs. Uma palavra será sempre vã se não contiver a nossa experiência.

A minha palavra não pode constituir verdadeiro alimento para si, leitor. Estará vazia — será apenas o veículo. O conteúdo? — não há maneira de veicular o conteúdo. Posso passar-lhe o continente, a palavra, mas como é que lhe posso passar a minha experiência que, forçosamente, fica sempre para trás? A palavra vai para si e eu vejo uma palavra vã e morta na sua mão. Aquilo que eu queria exprimir, veicular, transmitir, fica para trás; nunca deixa o meu ser.

Por conseguinte, a verdade é inexprimível.

Só os idiotas continuam a falar da verdade.

Mais, esses idiotas acreditam piamente que o que dizem é verdade. Estão simplesmente a fazer ruído e mais nada. São tagarelas, mas acreditam que estão a transmitir-te qualquer coisa porque eles próprios não têm mais nada além da palavra. Logo, sentem que até transmitiram alguma coisa.

Ora, um homem que sabe nunca pode sentir que seja possível transmitir a verdade. Pode, sim, inspirar-nos a questionar, mas não pode transmitir-nos a verdade propriamente dita.

Por conseguinte, a primeira coisa a ter em conta é o espírito da rebelião — o que implica dúvida, ceticismo, interrogação. É preciso uma coragem tremenda porque teremos de remar contra todas as correntes, contra todos os poderes instituídos. Políticos, padres, multimilionários, pedagogos nas universidades — todos os que se encontram em altos cargos.

O nosso esforço de questionamento é uma declaração contra todos eles, porque nos dizem, “A verdade foi encontrada por Jesus Cristo; não tendes que vos preocupar com isso. Acreditai simplesmente em Jesus Cristo.”

Ora isto é tão estúpido como alguém dizer, “A teoria da relatividade foi descoberta por Albert Einstein. Não tendes que vos preocupar com a teoria da relatividade — baste que tenhais fé em Albert Einstein e tudo correrá pelo melhor.” Pensa o leitor que, por ter fé em Albert Einstein, compreenderá alguma coisa sobre a teoria da relatividade? O que é que a sua fé em Einstein tem a ver com a teoria da relatividade? Não há relação alguma entre as duas.

O mesmo se passa com Jesus, Krishna, Zarathustra, Buda, Maomé. Não é possível que o leitor saiba o que Jesus sabe apenas por ter fé em Jesus. Em primeiro lugar, como é que o leitor sabe o que ele sabe?

Em segundo lugar, como é que o leitor pode destruir o ceticismo que traz consigo desde a nascença?

A fé é ser ensinado.

A dúvida é a nossa qualidade natural.

A existência dá-nos a qualidade da dúvida e os direitos adquiridos destroem essa qualidade e encobrem-na com crenças. As crenças são a favor deles, e não a nosso favor.

Estou um pouco alterado porque estou a falar contra a minha própria profissão, mas não consigo evitar. Poderia ter sido um professor mundano com milhões de seguidores, se não tivesse ficado alterado a ponto de começar a dizer a verdade. A verdade é que todos os direitos adquiridos estão contra si, leitor: contra a sua individualidade, contra a sua natureza, contra o seu potencial.

Osho

CAPÍTULO 1

A Arte da Liberdade

Osho, sempre que penso em liberdade é porque estou a tentar fugir de algo, ou deseioso de algo que não tenho. Não se importa de falar sobre implicações mais abrangentes da liberdade?

Ser livre de algo é coisa vulgar, mundana. O homem sempre tentou libertar-se das coisas. Não é criativo; é o aspeto negativo da liberdade. Ser livre para é criatividade. Temos certa visão que gostaríamos de concretizar e queremos liberdade para o fazer.

Ser livre de algo remete sempre para o passado, e ser livre para remete sempre para o futuro.

Ser livre para é uma dimensão espiritual porque nos movemos no desconhecido e, talvez, um dia, rumo ao incognoscível. Dá-nos asas. Ser livre de algo, quando muito, pode tirar-nos as algemas. Não é necessariamente benéfico — e toda a História é prova disso. As pessoas nunca pensaram na segunda liberdade em que estou a insistir; só pensaram na primeira porque carecem da perspicácia para ver a segunda. A primeira é visível: grilhetas nos pés, algemas nas mãos. Querem libertar-se delas, mas e depois? O que é que vão fazer com as mãos? Até se podem arrepender de ter pedido para ser livres.

Aconteceu na Bastilha aquando da Revolução Francesa; era a mais famosa penitenciária francesa, reservada apenas àqueles condenados a viver na prisão toda a vida. Desta forma, entrava-se vivo na Bastilha mas nunca se saía vivo — só saíam de lá cadáveres. Mais, quando lhes punham as algemas, as grilhetas, trancavam-nos e deitavam fora as chaves, porque nunca mais seriam precisas. Nunca mais se abriam as fechaduras, para que é que serviriam as chaves? Havia mais de cinco mil pessoas; de que servia guardar as chaves de cinco mil pessoas e de as manter desnecessariamente? Depois de entrarem nas celas escuras, ficavam lá para sempre.

Os revolucionários franceses pensaram naturalmente que a primeira coisa a fazer seria libertar as pessoas da Bastilha. É desumano atirar para a prisão qualquer pessoa por qualquer ato, numa cela tenebrosa à espera da morte, a qual podia sobrevir cinquenta anos mais tarde, sessenta anos mais tarde. Sessenta anos de espera é uma tortura imensa para a alma. Não é castigo, é vingança, vingança porque aquela gente desobedecera à lei. Não há equilíbrio entre atos cometidos e penas decretadas.

Os revolucionários abriram as portas, arrastaram as pessoas para fora das celas escuras. E as pessoas ficaram admiradas. Não estavam nada preparadas para saírem das celas.

É compreensível. Para uma pessoa que tenha vivido sessenta anos na escuridão, o sol é demais para ela. Não quer sair para a luz, os olhos ficaram demasiado sensíveis. E de que serve? Tem oitenta anos; quando entrou, tinha vinte. Passou a vida inteira naquela escuridão. A escuridão é a sua casa.

Os revolucionários queriam libertar os presos. Partiram grilhetas, algemas, porque não havia chave. Contudo, os presos ofereceram resistência. Não queriam sair da prisão. Diziam:

— Não compreendem a nossa condição. Um homem que passou sessenta anos nesta posição, o que é que vai fazer lá fora? Quem é que lhe vai dar comida? Aqui dão-nos comida, e pode-se descansar nesta cela escura e tranquila. Um homem sabe que está quase morto. Lá fora não conseguirá encontrar a mulher, nem saber o que lhe aconteceu; os pais já terão morrido, os amigos já terão morrido, ou estarão completamente esquecidos dele.

— E ninguém lhe vai dar emprego. Um homem que esteve sessenta anos sem trabalhar, quem é que lhe vai dar emprego? Mais, trata-se de um homem da Bastilha, onde estavam os criminosos mais perigosos — à simples menção do nome Bastilha recusam-lhe logo emprego. Por que é que nos estão a obrigar? Onde é que vamos dormir? Não temos casa. Já quase nos esquecemos de onde morávamos, e já deve haver alguém a lá morar. As nossas casas, as nossas famílias, os nossos amigos, o nosso mundo todo mudou tanto em sessenta anos; não vamos conseguir singrar. Não nos torturem mais. Já fomos torturados o bastante.

Era razoável o que eles diziam.

Porém, os revolucionários são gente obstinada, não ouvem. Obrigaram os presos a saírem da Bastilha mas, nessa noite, a maioria voltou. Pediram:

— Deem-nos comida porque temos fome. — Outros chegaram a meio da noite e pediram:

— Ponham-nos as grilhetas outra vez, porque não conseguimos dormir sem elas. Devolvam-nos as correntes — e queremos as nossas celas. Estávamos perfeitamente contentes. Não nos impinjam a revolução. Somos gente pobre. Vão fazer a revolução noutro lado qualquer.

Os revolucionários ficaram chocados, mas o incidente mostra que ser livre de algo não é, necessariamente, uma bênção.

Podemos ver isto em todo o mundo; países que se libertaram do jugo do Império Britânico, do Império Espanhol do Império Português — mas cuja situação é muito pior do que quando eram escravos. Pelo menos, na escravatura tinham-se habituado, tinham-se deixado de ambições, tinham

aceitado que aquela situação era o seu destino. Ser livre da escravatura não faz mais do que criar o caos.

A minha família inteira esteve envolvida na luta pela liberdade na Índia. Estiveram todos na cadeia. Estragaram-lhes o percurso educativo. Ninguém podia terminar a faculdade porque, antes de irem a exame, eram apanhados, uns iam para a prisão por três anos, outros por quatro. Depois já era tarde demais para começar de novo, e tinham-se tornado revolucionários veteranos. Na cadeia conheceram todos os líderes da revolução, e assim todos dedicaram a vida à revolução.

Eu era pequeno, mas costumava discutir com o meu pai, com os meus tios:

— Consigo compreender que a escravatura seja má, que nos desumanize, que nos rebaixe do prestígio de ser humano; devemos combatê-la, mas não posso deixar de inquirir, “O que é que fazemos quando formos livres?” Parece-me claro o que é sermos livres de algo, e não sou contra. O que pretendo saber, e compreender claramente, é o que vamos fazer com a liberdade.

Sabemos viver em escravatura, mas saberemos viver em liberdade? Sabemos que se deve manter certa ordem em escravatura, caso contrário, somos esmagados, eliminados, assassinados. Saberemos que, em liberdade, a responsabilidade de manter a ordem é nossa? Não vai haver ninguém a matar-nos, nem mais ninguém será responsável — temos nós de ser responsáveis por ela. Já perguntámos aos nossos líderes para que serve essa liberdade?

Nunca tive resposta. Disseram:

— Neste momento estamos empenhados em livrar-nos da escravatura; trataremos da liberdade mais adiante. — E eu disse:

— Isso não é uma atitude científica. Se demolirem a casa antiga, caso sejam inteligentes devem, pelo menos, preparar a planta para a casa nova. Melhor seria se preparassem a casa nova antes de demolirem a antiga. Caso contrário, ficam sem casa e depois sofrem; porque é melhor estar na casa antiga do que em casa nenhuma. — Na minha família, costumávamos ter a visita de grandes líderes da revolução, e esta era a minha discussão constante com eles. Nunca vi um único líder da revolução que tivesse resposta para o que iríamos fazer com a liberdade.

E a liberdade chegou. Hindus e muçulmanos mataram-se uns aos outros aos milhões. Tinham sido impedidos de se matarem pelas forças britânicas; as forças foram retiradas, e houve motins em toda a Índia. A vida de todos corria perigo. Cidades inteiras em chamas; comboios inteiros a arder, e as pessoas não podiam sair dos comboios. Eu disse:

— Mas que estranho. Não acontecia em escravatura, acontece agora em liberdade; e a razão prende-se simplesmente com o facto de não estarmos preparados para o que é a liberdade.

O país foi dividido em duas partes — eles nunca tinham pensado nisso — e o caos reinava em todo o país. As pessoas que foram para o poder eram especializadas em certas áreas, especializadas em queimar pontes, queimar prisões, matar quem andava a escravizar o país. Esta especialização nada tinha a ver com a criação de um novo país. Ora, eram estes os líderes da revolução; naturalmente, foram para o poder.

Tinham lutado, tinham ganhado, e o poder passou-lhes para as mãos. E ficou nas mãos erradas.

Não há revolucionário que deva ficar com o poder — porque ele percebe de sabotagem, mas não percebe nada sobre criação; só sabe destruir. Deve ser honrado, respeitado, medalhado e tudo o mais, mas não lhe devem dar o poder. Teremos de encontrar pessoas que saibam ser criativas, mas estas serão as pessoas que não terão participado da revolução.

É uma questão muito delicada.

Visto que as pessoas criativas estavam preocupadas com a sua criatividade, não lhes interessava quem governava. Alguém tem de governar mas, quer sejam os Ingleses quer sejam os Indianos, pouco importa a essas pessoas. Estão concentradas em dedicar energia ao trabalho criativo, e por isso não engrossaram as fileiras dos revolucionários. Ora, os revolucionários não as deixam chegar ao poder. Aliás, são como renegados. São pessoas que nunca participaram em revoluções, e ainda lhes dão o poder?

Por conseguinte, toda e qualquer revolução fracassou no mundo até à data, e pelo simples motivo de que as pessoas que fazem a revolução são especializadas numa área, e as pessoas que fazem um país, criam um país, criam responsabilidade nas pessoas, são outra gente. Não participam da destruição, do assassinio. Porém, não conseguem chegar ao poder. O poder vai para as mãos dos que andaram a lutar. Por conseguinte, naturalmente, toda e qualquer revolução está intrinsecamente votada ao fracasso.

A menos que se compreenda claramente o que estou a dizer... Há duas partes numa revolução, de e para, e deveria haver dois tipos de revolucionários: os que trabalham para a primeira, ou seja, para serem livres de algo, e os que começam a trabalhar quando estiver terminado o trabalho dos primeiros, serem livres para fazer algo.

Ora, isto é difícil de gerir. Quem é que vai gerir? Toda a gente está cheia de sede de poder.

Quando os revolucionários saem vitoriosos, o poder é deles; não o podem dar a mais ninguém. O país ficará num caos. Em toda e qualquer dimensão, o declínio acentua-se a cada dia.

Por isso é que não estou aqui a ensinar a revolução; estou aqui a ensinar a rebelião. A revolução compete à multidão; a rebelião compete ao indivíduo.

O indivíduo muda-se a si próprio. Não se rala com a estrutura do poder; consegue simplesmente mudar-se, e dar à luz um novo homem em si mesmo. Se o país inteiro estiver em rebelião... O mais maravilhoso nisto é que, na rebelião, podem participar os dois tipos de revolucionários — porque, na rebelião, há muito a destruir e muito a criar. É preciso destruir coisas para poder criar, de modo que há um atrativo para ambos — aqueles a quem interessa a destruição, e aqueles a quem interessa a criatividade.

Não se trata de um fenómeno de multidão, mas sim da nossa própria individualidade. Se milhões de pessoas entrarem em rebelião, o poder dos países, das nações, ficará nas mãos dessas pessoas, dos rebeldes.

Só em rebelião a revolução poderá triunfar; caso contrário, a revolução padece de múltipla personalidade.

A rebelião é uma só, única.

E quando digo que, em vez de revolução, viva a rebelião, estou a aproximar-nos mais de um todo completo. Em revolução, o mais certo é estarmos divididos, de algo ou para algo. Não se pode ter os dois juntos porque precisam de especializações diferentes.

Ora, em rebelião, as duas qualidades conjugam-se.

Quando um escultor faz uma estátua, está a fazer as duas; está a cortar a pedra — a destruir a pedra, digamos — e está, ao destruir a pedra, a criar uma estátua belíssima que não estava lá antes. A destruição e a criação vão de mão dada, não estão divididas.

A rebelião é um todo. A revolução são duas metades — e é este o perigo da revolução. A palavra é bonita mas, ao longo dos séculos, foi ficando ligada a uma mentalidade dividida. Ora, eu sou contra toda a espécie de divisões porque nos deixam esquizofrénicos.

Se muita gente for avante com esta rebelião — a qual não é contra ninguém, apenas contra o nosso próprio condicionamento — e revelar o novo homem em cada um de nós, o problema não será difícil. A revolução deverá ficar obsoleta. A rebelião é a palavra para o futuro.

CAPÍTULO 2

Reforma, Revolução e Rebelião: Os Três R's da Evolução do Homem

A História gira em torno dos esforços do homem para mudar a sociedade. Ainda continua – o que é que estamos a fazer mal?

A evolução do homem passa por três fases: a reforma, a revolução e a rebelião. A reforma é a mais superficial: toca apenas na superfície, nunca vai abaixo da pele. Não muda nada além das roupagens do homem; muda as formalidades do homem. Dá ao homem etiqueta, boas maneiras – uma espécie de civilização – sem mudar nada de fulcral no seu ser. Pinta o homem, puxa-lhe o lustro, e contudo, no fundo, este permanece o mesmo. É uma ilusão. Uma ficção. Confere respeitabilidade, e transforma toda a gente em hipócrita. Confere boas maneiras, mas estas são contrárias ao seu âmago. Nem sequer se compreendeu qual é o seu âmago.

Todavia, para a sociedade, a reforma cria facilidade. Serve de lubrificante. Mantém o statu quo, ajuda a que as coisas continuem na mesma – e afigura-se paradoxal, pois o reformista alega que está a mudar a sociedade mas, de facto, não faz mais do que pintar a sociedade antiga com cores novas. Mais, a nova sociedade consegue existir com mais facilidade em novas cores do que jamais conseguiria com as cores antigas. As antigas estavam a desbotar, a reforma é uma espécie de remodelação. A casa está a ruir; as vigas caem, os alicerces abanam, e continuamos a escorá-la, para impedirmos a casa de cair mais algum tempo. A reforma está ao serviço do statu quo: serve o passado, mas não o futuro.

A segunda fase é a revolução; esta vai um pouco mais fundo. A reforma muda somente ideias, nem sequer muda políticas. A revolução chega à estrutura – mas apenas exterior, nunca interior.

O homem tem duas estruturas, o homem vive em dois planos de existência. Um físico, outro espiritual. A revolução chega apenas à estrutura física, à economia, à política – relevam todas do físico. Vai mais fundo do que a reforma, destrói muitas coisas antigas, cria muitas coisas novas... Mas o ser, o ser mais íntimo do homem permanece inalterado. A revolução cria moral, cria personalidade. A reforma cria maneiras, etiqueta, civilização: o comportamento formal do homem altera-se. A revolução altera a estrutura exterior do homem – e muda mesmo, dá lugar a uma estrutura nova. No

entanto, a planta interior continua a mesma, a consciência interior mantém-se intocada. Cria-se uma divisão.

A primeira, a reforma, cria hipocrisia. A segunda, a revolução, cria esquizofrenia, impossibilita a ponte entre as duas estruturas do homem. O homem começa a derramar-se em dois seres. A ponte desabou — por isso é que os revolucionários prosseguem a negar a existência da alma.

Marx e Engels e Lenine e Estaline e Mao, todos prosseguem a negar a existência da alma. Têm de a negar, não a podem aceitar porque, se a aceitarem, toda a revolução que fizeram parecerá deveras superficial; a sua revolução deixará de ser total.

Lembre-mo-nos de que o reformista não nega a existência da alma; aceita-a porque não lhe traz problemas — nem nunca toca nesse ponto. Esse ponto não é problema. Gandhi aceita a alma, Manu aceita a alma — são reformistas. Nunca dizem que não a nada, são pessoas que avançam a dizer sim; gente educada. A menos que seja absolutamente necessário, não negam nada, aceitam. Porém, os revolucionários negam a alma. Têm de a negar, senão a revolução que obraram parece parcial.

A terceira fase é a rebelião. A rebelião faz-se a partir do âmago: muda a consciência, é radical; transmuta, é alquímica. Dá-nos um novo ser — não só um corpo novo, não só roupa nova, mas um novo ser. Nasce um novo homem.

Na história da consciência tem havido três tipos de pensadores: o reformista, o revolucionário e o rebelde. Manu, Moisés, Gandhi — são os reformistas, os mais superficiais. João Baptista, Marx, Freud — os revolucionários. Jesus, Buda, Krishnamurti — os rebeldes. Compreender a rebelião é compreender o coração da religião. A religião é rebelião.

A religião é mudança total. A religião é descontinuidade com o passado, o começo de algo novo, o abandono do antigo — completamente. Não há nada que se tenha de continuar porque, se algo continuar, o antigo há de continuar vivo.

A reforma pinta a superfície. A revolução destrói a estrutura antiga e exterior, mas a estrutura interior permanece a mesma. Na União Soviética ou na China, o homem interior é o mesmo, não há diferença, nem sequer um pouco. A mesma mentalidade — a mesma mentalidade gananciosa, ambiciosa, egoísta; a mesma mentalidade que se encontra na América ou em países capitalistas, não há diferenças. Ora, a estrutura exterior da sociedade alterou-se, a estrutura exterior da lei, do Estado, da economia, da política — isso alterou-se. Assim que se retirar a força à polícia e o poder ao governo, o homem recai no antigo padrão. Só se pode gerir pela força uma sociedade soviética, não pode tornar-se democrática porque, deixar as pessoas serem independentes seria deixá-las trazer o seu ser interior de volta às suas vidas. Ainda lá está. Foram impedidas, foram obstruídas, não o podem viver; têm de viver por aquilo que dita o governo. Não podem viver segundo o seu ser.

Por conseguinte, o comunismo é, em suma, ditatorial. Continuará ditatorial porque existe o medo de que se se der liberdade ao homem — e porque a consciência ainda lá está; a ganância, a ambição, e tudo o que sempre lá esteve — a antiga consciência recomeça a funcionar. As pessoas ficarão ricas, pobres, poderosas, impotentes. As pessoas começarão a explorar-se umas às outras, as pessoas começarão a lutar pelas suas ambições. Os que tiverem o poder na União Soviética continuarão a fazer o mesmo. Kruchev gabava-se dos seus automóveis porque tinha muitos. Mais ninguém os podia ter na Rússia, mas toda a gente queria ter um carro. Trata-se apenas de aplicar a lei, e não a verdadeira revolução.

A verdadeira revolução é espontânea. A essa revolução chama-se rebelião.

Mais algumas distinções destas três palavras, para podermos compreender a abordagem de Jesus.

A reforma não exige muito de nós. Diz-nos que basta embelezarmos a porta da frente; o resto da casa pode estar imundo. Vive-se na imundície, mas não se deixa os vizinhos verem essa imundície.

Basta que a entrada seja bonita porque não interessa nada aos vizinhos como é o nosso íntimo, o interior da nossa casa. Eles passam por fora e só veem a porta da frente. Pode fazer-se o que se quiser, mas só pela porta das traseiras. Por conseguinte, a porta da frente passa a ser uma fachada, uma montra, uma vitrina para vizinho ver. Na realidade, vive-se pela porta das traseiras, não se vive pela porta da frente. A porta da frente limita-se a estar ali, artificial; nunca se entra por ela, nunca se sai por ela, está ali apenas para ser vista pelos outros.

Observem bem as portas da frente — toda a gente as tem. Chamam-se caras, máscaras, personalidades, porque são *persona*: batom, pó-de-arroz e cosmética. Dão-nos uma *persona*; mas não somos assim, é só maquilhagem.

A revolução vai um pouco mais fundo, mas apenas um pouco. Muda a sala de estar para que possamos ter visitas sentadas. Acontece muito na Índia. Na Índia, a sala de estar é belíssima, mas não vão mais além. As cozinhas das pessoas são tão sujas e feias, as casas de banho quase impossíveis. Ora, na Índia, ninguém liga nenhuma à casa de banho nem à cozinha. Só se liga à sala de estar; é onde se recebe visitas.

É algo falso, que não toca no verdadeiro ser, mas que mantém o prestígio intacto. Assim é a moral, uma belíssima sala de estar. Para quem se puder dar ao luxo, também pode ter um Picasso na sala de estar. Depende do que se puder pagar.

Ainda no outro dia estive a ler uma historieta: o Charlie andava a passear na cidade com um amigo de fora, George. Estavam a admirar a paisagem quando George observou:

- Olha só aquela rapariga bonita, está a sorrir para nós. Conhece-la?
- Sim, é a Betty. 20 dólares.
- E quem é aquela morena que está com ela? Mas que belo par!
- Dolores. 40 dólares.
- Mas vê só quem vem lá! Ora aquilo é que é primeira classe.
- Glória. 80 dólares.
- Meu Deus! — exclamou George. — Não há raparigas simpáticas e respeitáveis nesta terra?
- Claro que há — respondeu Charlie. — Mas não tens dinheiro para isso.

*

A moral não vai muito longe; passado certo ponto, tropeça e desaparece. Toda a gente tem preço. O homem moral tem preço. Olhemos para nós próprios. Se formos na rua e encontrarmos mil dólares, talvez não lhes peguemos. Mas se encontrarmos dez mil... Hesitamos, pegamos ou não pegamos?, e se encontrarmos cem mil dólares, não há questão alguma, pegamos-lhes! Isto mostra-nos quão fundo vai a nossa moral — mil, dez mil, cem mil; toda a gente tem um preço. Só podemos dar-nos ao luxo de recusar até certo ponto. Além disso, é demais, a moral não vale o esforço! É então que preferimos ser imorais.

O homem moral não o é totalmente; só tem alguns estratos morais, além do que espreita a imoralidade. Logo, podemos levar qualquer pessoa moral à imoralidade muito facilmente. A única questão está em saber-lhe o preço.

Ouvi dizer que o Mulá Nasrudin viajava com uma mulher numa carruagem em primeira classe. Iam sozinhos. Ele apresentou-se e depois perguntou:

- Gostaria de dormir comigo esta noite?

A mulher, irritadíssima, respondeu:

— Mas o que é que está a pensar? Estará louco? Quem pensa que eu sou? Não sou prostituta!

O Mulá disse:

- Dou-lhe dez mil rupias.

A mulher começou a sorrir, aproximou-se e pegou na mão do Mulá.

O Mulá propôs:

— E se fossem dez rupias?

E a mulher disse:

— Mas quem pensa que eu sou?

O Mulá retrucou:

— Eu sei quem você é. Agora só estamos a regatear preços.

É sempre uma questão de preço. Dez rupias, e a mulher zanga-se. Dez mil rupias, e a mulher dispõe-se. Não se riam dela, esta situação é válida para todos! A moral não nos transforma. Vai mais fundo do que a reforma, tem um preço mais alto mas, no mais fundo do nosso ser, continuamos os mesmos.

A reforma é uma revolução parcial. A revolução é uma revolução exterior. A rebelião é uma revolução interior. Só quando tiver acontecido a interior é que poderemos fiar-nos nela; caso contrário, não é fiável. A reforma faz de nós hipócritas, a revolução faz de nós esquizofrénicos. Só a rebelião nos pode dar a integridade do ser, a espontaneidade, a saúde, a plenitude.

A reforma faz de nós respeitáveis. Se for respeito que queremos, basta a reforma. Dá-nos uma personalidade plástica. No exterior, começamos a ficar bonitos. No interior estaremos podres e malcheirosos, mas ninguém poderá detetar o fedor; o plástico protege-nos. Por dentro vamos ficando cada vez mais sujos mas, por fora, continuamos com boa cara.

A revolução cria uma divisão dentro de nós. Faz de nós santos, mas os pecadores ficam reprimidos. Os pecadores não foram absorvidos pelos santos, foram simplesmente isolados. A revolução faz de nós duas pessoas, cria dois mundos dentro de nós. O natural será reprimido, o moral ficará por cima. O moral, armado em superior, tentará dominar o subalterno, o natural. Claro que o natural tem muito poder, porque é natural, e há de vingar-se; há de continuar a imiscuir-se na nossa vida em busca dos pontos mais fracos. Há de perturbar a moral, há de criar sentimentos de culpa, e ficaremos em conflito constante porque ninguém pode sair vitorioso.

O apoio intelectual concentra-se no moral, mas todo o nosso ser anseia por apoiar o natural. O moral está no consciente e o natural está no inconsciente. O consciente é muito pequeno, e o inconsciente é nove vezes mais forte, nove vezes maior, do que o consciente. Porém, só conhecemos o consciente pelo que, no consciente o moral continuará a cantarolar e no inconsciente, nove vezes mais pujante, toda a espécie de imoralidades ganha raiz bem fundo dentro de nós. Fará de nós santos e pecadores — os

pecadores reprimidos, a aguardarem o momento certo para irromperem, o momento certo de se vingarem.

Por isso é que as pessoas parecem tão tristes, parecem tão abatidas, porque todo o seu ser está a definhar no conflito. Está lá uma tensão contínua. O santo é muito tenso, sempre angustiado e sempre receoso — receoso do seu próprio ser a quem renegou. E o renegado está lá! Mais cedo ou mais tarde, há de despejar o consciente moralista, egoísta, fingidor. Há de derrubar o fingidor.

O santo está sempre à beira de uma espécie de insânia. Sabem... Se tentarem ser santos, saibam que estarão sempre à beira do abismo. Basta pouca coisa para alterar o equilíbrio todo, para perder a sanidade. A neurose nasce e cresce quando se está dividido.

A rebelião é a revolução interior. A rebelião começa por dentro, a reforma começa por fora. Nunca comecem por fora. Comecem pelo âmago. Comecem pelo vosso próprio ser. A reforma diz-nos o que fazer. A revolução diz-nos o que ser — mais santo, com melhor carácter, com boas qualidades. A revolução engrossa a pele e cria uma armadura que nos protege do exterior, e do interior também. Uma armadura de aço — a isso se chama "carácter".

Um homem verdadeiro não tem carácter. Jesus não tem carácter, era esse o problema; caso contrário, os Judeus não teriam sido tão contra ele. Ele era líquido; ele não tinha carácter, não tinha armadura. Era aberto, vulnerável, indefeso, porque não era moralista. Não era santo, era sábio.

A reforma faz de nós cavalheiros. A revolução faz de nós santos. A rebelião faz de nós sábios. Jesus era sábio. O que quer que tenha feito, não o fez por via de certa moral, mas sim por via de certo entendimento; não por regras vindas do passado, mas sim por uma perspicácia espontânea. A rebelião depende da perspicácia, a revolução do carácter e a reforma de formalidades.

Comecemos por ser mais perspicazes, comecemos pelo âmago. Deixemos que a luz irradie de dentro para que todo o nosso ser possa ficar inundado de luz. Não há para onde ir do exterior.

A única maneira é vir de dentro — tal como uma semente cresce a partir de dentro, rebenta de dentro e se torna numa árvore grande. Que seja esse o nosso trabalho interior também: como uma semente, crescer.

A reforma é uma manta de retalhos, uma espécie de cal — um pouco aqui, um pouco ali, mas na estrutura base nem se toca. A reforma pode ser pró-revolução ou contra a revolução; depende de nós. Há dois tipos de reformistas: os que preparam o terreno para a revolução, ou aqueles que tentam impedir a revolução. A reforma dá a sensação de que as coisas estão a melhorar, qual é a necessidade de fazer uma revolução? Para quê tanto

trabalho? A reforma dá esperança, e as pessoas param. Por conseguinte, depende de nós.

Um homem com o entendimento certo também pode usar a reforma, mas um homem que não seja consciente não poderá usar a reforma enquanto processo para a revolução; antes pelo contrário, a reforma será um estorvo para a revolução. O mesmo se verifica com a revolução. A revolução pode ser um alçapão para a rebelião, mas apenas com perspicácia; caso contrário, será um estorvo. Pensa-se, "Agora que se deu a revolução, que necessidade há de ir mais fundo? Já é demasiado." Por conseguinte, a reforma pode ser estorvo ou ajuda, e o mesmo se verifica com a revolução.

Tudo depende da nossa perspicácia, tudo depende do nosso entendimento — do quanto compreendemos a vida.

Deixemos então que esta seja uma das regras mais fundamentais da vida e do trabalho, de que tudo depende, em última instância, do entendimento, da nossa compreensão. Até uma coisa que viria a ser grande ajuda se pode tornar um estorvo se faltar entendimento. Do mesmo modo, até algo que viria a ser um veneno se pode converter, com compreensão, em algo medicinal. Todos os medicamentos são feitos de venenos: não matam, ajudam as pessoas a continuarem saudáveis. Nas mãos certas, até o veneno serve de remédio; nas mãos erradas, até um remédio se pode revelar um veneno.

A revolução é a mudança da estrutura — física, social, exterior, económica, política; mas o homem permanece imperturbado. Pode ser contra a rebelião ou pró-rebelião. Em cem casos, noventa e nove são contra a rebelião. Por isso é que o comunismo é contra a religião, não é por acaso.

O comunismo sente que a religião é o verdadeiro inimigo. Porquê? — porque a religião vai muito mais fundo do que o comunismo pode ir. Aí está a inveja, aí está o problema. Se não houver religião, o comunismo parecerá a derradeira revolução. Assim não haverá nada superior.

Ora se a religião estiver presente, o comunismo parecerá mais ou menos, insípido; não merece a pena falar dele. O comunismo pretende aniquilar a religião, exterminar a religião à face da terra.

Fizeram-no na União Soviética, estão a fazê-lo na China. Até o estão a fazer no Tibete, que era um dos países mais religiosos, com uma das religiões mais longevas — viva, a mais pura; a nascente ainda não estava suja nem poluída. Agora até isso estão a destruir.

O comunismo tem muito medo da religião porque o comunismo vê que a religião vai mais fundo, e que muda o homem a partir do âmago. Só quando o novo ser humano nasce é que nasce uma nova sociedade. Tentámos de tudo. Criámos damas e cavalheiros, não se revelaram grande coisa. Mudámos sociedades, experimentámos utopias — todas fracassaram. A reforma fracassou, a revolução fracassou.

Nunca se tentou a rebelião em larga escala. Sempre que se tentou em pequena escala, triunfou sempre. Triunfou com Buda: milhares de pessoas passaram por uma rebelião e saíram renovadas. Triunfou com Jesus, triunfou com Lao Tsé, triunfou com Krishna. A rebelião triunfou sempre, mas para muito pouca gente. Nunca aconteceu em larga escala. Nunca estreitou a alma da humanidade, e é nisso que é preciso trabalhar agora.

A maior parte da humanidade tem de acolher a visão da perspicácia, a rebelião, e somente assim poderá o homem ser mesmo humano. O homem só é humano de nome; mas ainda não é humano, visto que lhe faltam as qualidades humanas que constituem um homem. Não estão lá. A compaixão não está lá, o amor não está lá, a meditação não está lá. A devoção, a gratidão não estão lá, a celebração não está lá.

A reforma traz novas ideias, a revolução traz nova estrutura de apoio a essas novas ideias, e a rebelião traz nova consciência, um novo homem, um novo ser para apoiar essas estruturas. Começemos pelos alicerces. Deixemos que a rebelião seja a base, e depois façamos a estrutura da revolução. Em seguida, façamos uma cúpula de reforma, e não o contrário. Caso contrário, fica tudo de pernas para o ar.

O básico é compreender a situação num todo: como é que o homem se está a portar até agora? O que é que tem vindo a correr mal? Por que é que há tanto sofrimento? Por que é que começamos sempre pela ponta errada e nunca conseguimos chegar ao verdadeiro cerne do problema?

CAPÍTULO 3

Padres e Políticos - Parasitas no Poder

Osho, por que é que a humanidade atualmente se sente cada vez mais infeliz?

A causa é muito simples, talvez simples demais. Está muito próxima, é muito óbvia, e é essa a razão de a maior parte das pessoas não reparar nela. Quando algo é muito óbvio, passa a dado adquirido; quando algo está muito próximo dos olhos não se consegue ver. Para ver, é preciso alguma distância.

Por conseguinte, a primeira coisa que quero relembrar é que não é de hoje que a humanidade se sente infeliz. A humanidade sempre se sentiu infeliz. Ser infeliz quase faz parte da nossa natureza.

Vivemos assim há milhares de anos. Essa proximidade não nos deixa ver; se víssemos, acharíamos óbvio.

Ora, para ver o óbvio, é precisa a visão de uma criança, e todos nós trazemos milhares de anos nos nossos olhos. Os nossos olhos são antigos; não têm frescura para ver. Já aceitaram as coisas, e já se esqueceram de que essas coisas são a causa da própria infelicidade.

Os profetas religiosos, os líderes políticos, os legisladores da moral... Temo-los respeitado sem desconfiar sequer de que são a causa da nossa infelicidade. Como é que se há de desconfiar deles? Esta gente tem prestado serviço à humanidade, tem-se sacrificado pela humanidade. Nós veneramo-la; não a conseguimos relacionar com a infelicidade.

As causas da infelicidade estão camufladas com belas palavras, escrituras sagradas, sermões espirituais.

Aconteceu quando eu era estudante, o primeiro-ministro da Índia foi à minha terra. Em Jabalpur, mesmo no meio da cidade, corre toda a porcária que a terra produz. É uma cidade muito grande e, mesmo no meio, correm como num rio todos os detritos. Há uma ponte por cima, e passar essa ponte é conhecer um pouco do inferno. Nunca vi sítio mais fedorento.

No dia em que Jawaharlal Nehru, o primeiro-ministro, foi à cidade, a ponte constituía um dos maiores problemas. Ele tinha de a passar, era a única maneira de chegar ao outro lado da cidade. Por conseguinte, cobriram a ponte com flores de jasmim-árabe. Era verão, e o jasmim é uma flor muito perfumada... A ponte inteira dos dois lados tinha grinaldas de jasmim

penduradas. Podia-se passar a ponte sem se dar conta de que, logo atrás dos jasmims, do mural de flores, estava o sítio mais imundo que já se viu.

Eu estava para entrar na universidade. Ao ver as pessoas a decorarem a ponte Naudra — assim se chamava a ponte, porque tinha nove pilares, nove passagens por onde passava a imundície — ao ver as pessoas a pendurarem as flores, parei. Comecei a trabalhar com as pessoas que estavam a fazer a decoração, e ninguém objetou porque era muita gente, e tinha de se fazer depressa, não tardava que Jawaharlal passasse. Assim, misturei-me com os trabalhadores, os voluntários.

Quando chegou o cortejo de Jawaharlal e ele apareceu num jipe aberto, pus-me em frente do jipe e fi-lo parar. Não teria sido possível em nenhum outro sítio, porque havia por todo o lado polícia militar, guardas, segurança. Na ponte Naudra, os voluntários estavam dos dois lados e não havia multidão, porque ninguém queria lá estar. A multidão não sabia o que acontecera, nem que o fedor estava bem disfarçado pelas flores de jasmim. Cheirava ao paraíso! O povo não sabia por que é que só os voluntários estavam perto. Eu disse a Jawaharlal:

— Por favor, saia do jipe. O senhor tem de ver além das flores e ver a realidade desta terra. Estão a ludibriá-lo; estas flores não são enfeites para lhe dar as boas-vindas, foram postas aqui para o enganar. — E ele perguntou:

— A que te referes? — E eu respondi:

— Saia do jipe, aproxime-se das flores e olhe além delas.

Ele era um homem muito sensível e inteligente. Tentaram impedi-lo, os líderes locais. E eu disse:

— Não dê ouvidos a esses tolos. Foram eles que mandaram fazer aqui arranjos de flores. O senhor viu no resto da cidade, nalgum lado, milhares de flores para o receber? E não há aqui nenhuma multidão. Basta somar dois e dois. Saia do jipe, por favor.

Ele saiu e foi comigo ver além das flores: não podia acreditar! Disse ao povo, aos líderes locais, ao presidente da câmara, aos vereadores e ao presidente do congresso:

— Se este jovem não fosse obstinado, eu não teria visto a realidade da vossa terra. É isto que têm andado a fazer aqui?

E disse-me:

— Se alguma vez fores a Nova Deli, vai visitar-me. — Ao que eu retorqui:

— Alguma vez, não, vou simplesmente visitá-lo. Mas diga aos idiotas que o rodeiam para me deixarem entrar.

Ele disse ao secretário:

— Trate de que ninguém impeça este jovem de entrar. — E o secretário veio a ser um dos meus discípulos. Sempre que precisei de alguma coisa, ele estava sempre disposto a tratar disso; as portas da casa de Jawaharlal estiveram sempre abertas para mim.

Lembro-me deste incidente porque é o que tem acontecido a toda a humanidade. Vemos a infelicidade, mas não vemos a causa. A causa está coberta de flores. Vemos as flores e, como não podem ser as flores a causar a infelicidade, viramos costas.

A segunda coisa a ter em conta é que não é de hoje que a humanidade se sente infeliz; sempre foi assim.

Sim, aconteceu uma coisa nova — é uma diferença pequena, mas uma diferença que faz realmente diferente — ou seja, certa percentagem da humanidade ganhou uma perspicácia que antes não tinha. A infelicidade esteve sempre presente. Ora, ter noção da infelicidade é um fator novo, e nele está o princípio da transformação.

Se ganharmos perspicácia acerca de algo, surge a possibilidade de se poder fazer alguma coisa para mudar.

As pessoas têm-se sentido infelizes e aceitam que é esse o seu destino. Ninguém questiona. Ninguém pergunta porquê.

Antes que alguém pudesse perguntar porquê, os profetas religiosos, os messias e padres, tinham uma resposta pronta.

O Cristianismo tem uma resposta pronta: é porque Adão e Eva cometeram o pecado original; daí o sofrimento de todos. Ora, é possível ver alguma ligação? Mesmo segundo o Cristianismo, o mundo foi criado quatro mil e quatro anos antes do nascimento de Jesus — o que não é nada exato, o que é absolutamente estúpido. O mundo tem milhões de anos de idade.

Contudo, mesmo que os Cristãos tivessem razão, Adão deve ter cometido o pecado original há, pelo menos, cinco mil anos. Alguém que comete um pecado cinco mil anos antes... Quantas gerações passaram desde então? E continuamos infelizes por causa do pecado dele? Parece absolutamente injusto! Se ele cometeu mesmo um pecado, Deus fê-lo sofrer, por que é que temos de ser nós a sofrer? Nós nunca tivemos nada com isso. Se alguém tiver de sofrer, que seja o próprio Deus porque, em primeiro lugar, qual era a necessidade de criar duas árvores? Se não era para deixar o homem comer delas, seria tão simples — Deus não deveria ter criado aquelas duas árvores. Se alguém cometeu o pecado original, foi ele.

Mais, mesmo que Deus tivesse de criar as duas árvores, qual a necessidade de dizer a Adão para não comer delas? Não me parece que Adão, por si só, mesmo nesta altura, tivesse encontrado as duas árvores. Entre milhões de árvores, seria apenas coincidência que Adão as encontrasse. Ora, Deus mostrou-lhe as árvores e disse: "Estas são as duas árvores, e não podes comer delas."

E este Deus é Judeu. Sigmund Freud compreende melhor — também é Judeu, nascido do pecado original —, compreende muito melhor do que este Deus judeu. Dizer a alguém para não fazer algo é provocar essa pessoa, é dar-lhe um desafio, é causar-lhe fascínio. Não é realmente a serpente a convencer Adão e Eva, é o "não" de Deus que os provoca, e ficam curiosos quanto ao porquê.

E as árvores não são venenosas. Uma é a árvore da sabedoria. Não parece haver lógica nenhuma que tenha interditado a árvore da sabedoria ao homem. A outra é a árvore da vida eterna. As duas árvores são as melhores em todo o jardim do Éden. Deus deveria ter-lhe dito: "Não percam estas duas árvores! Podem descartar tudo o mais, mas não percam estas duas árvores!" Antes pelo contrário, ele diz a Adão e Eva: "Não façam isso."

O "não" é a verdadeira causa da desobediência; a serpente não passa de uma desculpa.

Porém, mesmo que eles tivessem cometido um pecado, quer por via de Deus, quer por culpa da serpente, há a certeza absoluta de que nós não temos nada com isso — de maneira nenhuma! Não estávamos lá a apoiar ninguém.

Os Cristãos têm vindo a enganar o mundo inteiro, os Judeus têm vindo a enganar o mundo inteiro, a dizerem que é devido ao pecado original que o homem sofre, que o homem se sente infeliz. O homem tem de arrepiar caminho, tem de desfazer o que Adão e Eva fizeram. Eles desobedeceram; nós temos de obedecer a Deus. Eles desobedeceram e foram expulsos do paraíso, se nós obedecermos completamente, sem qualquer réstia de dúvida, sem questionar nada, seremos autorizados a voltar ao mundo da beatitude, ao paraíso.

A infelicidade existe por causa do pecado original, segundo estas religiões judaicas: Judaísmo, Cristianismo, Islamismo. Estas três religiões vêm da mesma fonte; todas creem no mesmo pecado original, e que nós sofremos por sermos a descendência de quem o cometeu. Nem a justiça humana pode castigar o filho de um criminoso por ser filho de um criminoso. O pai até pode ter assassinado alguém, um crime grave, mas não se pode castigar o filho também. O filho não tem nada a ver com isso.

Adão e Eva não cometeram nenhum crime grave — sentiram apenas curiosidade. A mim parece-me que qualquer pessoa com cabeça teria feito o mesmo. Era absolutamente certo acontecer, porque há profunda necessidade no homem de saber. É intrínseca, não é pecado. Está na natureza dos seres

humanos quererem saber. E Deus proíbe-os. Deus diz-lhes: “Continuem ignorantes.”

Existe, do mesmo modo, um desejo intrínseco e intenso pela vida eterna. Ninguém quer morrer. Nem uma pessoa que cometa suicídio é contra a vida. Talvez espere que a próxima vida seja melhor. Está tão cansada de tanto sofrimento e angústia que pensa, “Nesta vida não há esperança, por que não hei de arriscar? Esta vida não me dá nada e não me vai dar nada — vou arriscar! Se sobreviver e entrar noutra vida, talvez...” Este “talvez”, esta vontade latente, ainda se encontra na pessoa que comete suicídio. Pode querer suicidar-se em protesto contra muitas coisas, mas não contra a própria vida.

Estas duas coisas, a vontade de saber e a vontade de viver, são os desejos basilares e mais profundamente arreigados do homem, e, contudo, proíbem-lhe de realizar a sua própria natureza. Se a realizar, sente-se culpado; se não a realizar, continua a sentir-se infeliz. Essa gente criou o cenário para a nossa infelicidade.

Vou resumir: se fores natural, sentir-te-ás culpado, e será essa a tua infelicidade, a tua ansiedade, a tua angústia — que castigos te esperam! Estás a desobedecer a Deus, porque todas as escrituras e mandamentos vão contra a tua natureza. Logo, se realizares a tua natureza, haverá infelicidade. Se não realizares a tua natureza, acabarás por te sentir infeliz porque te sentirás vazio, incompleto, insatisfeito; sentir-te-ás espúrio, completamente inconsequente.

Por conseguinte, há dois tipos de gente infeliz no mundo: um que segue os profetas religiosos, e um que não segue. É muito difícil encontrar a terceira categoria, um homem como eu, que não se rala nem um pouco. Não os sigo nem estou contra eles. Nem sequer os odeio; está fora de questão adorá-los. Para mim, são absolutamente absurdos e inconsequentes, irrelevantes para a nossa existência. Haverá sempre sarilho qualquer que seja o partido que tomemos.

Não tomem partidos, nem contra nem a favor; digam simplesmente a essas entidades, “Vão bugiar! E levem as escrituras todas convosco.” Só assim ficarão livres da infelicidade.

No Oriente, há uma explicação diferente. As explicações até podem ser diferentes, mas a finalidade é a mesma. No Oriente, as três religiões — Hinduísmo, Jainismo, Budismo — todas ensinam que a infelicidade se deve a más ações em vidas passadas. Ora, vivemos milhões de vidas passadas, em diferentes formas, diferentes corpos, animais, pássaros... Deste modo, as religiões têm uma perspetiva vasta. Há 840 milhões de espécies vivas. Pelo menos a perspetiva é vasta, e não acanhada, como a perspetiva cristã... Apenas seis mil anos?

A perspetiva oriental é certamente grandiosa: 840 milhões de espécies e passámos por elas todas; depois tornámo-nos humanos. Em todos estes

longos anos — teremos de usar o termo “anos-luz” com Hindus, Jainas e Budistas — fizemos tantas coisas, boas e más, e fica tudo gravado dentro de nós. Se sofrermos, significa apenas que as más ações nos pesam. Temos de sofrer, é a única maneira de nos livrarmos delas. Temos de pagar pelos maus atos. Quem mais é que vai pagar? Mataste alguém na tua última vida, agora quem é que vai pagar?

A explicação destas religiões parece mais matemática, mais lógica, do que Adão a cometer um pecado e nós a sofrermos seis mil anos depois. Já passaram tantas gerações, e o pecado ainda está fresco. Tantas gerações que sofreram e foram castigadas por isso, e nós ainda somos castigados por isso. É possível castigar tanta gente pelo pecado de um único homem? E isto vai continuar para todo o sempre. Pelo menos, a visão oriental parece ser mais lógica: numa vida anterior fizemos más ações e claro que temos de sofrer por elas. Eu digo que parece mais lógica, mas não que seja existencialmente verdadeira.

A que me refiro quando digo que não é existencialmente verdadeira? Refiro-me a que, sempre que agimos, o resultado da ação é intrínseco à própria ação, não espera pela próxima vida. Por que é que havia de esperar? Se bebermos veneno agora, morremos na próxima vida? Tenho debatido com shankaracharyas hindus, monges jainistas, bhikkus budistas, e pergunto: “Diz-me, se alguém der uma martelada numa mão, sofre na próxima vida ou aqui e agora?” A ação traz reação imediata. Não espera. Por que é que havia de esperar, e porquê pela próxima vida em particular?

Têm andado a enganar as pessoas, claro que com mais lógica do que Cristãos e Judeus e Muçulmanos. Donde, não há Hindu sofisticado que se possa converter ao Islão, ao Judaísmo, ao Cristianismo — é impossível, porque todas as ideias parecem deveras infantis; o crente dessas religiões tem explicações muito mais lógicas. Porém, essas explicações lógicas apenas são significativas à superfície; no fundo, não há nada de substancial nelas.

Já discuti com esta gente toda. Nenhuma dessas pessoas foi capaz de dar resposta à minha pergunta. Se pusermos a mão no fogo, ficaremos queimados na nossa próxima vida? A ação está aqui, a reação tem de ser aqui. Estão unidas, não se as pode separar. No momento em que amamos, somos felizes. Não é numa próxima vida, em que estamos profundamente infelizes que, de repente, um dia sentimo-nos felizes — o bom karma da última vida! Estaremos a desligar coisas que, pela sua própria natureza, são impossíveis de desligar. Odiamos alguém e, nesse ódio, estamos a arder. Estamos irados e, nessa ira, e não fora dela, estamos a sofrer. A minha abordagem é que, em cada momento, seja o que for que estivermos a fazer terá reação imediata.

O homem está infeliz porque as religiões não o têm ajudado a destruir as causas da infelicidade. Antes pelo contrário, têm-no consolado para ele continuar como está. No Oriente, disseram às pessoas que a revolta, a revolução, são do mesmo cariz que a desobediência, a desordem, que criam o

caos: as pessoas vão sofrer imenso na próxima vida. Já estão a sofrer, e a preparar terreno para mais sofrimento. Criaram uma lacuna entre esta vida e a próxima, a vida passada e esta vida. É uma belíssima estratégia porque não há ninguém entre nós com provas de vidas passadas — de que fizemos boas ou más ações — nem temos maneira de saber o que nos vai acontecer na próxima vida, na vida vindoura. As religiões arranjaram explicações belíssimas e camuflaram a porcaria fedorenta com flores lindíssimas. Por conseguinte, cheiramos a flor e esquecemo-nos do rio malcheiroso que corre logo abaixo, subjacente. Se deitarmos fora as flores conseguiremos ver de imediato a razão de a humanidade estar em tamanho sofrimento.

A novidade que se deu, como eu já disse, é que um por cento da humanidade chegou a um ponto em que consegue ficar um pouco alerta, desperta. Esta percentagem da humanidade, sensibilizada para a infelicidade, ao ver a humanidade como um todo já a viver no inferno, pergunta: “Mas de que outro inferno é que estão a falar? Não pode haver nada pior do que o que já está a acontecer na terra.” Esta percentagem da humanidade levantou estas questões, as quais também chegaram a quem não está alerta, mas chegaram seja como for. Também ouviram e começaram a sentir uma ínfima agitação da sua consciência: “Sim, há infelicidade, uma imensa infelicidade.”

Os políticos têm andado a enganar-nos. Dizem, “Se houver democracia, não haverá sofrimento. Se houver independência, não haverá sofrimento. Se houver socialismo, não haverá sofrimento. Se houver comunismo, o sofrimento desaparece.” Ora, há democracia, e o sofrimento continua a aumentar, a acumular. Os países são independentes, não há países com escravatura, mas até nos países independentes a infelicidade não é menor. Talvez até seja maior, porque não podem pôr as culpas da sua infelicidade em mais ninguém — agora que são independentes. Um país escravizado tem, pelo menos, consolo. É esta a minha experiência.

Antes de a Índia alcançar a independência, era este o sentimento em todo o país. A minha casa era palco de conspirações. Os meus dois tios tinham estado presos muitas vezes e, todas as semanas, tinham de se apresentar na esquadra da polícia para afiançarem que não andavam a fazer nada contra o governo, e que ainda lá estavam. Não podiam sair da cidade, mas as pessoas iam ter com eles — e tinham todas tanta esperança.

Eu era apenas uma criança mas já pensava, “Esta gente diz que basta ficarmos independentes para desaparecer toda a infelicidade. Como é que é possível? Não vejo relação alguma.” Mas havia esperança. Havia a terra prometida, muito perto; bastava algum esforço para que a alcançássemos. Havia sofrimento, mas não éramos nós os responsáveis: eram os Britânicos. Era um grande consolo deitar todas as culpas para os Britânicos.

Com efeito, eu gostava de fazer perguntas aos revolucionários que eram visitas secretas da casa, ou que lá ficavam durante meses... Um deles, um revolucionário muito famoso, Bhavani Prasad Tiwari, era líder nacional do partido socialista. Sempre que tinha de passar à clandestinidade, ia à minha

aldeia e ficava a morar em minha casa, escondido. Não saía o dia inteiro — e ninguém o conhecia na aldeia, fosse como fosse. Mas eu não o largava. Ele dizia-me sempre:

— Fazes perguntas tão inconvenientes que, por vezes, parece-me que estaria melhor numa prisão inglesa do que em tua casa! Pelo menos lá teria tratamento de primeira classe.

Ele era um líder famoso e teria tido realmente tratamento de primeira classe — classe especial dos presos políticos — com todas as conveniências, boa comida, boa biblioteca. Pelo menos teria liberdade, porque os presos de primeira classe não eram obrigados a trabalhar. Escreviam autobiografias e outros livros: todas as grandes obras que os grandes líderes indianos escreveram foram escritas enquanto estavam presos. Davam passeios — fechavam-nos em sítios bonitos que nem sequer se poderiam chamar prisões; eram criados especificamente para eles. Tinham hectares de verdura, vistas maravilhosas. Assim, Bhavani Prasad Tiwari dizia-me:

— Seria melhor que eu deixasse de ser clandestino, porque tu fazes perguntas tão inconvenientes. — E eu dizia:

— Se não lhes sabe responder, o que é que vai acontecer ao país quando ficar independente? São questões a que terá de dar resposta. Nem sequer sabe responder verbalmente, e depois terá mesmo de as resolver.

Eu perguntava-lhe:

— Só com a saída dos Britânicos — e não havia assim tantos Britânicos — como é que a pobreza vai desaparecer? Está à espera que eu acredite que, antes de os Britânicos chegarem à Índia, a Índia não era pobre?

— Era pobre como agora, talvez ainda mais pobre, porque os Britânicos trouxeram indústria, tecnologia, e isso ajudou o país a melhorar um bocadinho. Trouxeram educação, escolas, colégios, universidades. Antes disso, não havia como ter um percurso educativo: os únicos instruídos eram os Brâmanes, porque o pai ensinava o filho. O resto das classes continuava iletrado porque essa era a melhor maneira de continuarem escravizados. A educação pode ser perigosa.

— Como é que vai acabar com a pobreza? Como é que vai acabar com as centenas de espécies de ansiedades e infelicidades que nada têm a ver com os Britânicos? Temos um marido a sofrer por causa da mulher: como é que isso vai ajudar? Os Britânicos foram-se embora, pronto; mas a mulher ainda lá está, o marido ainda lá está; como é que isso vai mudar alguma coisa? — E ele dizia:

— Eu sei que é muito difícil, mas deixa que primeiro consigamos a independência.

Os líderes políticos têm mantido a humanidade na esperança — sempre de algo longínquo, a grande esperança...

Em prol de uma sociedade sem classes, a União Soviética há sessenta anos que sofre de tudo: “A sociedade sem classes vai acontecer dentro em breve!” Quando é que essa espera vai terminar?

Trata-se de uma estratégia antiga. Jesus dizia aos seus seguidores, “Não tarda a estarem todos comigo no reino de Deus. Não tarda a que possam confirmar que os que me seguem serão salvos e os que não me seguem irão para o inferno eterno.” Ainda não aconteceu, e nem sequer sabemos se Jesus está ou não com Deus.

Ele até prometeu regressar. Eu acho que deve ter perdido a coragem — uma vez crucificado basta! Agora ele seria outra vez crucificado, desta feita no Vaticano, porque desta vez viria enquanto cristão. Será o Papa a decidir: “Este homem tem de ser crucificado — é um fingidor, um anticristo. Não é nosso senhor porque, quando nosso senhor vier, virá coberto de glória sentado numa nuvem. É assim que o senhor tem de vir. E este homem nasceu de uma mulher, nem sequer de uma virgem.” Andam à procura da nuvem onde o senhor virá sentado, e o senhor escapuliu-se!

Mas a esperança... Os políticos continuam a dar esperança e não há meio de algo se materializar.

Há que compreender uma coisa com a maior clareza: não há esperança que possa ajudar, não há falsa explicação que possa ajudar. Temos de descartar estas balelas todas e ver a realidade como Ela é.

CAPÍTULO 3

Cristianismo e Comunismo: Sócios no Mesmo Esquema para Extorquir os Pobres

Osho, costuma falar tanto contra as religiões, mas por que é que parece ser especialmente contra o Cristianismo?

Abomino favorecer o Cristianismo com atenções especiais mas, infelizmente, é bem merecido. É a mais horrenda manifestação da religião à face da terra, por muitas razões.

Primeira: O Cristianismo é a única religião bem organizada. Quanto mais uma religião for organizada, menor a possibilidade de ser religião. A verdade, pela sua própria natureza, não pode ser organizada. Organizar a verdade ou destruí-la são uma e a mesma coisa. A verdade só está viva quando a organização for apenas funcional, solta. A organização do Cristianismo é muito apertada, burocrática, hierárquica. Devido a este tipo de organização, tornou-se mais um jogo de poderes políticos do que o desabrochar de qualidades religiosas.

Nos últimos dois mil anos, o Cristianismo causou mais estragos na humanidade do que qualquer outra religião. O Islamismo tem tentado concorrer, mas não tem tido êxito. Chegou muito perto, mas o Cristianismo continua no topo. O Cristianismo massacrou pessoas, queimou pessoas vivas. Em nome de Deus, da verdade, da religião, tem matado e chacinado pessoas — para o bem delas. Quando o assassino nos mata para nosso próprio bem, está completamente isento de sentimento de culpa. Antes pelo contrário, o sentimento é de que fez um belo trabalho. Prestou serviço à humanidade, a Deus, a todos os grandes valores do amor, da verdade, da liberdade. O assassino sente-se entusiasmado. Sente que é agora um ser humano melhor.

Quando se recorre ao crime para que as pessoas se sintam melhores seres humanos, é o pior que pode acontecer. Passa-se assim a praticar o mal pensando que se faz o bem. Destrói-se o bem a pensar que isso é bom. Este é o pior tipo de doutrinação que o Cristianismo pôs na cabeça das pessoas. A ideia da cruzada, da guerra religiosa, é o maior contributo do Cristianismo. O Islamismo aprendeu com o Cristianismo; não podem alegar ser os inventores da ideia. Chamam-lhe jihad, guerra santa, mas apareceram quinhentos anos depois de Jesus. O Cristianismo já criara na cabeça das pessoas a ideia de que a guerra também pode ser religiosa.

Ora, a guerra assim é irreligiosa. Não pode haver nada como uma cruzada, uma jihad, uma guerra santa. Se chamarmos santa à guerra, a que é que vamos chamar profana, ímpia, pecadora? Trata-se de uma estratégia para destruir o raciocínio das pessoas. Assim que pensarem em cruzada, deixam de pensar que haja algo de mal: vão lutar por Deus contra o diabo. Não há Deus nem diabo, estão simplesmente a lutar e a matar gente. E o que é que temos com isso? Se Deus não consegue destruir o diabo, por que é que pensamos que conseguimos? Se Deus for impotente e não conseguir destruir o diabo, será que um Papa polaco pode? Estes Cristãos conseguem? Jesus consegue? Deus vive com o diabo há uma eternidade. Mesmo agora, as forças do mal são muito mais poderosas do que as forças do bem, pela simples razão de que as forças do bem também estão nas mãos das forças do mal.

Chamar à guerra religiosa, santa, é a própria causa da guerra — porque a primeira guerra mundial aconteceu no contexto cristão, a segunda guerra mundial aconteceu no contexto cristão, e a terceira guerra mundial vai acontecer no contexto cristão. Há outras religiões também, mas por que é que estas duas grandes guerras aconteceram no contexto cristão? O Cristianismo não se pode furtar a assumir a responsabilidade. Uma vez criada a ideia de que a guerra pode ser religiosa, não se pode monopolizar essa ideia.

Adolf Hitler dizia à sua gente: “Esta guerra é santa”; era uma cruzada. Ele simplesmente aproveitava o contributo do Cristianismo. Era cristão, e pensava ser a reencarnação do profeta Elias. Considerava-se igual a Jesus Cristo, talvez até melhor, porque o que Jesus não lograra fazer, tentava ele fazer. Jesus só lograra ser crucificado. Adolf Hitler quase triunfou. Se tivesse triunfado — o que era 99 por cento possível, mas ele fracassou por apenas um por cento — o mundo inteiro teria sido purificado de tudo o que fosse judeu, de tudo o que não fosse cristão. O que é que ficaria?

Sabem que mais? Adolf Hitler foi abençoado pelo arcebispo, e este disse-lhe, “Vai vencer porque Cristo está consigo e Deus está consigo.” Os mesmos loucos abençoavam Winston Churchill e diziam: “Deus está consigo e Cristo está consigo, a vitória está assegurada.” Os mesmos loucos, até maiores, estavam no Vaticano, porque o Vaticano faz simplesmente parte de Roma, e Mussolini estava a ser abençoado pelo Papa — representante, e representante infalível, de Jesus Cristo.

Poder-se-á pensar que o arcebispo alemão não é infalível, que o arcebispo de Inglaterra não é infalível — até se lhes pode perdoar, são falíveis — mas e o Papa, há séculos tido pelos Cristãos como infalível? Ora, este Papa infalível abençoa Mussolini pela vitória porque “ele luta por Jesus Cristo e por Deus” — e Mussolini e Adolf Hitler eram um único partido; juntos tentavam vencer o mundo inteiro.

Talvez o Papa tivesse esperança de que, caso Mussolini vencesse, houvesse hipótese de que o Cristianismo se tornasse a religião universal. Há

dois mil anos que tentam que o Cristianismo seja a religião universal, tentam destruir todas as outras religiões. Não basta que o Cristianismo tenha contribuído para a ideia de guerra...

No Jainismo a ideia de guerra santa está fora de questão. Todas as guerras são ímpias. Pode combater-se em nome da religião, mas o próprio combate é irreligioso. O Budismo não tem conceito de guerra santa; donde, o Jainismo e o Budismo nunca terem contribuído para guerra alguma, e contam já com uma história muito longa. O Jainismo tem, pelo menos, dez mil anos de existência e nunca teve uma única guerra, santa ou ímpia. O Budismo também é mais antigo do que o Cristianismo, quinhentos anos mais antigo, e conta com tantos acólitos quanto o Cristianismo — porque, tirando a Índia, toda a Ásia é budista — mas não se regista um único exemplo de sacerdote budista a abençoar qualquer espécie de guerra.

Tem havido guerras; tem havido políticos nesses países também. Tem havido combates — o Japão e a China têm-se guerreado e são ambos budistas — mas não estiveram envolvidos sacerdotes budistas japoneses nem sacerdotes budistas chineses, nem sequer por darem bênçãos. Esta gente mostra alguma coragem, e o Papa parece ser um completo prestidigitador. Não tem coragem nenhuma.

A Índia, há alguns anos, foi atacada pela China. Pela primeira vez em toda a história da Índia, um acharya jainista, chefe de uma das seitas do Jainismo, abençoou o governo indiano. Chamava-se Acharya Tulsi.

Eu tinha de o combater, de o criticar; andei pelo país inteiro a dizer ao povo, “este homem tem de ser exonerado da ordem e do cargo porque cometeu um crime do qual, em dez mil anos, não há mais nenhum sacerdote jainista culpado. Este homem é um político, este homem não é religioso.” Falei com Acharya Tulsi e disse-lhe, “Se o senhor tivesse dignidade demitia-se porque atuou como um político. O que é que tem a ver com aquilo? Quem é que lhe pediu que abençoasse a Índia contra a China? Para um religioso, as demarcações políticas não deveriam ter sentido nenhum. A Índia é sua, a China é sua; se lutarem, deixá-las lutar. O senhor deveria rezar para acabarem com a guerra, para que aqueles loucos vejam a luz, as duas partes. Isso é que seria religioso.” E disse-lhe mais, “O senhor está a comportar-se mais como um Papa cristão do que como um sacerdote jainista.”

Ficou irritado comigo, mas não tinha argumentos substanciais. E eu ainda lhe disse, “Abençoar a Índia mostra simplesmente que o senhor não é um homem que adira à consciência universal, que o senhor vive dentro de certas demarcações.” Todavia, este é o único exemplo de envolvimento jainista na política, e não há shankaracharya hindu que alguma vez tenha abençoado uma guerra.

Ora, o Cristianismo merece todo o crédito por fazer da guerra, a característica mais horrenda da vida humana, algo sagrado. Sob o nome de uma cruzada, tudo é permitido: violar mulheres, queimar pessoas vivas, matar crianças inocentes, velhinhos, tudo. Trata-se de uma palavra

generalista, dissimuladora: guerra santa, “cruzada”. Mas o que é que acontece por trás? Todas as armas atômicas, armas nucleares, são produzidas num contexto cristão.

Não é que falte inteligência ao mundo. Se a China pode produzir Confúcio, Lao Tsé, Chuang Tsé, Mêncio, Lieh Tsé, não há desculpa para a China não produzir um Albert Einstein, um Lorde Rutherford. Não há razão alguma, porque Chuang Tsé, Lieh Tsé, Lao Tsé, Mêncio, Confúcio — qualquer um é mil vezes mais sábio do que Jesus ou Moisés. São simples pigmeus comparados com aqueles outros. Se a China consegue sair-se com tais génios, não há razão para a China não criar cientistas atômicos. Sabiam que a China foi pioneira na criação dos tipos móveis? Existem tipografias na China há mais de três mil anos.

Na Índia, se pode surgir um homem como Patanjali que, sozinho, criou o sistema de yoga por inteiro; se pode surgir Buda Gautama, Jaina Mahavira, Shankara, Nagarjuna — grandes filósofos; não há ninguém que se lhes compare no Ocidente, não há uma única pessoa que se possa comparar com Buda Gautama. Não se trata só de filósofos. Se compararmos Patanjali de há cinco mil anos com qualquer médico da atualidade, descobriremos que o médico nada sabe comparado com Patanjali.

Há três mil anos, na Índia, Sushrut, existiu um grande físico e cirurgião. Nas suas obras descreve a cirurgia mais complexa que só é possível hoje em dia — neurocirurgia, e com todos os instrumentos. Se esta gente pôde sair-se com isto, o que é que faltava? Por que é que não tentavam produzir bombas atômicas? A Índia produziu matemáticos, sem os quais não há ciência possível. Por isso é que, em todas as línguas, ainda se respeita o sistema digital indiano, porque é originário da Índia: os números um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez. Todos estes algarismos em todas as línguas derivam do Sânscrito. Há sete mil anos, lançaram as bases da matemática mas nunca usaram os conhecimentos matemáticos para fins destrutivos. Usaram-nos para fins criativos porque não havia religião alguma que lhes desse o incentivo para a guerra. Todas as religiões diziam que a guerra é coisa horrenda, não havia disputa quanto a isso, e esses países não iam apoiar programa algum, projeto algum, pesquisa alguma, que os conduzisse à guerra.

O primeiro manual de astronomia foi escrito na Índia há quatro mil anos. Era gente muito mais avançada do que no Ocidente. Há quatro mil anos, o Ocidente nem sequer tinha um único nome digno de menção. Os grandes nomes do Ocidente não têm mais de vinte e cinco séculos. Talvez Sócrates seja um grande nome, mas Sócrates apareceu três ou quatro mil anos mais tarde. O que ele disse já tinha sido dito, e o que ele pensava contribuir para o pensamento não era novidade. Claro que para ele era novidade, pois não sabia que já se tinha falado sobre isso, algures, e já se tinha aprofundado bem o assunto.

Estou a dizer isto porque quero deixar bem claro que o Cristianismo é o responsável por dar à ciência o incentivo para a guerra. Se o Cristianismo tivesse criado uma atmosfera de não violência, e não tivesse dito que a guerra era santa, teríamos evitado as duas guerras mundiais; sem as duas guerras mundiais, certamente que a terceira não poderia acontecer. As duas guerras são etapas absolutamente necessárias para a terceira; já nos levaram rumo à terceira. Estamos preparados para isso, não há maneira de arrepiar caminho, de voltar atrás.

A ciência tem sido corrompida pelo Cristianismo, mais, o próprio Cristianismo tem dado azo a ideologias estranhas, quer diretamente, quer enquanto reação. É responsável por ambas. A pobreza existe no mundo há milhares de anos, mas o comunismo é um contributo cristão. Não se deixem equivocar pelo facto de Karl Marx ser judeu, porque Jesus também era judeu. Se um Judeu pode criar o Cristianismo... O contexto é cristão, não é judaico. A ideia foi dada por Jesus Cristo. No momento em que ele disse, "abençoados os pobres pois deles será o reino de Deus", lançou na terra a semente do comunismo.

Nunca ninguém o disse com esta frontalidade porque, para o dizer com esta frontalidade, é preciso um homem louco como eu, que sabe chamar os bois pelos nomes! Qual é o problema de lhes chamar bois? Assim que Jesus criou a ideia de que "abençoados os pobres pois deles será o reino de Deus", foi canja transmutar isto num comunismo mais prático e mais pragmático. O que Marx diz, na essência, é: "Abençoados os pobres pois a terra é deles." Está simplesmente a passar gíria espiritual para a política prática.

"Reino de Deus" — quem sabe se existe ou não? Mas para quê desperdiçar a oportunidade de ter o reino da terra? O comunismo baseia-se como um todo nessa única afirmação de Jesus. Basta uma alteraçãozinha, descartar as balelas esotéricas e salientar a política prática. Sim, abençoados os pobres porque deles é o reino inteiro desta terra — é isso que Karl Marx está a dizer.

É estranho que em mais lado algum — no contexto do Budismo, Hinduísmo, Jainismo, Siquismo, Taoismo ou Confucianismo — apareça o comunismo; aparece somente no contexto do Cristianismo. Não é mero acaso porque podemos ver que o fascismo também aparece no contexto do Cristianismo. O Socialismo, o Socialismo Fabiano, o Nazismo — todos são filhos cristãos de Jesus Cristo. Todos diretamente influenciados por ele... Porque ele é quem diz: "É mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus." O que é que pensam deste homem? Não será comunista? Se ele não é comunista, então quem é? Nem Karl Marx, Engels, Lenine, Estaline ou Mao Tsé-Tung, nenhum deles fez uma afirmação tão forte: um rico não pode entrar no reino de Deus. Estão a ver a comparação que ele faz? É possível que um camelo — o que é impossível — passe pelo buraco de uma agulha; diz ele que até isso é possível, mas que a entrada de um homem rico no reino de Deus é impossível. Se lá é impossível, porquê deixá-los aqui? Que aqui seja impossível também! Foi o que Marx fez.

Com efeito, àquilo que Jesus propôs em teoria, Marx deu contornos práticos. Mas o teórico original foi Jesus. Karl Marx até pode nem ter reconhecido isso, mas o comunismo não é possível em mais nenhum contexto. Adolf Hitler não é possível em mais nenhum contexto. Na Índia, quem quiser declarar-se homem de Deus não pode ser um Adolf Hitler. Nem sequer se pode entrar na política, nem sequer se pode ser eleitor. Não se pode destruir milhões de Judeus, ou milhões de pessoas que sejam de outras religiões, e continuar a alegar ser a reencarnação do profeta Elias.

Na Índia, tem havido milhares de pessoas a dizerem que são encarnações, que são profetas, tirthankaras, mas têm de o comprovar com as suas vidas também. Talvez sejam falsos, a maioria será — mas mesmo assim, ninguém pode ser Adolf Hitler e ainda dizer-se profeta, alegar ser um homem da religião.

Recebi uma carta ameaçadora algures dos Estados Unidos. Nem nunca tinha pensado nisso, que havia um partido nazi na América. O presidente do partido nazi americano escreveu-me uma carta a dizer: “Constou-nos que o senhor anda a dizer mal de Adolf Hitler e isso ofende a nossa sensibilidade religiosa.” Ora, raras vezes me deixo surpreender, mas fiquei estarecido: a sensibilidade religiosa! “Porque para nós, Adolf Hitler é o profeta Elias e esperamos que o senhor de futuro não volte a ofender a nossa sensibilidade religiosa.”

Eu disse ao meu secretário, “Pois agora é que vou ofendê-los mesmo. Não fazia ideia de que se pode ofender sensibilidades religiosas por falar mal ou criticar Adolf Hitler.” Ora isto é impensável na Índia, na China, no Japão — impossível. Mas em contexto cristão é possível: mais, já aconteceu. Se Hitler tivesse ganhado a guerra, todos estes Americanos e estes Russos e estes Britânicos estariam a venerá-lo como um Deus. Ele teria sido proclamado pois dominara o mundo e mudara a humanidade toda para o Cristianismo. E teria mudado, pois tinha esse poder.

Que poder tinha Jesus, coitado? Nem sequer se conseguiu salvar a si próprio. Se Adolf Hitler ganhasse a guerra teria entregado o mundo inteiro ao Cristianismo. Ora, esse Cristianismo não teria sido o Cristianismo de Jesus Cristo, teria sido o Cristianismo de Adolf Hitler. A Bíblia deixaria de ser o livro sagrado; o livro sagrado passaria a ser a autobiografia de Adolf Hitler, *Mein Kampf*.

Não estou a dar atenção especial ao Cristianismo, mas bem merece. Tem feito tanto mal, tem causado tantos estragos. Custa a crer que as pessoas insistam em mantê-lo vivo. As igrejas deviam ser demolidas, o Vaticano devia ser completamente arrasado.

Essa gente não é precisa para nada. Tudo o que fizeram, fizeram mal. Há outras religiões que também procederam mal mas, em proporção, não são nada comparadas com o Cristianismo.

É uma exploração da pobreza dos povos para os converter ao Cristianismo. Sim, o Budismo tem convertido pessoas, mas não é por elas passarem fome e lhes dar comida, e, por lhes dar comida, as pessoas começaram a sentir-se nessa obrigação. Se lhes derem roupa, se lhes derem outras conveniências, instrução para as crianças, hospitais para os doentes, naturalmente que se sentem nessa obrigação. E depois começa-se a perguntar-lhes, "O que é que o Hinduísmo já fez por vós? O que é que o Budismo já fez por vós?"

Naturalmente que o Budismo, o Hinduísmo e o Jainismo nunca inauguraram hospitais nem escolas; nunca prestaram tais serviços. É este o único argumento. E as pessoas sentem tal obrigação que ficam com a certeza de que não há outra religião que as tenha ajudado, e passam a ser cristãs. Isto não é honesto, isto é subornar as pessoas. Isto não é conversão, isto é comprar as pessoas por serem pobres. Estão a aproveitar-se da pobreza. Houve sempre gente pobre, mas explorar a pobreza para aumentar a população é política pura e simples — feia e malvada. A política é um jogo de números. Quantos Cristãos há no mundo, é esse o poder deles. Quanto mais Cristãos houver, mais poder nas mãos de padres cristãos.

Não há ninguém interessado em salvar ninguém, apenas no aumento da população. O que faz o Cristianismo: o Vaticano está sempre a emitir decretos contra o controlo de natalidade, a dizer que é pecado usar métodos de contraceção; é pecado defender o aborto ou propagar o aborto ou legalizá-lo. Acham que lhes interessam as crianças não nascidas? Não lhes interessam nada, eles não têm nada a ver com essas crianças não nascidas. Eles defendem os seus interesses sabendo perfeitamente que, se não se praticar o aborto, se não se usarem métodos de controlo de natalidade, a humanidade inteira vai cometer suicídio global. Não está assim tão longe que não se consiga ver a situação. Em quinze anos a população mundial será tanta que a sobrevivência é impossível. Ou entramos na terceira guerra mundial... Sempre será um método mais seguro. As pessoas morrem mais depressa, mais facilmente, mais linearmente com armas nucleares do que a passarem fome, pois com fome ainda se consegue viver noventa dias, e esses noventa dias serão mesmo uma tortura.

Mas o Vaticano saiu-se com um longo recado para a humanidade: "O aborto é pecado. O controlo de natalidade é pecado." Ora, não há momento nenhum na Bíblia em que o aborto seja pecado. Não há momento nenhum na Bíblia em que o controlo de natalidade seja pecado, porque não era preciso controlo de natalidade. Em dez filhos, morriam nove. Era essa a proporção, e era esta a proporção na Índia ainda há poucas décadas: em dez filhos, só sobrevivia um. E estava muito bem assim. A população não era demasiada, não pesava demasiado nos recursos da terra. Atualmente, até na Índia, em dez filhos, só morre um.

Por conseguinte, temos por um lado a medicina a ajudar as pessoas a sobreviverem, e o Cristianismo a abrir hospitais e a distribuir medicamentos, e a Madre Teresa a postos para dar louvores e o Papa a postos para dar a

bênção. Há toda a espécie de associações — na América, há uma associação cristã chamada “Evangelismo Clandestino”, a qual trabalha em países comunistas na distribuição gratuita de bíblias para disseminar estas ideias estúpidas de que o aborto é pecado e o controlo de natalidade é pecado.

Ora, onde é que estes Papas vão buscar a ideia de que é pecado? Não está na Bíblia, não está em escrituras antigas. Terá o Papa recebido novo recado de Deus? Um aditamento à Bíblia? Há que interpretar estas declarações do Vaticano como sendo o quinto evangelho da Bíblia? O que é que eles querem? E quem são eles para decidir que o controlo de natalidade é pecado? Diz o Papa que, assim que uma criança é concebida, se houver aborto, a criança morre. Isto ainda se compreende, mas em que ponto é que se considera a criança como estando viva? Com uma semana podemos dizer que está viva, que é um ser humano? Às duas semanas, três semanas? Em que ponto se torna um ser humano? Tem que se decidir em que ponto é que a criança é um ser humano porque, no princípio, parece mesmo um peixe, com cauda e tudo — e toda a gente come peixe e animais sem problema nenhum!

O que esta gente sugere sobre controlo de natalidade e aborto é absolutamente idiota.

Não se pode decidir em que momento é que a criança se torna um ser humano. Mesmo que se pudesse, teriam de ser profissionais da medicina a decidi-lo.

Mas qual é que é o problema do controlo de natalidade? Porque assim não há conceção nenhuma. Se o Papa diz que isso também está mal porque impedimos que a conceção se dê, o Papa também terá de declarar que, de cada vez que fazemos amor, se não houver conceção, estaremos a cometer um pecado. Estão a acompanhar-me? Quer se usem métodos de controlo de natalidade quer não, a conceção não se dá todas as vezes que fazemos amor. Lembrem-se, todas as vezes em que a conceção não acontece, serão consideradas pecado. O Papa pergunta por que é que a conceção não se deu — tem mesmo de se dar.

O interesse dele está em trazer mais crianças a este mundo, muitos mais órfãos para este mundo. Que o mundo fique tão sobrepovoado, tão pobre, que o Cristianismo se possa tornar a religião universal. Tem sido esta a ambição desde há dois mil anos. Isto tem de ser denunciado. Esta ambição é desumana; não é sem razão que eu tenho criticado o Cristianismo.

O mais importante disto é que estou a falar num contexto cristão. Se estivesse a falar num contexto hindu, não estaria a criticar o Cristianismo, estaria a criticar o Hinduísmo ou, num contexto budista, estaria a criticar o Budismo porque aquela gente ia adorar.

Sou alguém que impressiona as pessoas e que cria inimigos, não amigos — não é a minha política. Adoraria que o mundo inteiro fosse meu inimigo. Ora, aquela gente toda é tão covarde que nem sequer consegue aceitar com

sinceridade o facto de ser inimiga. Todos os dias recebo dezenas de cartas; rezam por mim, pedem a Deus que me perdoe. Mas que imbecis!

Deveriam rezar a mim para que eu lhes perdoe a eles e a Deus. Por que é que Deus me haveria de perdoar? Se é para haver sarilho, estou preparado para o que der e vier.

Uma coisa é certa: quer Deus me perdoe quer não, eu é que não o vou perdoar a ele. Por conseguinte, devia suplicar-me a mim e não a Deus. Não compreendem o que dizem. Continuam a escrever cartas, "Pedimos a Deus que perdoe o senhor pelo que diz."

Deus não existe.

Ando a falar mal de *ninguém*.

Por isso é que me divirto porque, se houvesse Deus, acham que eu me divertiria? Seria um sarilho. Assim é só diversão — não há sarilho algum.

CAPÍTULO 5

A Ditadura É o Poder nas Mãos Deles

Osho, toda a vida fiz o que me mandaram. Agora parece que sou eu quem decide... Mas quem sou eu para saber o que fazer? A propósito, sou alemão.

Mesmo sem o senhor o dizer, eu já adivinhava que fosse alemão! E Todos os ditadores no mundo são criados por nós porque queremos que alguém nos diga o que fazer. Há uma razão muito sutil para isso: quando é outra pessoa a dizer-nos o que fazer, deixamos de ter responsabilidade pelo certo ou pelo errado. Ficamos livres de responsabilidade; não é preciso pensar nisso, não é preciso ralarmo-nos com isso.

A responsabilidade vai por inteiro para a pessoa que nos dá as ordens para fazermos algo.

Gente como Adolf Hitler ou José Estaline ou Ronald Reagan não chegou a tal posição de poder devido a uma qualquer qualidade. Chegou lá porque há milhões de pessoas que querem ser mandadas — se não tiveram quem mande nelas, ficam perdidas. Somos nós quem cria os ditadores.

Adolf Hitler era quase louco, mas uma nação inteira, uma das nações mais inteligentes do mundo, que criou uma tradição grandiosa de filósofos, pensadores, teólogos de primeira... A Alemanha produziu gente como Martin Heidegger, porventura o maior filósofo do séc. XX — mas também era seguidor de Adolf Hitler. Parece quase incompreensível para um homem com as qualidades de Martin Heidegger. Examinei todos os filósofos do mundo; Martin Heidegger parece ser de uma tal genialidade, de uma tal originalidade na abordagem às coisas a partir de direções absolutamente novas — mas era seguidor de Adolf Hitler; apoiava-o! Fiquei a pensar por que razão ele, e uma nação inteira, apoiava aquele louco. A razão é que ninguém quer ter responsabilidades. Ora, no momento em que perdemos a responsabilidade, achamos que é um fardo e alguém que fique com ela, perdemos também a individualidade; perdemos também a liberdade.

A responsabilidade não é separável da liberdade, da individualidade. Assim que descartamos a responsabilidade para cima dos ombros de alguém, ficamos reduzidos a uma não existência. Claro que assim nunca mais ninguém nos culpa se algo correr mal, mas perdemos a nossa alma no entretanto.

As pessoas condenam os ditadores, mas ninguém pensa na psicologia, na criação dos ditadores, em quem origina essa criação. Somos nós que os criamos, e criamos-os na esperança de que eles assumam a responsabilidade. Porém, não estamos cientes de que com a responsabilidade vai-se a liberdade, vai-se a individualidade, vai-se a democracia, vai-se a liberdade de pensamento ou de expressão — tudo. Perdemos a nossa alma no momento em que pomos a nossa responsabilidade nas mãos de outrem. Há quem goste de dominar, de mandar; gente louca.

Por conseguinte, é uma situação estranha. As pessoas querem ver-se livres da responsabilidade e claro que há algumas dispostas a assumi-la porque também ficam com a liberdade das primeiras. Ficam-nos com os direitos, com a nossa própria individualidade; trata-se de gente cuja única apetência é o poder. Padecem de um tipo diferente de loucura, mas até nem fica mal. Parece haver uma certa sincronia entre os loucos que se querem ver livres da responsabilidade sem saberem que se estão a livrar da própria alma, e os outros loucos, os que só adoram uma coisa, o poder.

Eu quero que os indivíduos sejam absolutamente livres, responsáveis, alertas, perspicazes, que não deixem ninguém mandar neles nem se permitam mandar nos outros. Tem de ser uma belíssima comunhão. Não se baseia em nenhuma ideologia ditatorial. Em suma, baseia-se na derradeira liberdade. Ora se a liberdade é o derradeiro objetivo, deverá ser o primeiro passo também, pois só o primeiro passo nos pode levar ao último. Não é possível passar a vida feito burro de carga, a fazer o que nos mandam e, de repente, um dia vemos a luz. Não é possível. Temos que assumir completa responsabilidade pelo que estamos a fazer. Temos de crescer em consciência e perspicácia para que as nossas ações sejam acertadas, para que tudo o que fizermos embeleze o nosso mundo e ajude as pessoas. É natural que o senhor ache difícil, mas não se deixe manietar por ser alemão; é uma espécie de doença. O mundo sofreu duas grandes guerras por causa dos Alemães. Não se aflija por poder errar. Por vezes é bom errar; faça só por não errar na mesma coisa — avance para outra, para um erro novo. Procure sempre a novidade.

Para aprender é absolutamente necessário errar, mas não se deve cometer o mesmo erro duas vezes.

Toda a gente tem de ter essa perspicácia: ninguém é responsável senão nós. E não é preciso pedir autorização a ninguém. Mesmo fazendo algo errado há uma lei famosa, a Lei de Steward: *É mais fácil ser perdoado do que ter autorização*. Já agora, outra lei; é perigosa, não a cumpram nunca. Chama-se Lei de Jacob: *Errar é humano. Pôr as culpas em alguém é ainda mais humano*.

Nunca façam uma coisa destas. Errar é humano, e assumir responsabilidade é o que dá dignidade ao ser humano. Não ande a pensar no que fazer — faça e pronto!

A Lei de Parkinson prescreve: A hesitação é a forma mais mortífera de negação. Não hesite. Faça algo que pareça apropriado à situação e natural à sua disposição. Não se trata de fazer o tempo todo. Fazer não é a finalidade da vida, ser é que é a finalidade da vida. Fazer destina-se apenas a sustentar a sobrevivência para podermos encontrar o nosso ser. Não espere que alguém lho mande fazer.

Todavia, tem sido este o caso ao longo dos séculos da humanidade — sempre à espera dos políticos, à espera dos padres, à espera de gente neurótica que se autoproclama profeta, filho de Deus, mensageiro de Deus. Quem não quer assumir responsabilidades cai imediatamente no engodo dessa gente. E os profetas e os mensageiros de Deus são todos tão vulgares! As vossas sagradas escrituras nem sequer são dignas de se chamar grande literatura; são jornalismo de terceira categoria, nada mais. E trazem leis e regulamentos, e as pessoas engolem toda a espécie de disparates só para não procurarem por si próprias. Para evitar a busca, a procura, as pessoas até têm evitado pensar — alguém que se dê a esse trabalho por elas! As pessoas que nos têm dado códigos morais, ética, modos de vida, são gente que me faz lembrar de outra lei, a Lei de Maud: *A conclusão é o ponto em que nos fartamos de pensar*. Todas as conclusões que os profetas nos propõem não passam de momentos em que eles se fartaram de pensar.

Ainda uma noite destas, estive a ver uma história bonita. Interessou-me porque dizia que Moisés e os Judeus seus seguidores andaram 40 anos a vaguear no deserto. Interessou-me porque achei que iam dizer a razão daquilo. A razão sugere que os Judeus tinham perdido uma moeda, e vasculharam o deserto inteiro; demoraram 40 anos. Ninguém sabe se encontraram a moeda ou não; a mim não me parece.

As pessoas a quem temos seguido são grandes, grandes nas suas neuroses. Esta regra explica tudo. Regra de Woop para Beber — deram-nos ideias para tudo: *Eu bebo sempre de pé porque é mais fácil sentar-me quando fico bêbedo de pé, do que levantar-me quando fico bêbedo sentado*.

Estes pensadores são de evitar. Já há tempo demais que ditam o destino da humanidade. Agora, o senhor tem de se pôr de pé pelas suas pernas. Lembre-se de que estamos sozinhos, não há Deus, não há mensageiros, e não há ditador. Tem de ser decisivo acerca da sua própria vida. A vida é sua e tem de encontrar o seu próprio modo de vida. Só então poderá fazer da sua vida uma festa; caso contrário, estará sobrecarregado por tantas leis e regulamentos que não conseguirá dançar debaixo desse fardo. Creio que tenho umas anedotas para si. Só receio que, sendo alemão, talvez não as perceba. Diz-se que, quando se conta uma anedota a um Inglês, este se ri duas vezes; uma só para ser educado, e outra a meio da noite quando percebe a anedota. Um alemão só se ri uma vez, porque toda a gente se está a rir. Se contarmos uma anedota a um judeu, ele não se ri coisíssima nenhuma. Antes pelo contrário, dir-nos-á que a anedota é velha e que a contámos mal.

Contudo, acho que, depois de passar tanto tempo comigo, o senhor já deve ter começado a apanhar, se não a piada toda, ao menos parte dela!

Um padre e um motorista de autocarro bêbedo chegam às portas do céu e encontram São Pedro.

— Eu sou o pároco da aldeia e gostaria de entrar no céu — disse o padre.

— E eu sou o motorista de autocarro da aldeia e também quero entrar — disse o bêbedo.

— Muito bem — disse São Pedro. — O senhor padre terá de aguardar ali alguns anos, mas o senhor motorista pode fazer o favor de entrar.

— Espere lá — atalhou o padre — eu dei missa todos os domingos na igreja e ensinei o povo a rezar e a portar-se bem. Ele não passa de um bêbedo.

— Ouça — disse São Pedro — quando o senhor pregava, toda a gente dormia. Quando ele conduzia o autocarro, toda a gente rezava fervorosamente.

CAPÍTULO 6

A Liberdade não É Excesso

Osho, será o homem responsável o bastante para ter liberdade sem controle?

Controle é uma palavra feia. Não é usada como palavrão, mas não deixa de ser uma palavra feia.

Quando falo de liberdade, não quero dizer excesso, e pode ser interpretado dessa maneira. Quando digo liberdade, as pessoas podem entender excesso, porque as coisas são mesmo assim. Uma mente controlada, sempre que ouve falar de liberdade, imediatamente entende como excesso.

Excesso é o extremo oposto de controle. Liberdade fica no meio, exatamente no meio, onde não há controle nem excesso. A liberdade tem a sua própria disciplina, mas não é aplicada por autoridade nenhuma. Sai da nossa consciência, sai da autenticidade. Nunca se deve confundir liberdade com excesso; caso contrário, ficamos a perder.

Consciência traz liberdade. Em liberdade, não há necessidade de controle porque não existe a possibilidade de excesso. É por causa dos excessos que temos sido obrigados ao controle, e se continuarmos com excessos a sociedade vai continuar a controlar-nos. É por causa dos excessos que o polícia existe, o juiz, o político e os tribunais, e eles continuam a obrigar-nos a controlarmo-nos. Se nos controlarmos, ficamos a perder a essência de estarmos vivos, porque perdemos a festa. Como é que podemos festejar se estivermos controladíssimos?

Acontece quase todos os dias. Quando vêm ter comigo, pessoas muito controladas e disciplinadas, é quase impossível penetrar-lhes na cabeça; são densas demais, têm muros de pedra em seu redor. Empederniram, enregelaram, perdeu-se o calor. Quando há calor, há medo — podemos fazer alguma coisa, qualquer coisa. Estas pessoas mataram-se, envenenaram-se completamente. Para continuarem controladas, encontraram uma única solução, a de não viverem de todo. Se formos um buda de pedra, seremos capazes de fingir que temos paciência, sossego, disciplina.

Porém, não é isso que estou aqui a ensinar. É preciso abandonar o controle do mesmo modo que se deve abandonar os excessos. Assim, ficamos intrigados. Podemos escolher controle ou excesso. Dizemos, "Se deixar de me controlar, fico propenso a excessos. Se não me entregar a excessos é porque estou controlado." Mas eu digo que, quando somos conscientes, o controle e

os excessos fogem pelo mesmo buraco. São duas faces da mesma moeda, — em consciência não são necessários.

Isto aconteceu:

Um rapaz de dezoito anos, que até então sempre fora algo reservado e tímido, decidiu uma bela noite mudar tudo. Saiu do quarto todo arranjadinho e bradou para o pai:

— Olha, vou sair, vou arranjar umas miúdas giras. Vou ficar podre de bêbedo e divertir-me à grande. Vou fazer tudo o que um rapaz da minha idade deve fazer no auge da vida e ter aventuras, portanto não tentes impedir-me!

O pai retorquiu:

— Impedir-te? Espera lá, filho, que eu vou contigo!

Todas as pessoas controladas estão neste estado, a fervilhar por dentro e prontas a rebentar de excessos. Vão ver os monges nos mosteiros. Na Índia temos muito deste tipo de neurose. São todos neuróticos. Há que compreender uma coisa aqui: ou ficamos eróticos ou ficamos neuróticos. Se reprimirmos o eros, o erotismo, ficamos neuróticos. Se largarmos a neurose, ficamos eróticos. São ambos tipos de loucura. Devíamos ser simplesmente nós próprios — nem neuróticos, nem eróticos, disponíveis em todas as situações, prontos a enfrentar o que a vida nos proporcionar, prontos a aceitar e a viver, mas sempre alerta, conscientes, sensíveis, atentos.

Por conseguinte, a única coisa que temos de estar sempre conscientes é da autoconsciência. Nunca nos devemos esquecer de nós próprios. Devemos sempre partir do âmago do nosso ser. Deixemos que os atos fluam de lá, do próprio centro do nosso ser, e tudo o que fizermos será virtuoso.

A virtude é apanágio da consciência.

Se fizermos algo a partir da periferia, poderá não parecer pecado, mas é pecado. A sociedade até poderá ficar contente connosco, mas nós não podemos estar contentes connosco próprios. A sociedade até poderá elogiar-nos, mas no fundo nós continuaremos a condenar-nos porque sabemos que ficámos a perder na vida — e que ficámos a perder em nome de nada. De que servem os elogios da sociedade? Se nos chamarem santos, de que serve? Não passam de mexericos. Que importa? Perdemos o divino pelos mexericos. Perdemos a vida em nome dessa gente tola que está por toda a parte, em nome da opinião favorável dessa gente.

Temos de viver a vida a partir do nosso centro. É disto que trata a meditação. Paulatinamente, vai-se sentindo uma disciplina que não é forçada, que não é cultivada, que surge espontaneamente, naturalmente como o desabrochar de uma flor. Assim teremos a vida por inteiro disponível e todo o

nosso ser disponível. Quando o nosso ser inteiro e a nossa vida inteira se encontrarem, entre os dois surge o divino, entre os dois surge aquilo a que chamamos nirvana.

CAPÍTULO 7

A Evolução da Consciência Traduz-se na Dissolução da Sociedade

Parece que as regras sociais são uma necessidade básica dos seres humanos. Contudo, ainda não houve uma única sociedade que tenha ajudado o homem a realizar-se. Não se importa de explicar que tipo de relação existe entre indivíduos e sociedade, e como é que se podem entreajudar a evoluir?

Trata-se de uma pergunta muito complexa, mas fundamental também. No conjunto da existência, o homem é o único a precisar de regras. Não há outro animal que precise de regras. A primeira coisa a compreender é que há algo de artificial nas regras. O homem precisa delas porque deixou de ser animal mas ainda não é humano; está num impasse. É essa a necessidade das regras. Se fosse animal, não haveria necessidade. Os animais vivem perfeitamente bem sem regras, constituições, leis, tribunais. Se o homem vier realmente a ser humano, não só de nome mas também na realidade...

Muito pouca gente se apercebeu disto até à data; por exemplo, para gente como Sócrates, Zaratustra, Bodhidharma, não há necessidade de regras. São pessoas que estão alerta o suficiente para não fazerem mal a ninguém. Não há necessidade de leis, não há necessidade de constituições. Se toda a sociedade evoluir para ser autenticamente humana, haverá amor mas não haverá lei.

O problema é que o homem precisa de regras, leis, governos, tribunais, exércitos, polícias, porque perdeu o comportamento natural, apanágio dos animais, e ainda não ganhou outro estado natural. Está no meio. Está em terra de ninguém, está no caos. Para controlar esse caos, são necessárias estas coisas todas. O problema cresce em complexidade porque estas forças que evoluíram para controlar o homem — religiões, Estados, tribunais — ficaram muito poderosas. Tiveram de ganhar poder, se não como é que controlariam as pessoas? Por conseguinte, caímos numa escravatura de moto próprio. Agora que essas forças ganharam todo o poder, não querem abdicar dos direitos adquiridos. Não querem que o homem evolua.

Está a perguntar-me como é que o homem e a sociedade, o indivíduo e a sociedade, podem evoluir. Não está a compreender o problema de todo. Se o indivíduo evoluir, a sociedade dissolve-se. A sociedade só existe porque o indivíduo não tem autorização para evoluir. Todos estes poderes controlam o

homem há séculos, e gozam desse poder, desse prestígio. Não estão preparados para deixar o homem evoluir, para deixar o homem crescer a ponto de os tornar irrelevantes.

São muitas as situações que ajudam a compreender. Aconteceu na China, há vinte e cinco séculos:

Lao Tsé ganhou grande renome, fama de sábio, e era sem dúvida um dos homens mais sábios de sempre. O imperador da China pediu-lhe com toda a humildade que ele fosse o magistrado principal do tribunal supremo, porque ninguém poderia orientar as leis do país melhor do que ele. Lao Tsé tentou dissuadir o imperador, dizia "Não sou eu o homem certo", mas o imperador insistia. Lao Tsé disse:

— Se não me der ouvidos, vai convencer-se de que não sou o homem certo em apenas um dia de tribunal, porque o sistema está errado. Foi por humildade que não lhe disse a verdade. Ou existo eu, ou existe a sua lei e a sua ordem e a sua sociedade. Vamos então experimentar.

No primeiro dia, um ladrão foi presente a tribunal por ter roubado quase metade dos tesouros do homem mais rico da capital. Lao Tsé escutou atentamente o caso e decretou que o ladrão e o homem mais rico deveriam ir seis meses para a cadeia. O rico interpelou-o:

— Mas o que é que está a dizer? Roubaram-me, tiraram-me o que é meu, que espécie de justiça é esta, mandar-me para a cadeia com a mesma pena do ladrão?

Lao Tsé disse:

— Estou certamente a ser injusto com o ladrão. A sua necessidade de ficar na cadeia é maior, porque acumulou tanto dinheiro, privou tanta gente de dinheiro que há milhares de pessoas pobres e desfavorecidas. E continua a acumular dinheiro, para quê? É a sua própria ganância que está a criar estes ladrões. É você o responsável. O principal crime é o seu.

A lógica de Lao Tsé é clara como água. Se é para haver muita gente pobre e apenas alguns ricos, não se conseguirá impedir que haja ladrões; não se consegue impedir o roubo. A única maneira de o impedir será com uma sociedade em que toda a gente tenha que baste para as suas necessidades, e em que ninguém tenha acumulação desnecessária só por ganância. Disse o rico:

— Antes de me mandar para a cadeia, quero falar com o imperador porque isto vai contra a constituição; isto vai contra as leis deste país. — E disse Lao Tsé:

— O problema é da constituição e das leis deste país. Não sou eu o responsável. Pode falar com o imperador. — E o rico disse ao imperador:

— Ouça, este homem tem de ser imediatamente destituído; este homem é perigoso. Se hoje vou eu para a cadeia, amanhã será o imperador a ir! Se quiser salvar-se, este homem terá de ser expulso; é extremamente perigoso. E é bastante racional, tem razão no que diz, eu compreendo isso. Mas vai destruir-nos.

O imperador compreendeu perfeitamente.

— Se este homem rico é criminoso, então eu sou o maior criminoso do país. Lao Tsé não hesitará em mandar-me para a cadeia.

Lao Tsé foi destituído e disse:

— Já lhe tinha dito que estava a fazer-me perder tempo sem necessidade. Eu disse-lhe que não era o homem certo. A realidade é que a sua sociedade, a sua lei, a sua constituição, não é a constituição certa, não é a lei certa. É preciso gente errada para gerir todo este sistema errado.

O problema é que as forças que criámos para impedir que o homem se entregue ao caos detêm agora tanto poder que não querem deixar-nos em paz para crescermos — porque se formos capazes de crescer, de ser indivíduos, alertas, sensíveis e conscientes, não haverá necessidade desta gente toda. Vão perder os cargos todos e, com os cargos todos, o prestígio, o poder, a liderança, o priorado, o papado — vai desaparecer tudo.

Por conseguinte, aqueles que foram necessários para proteção no princípio transformaram-se nos inimigos da humanidade.

A minha abordagem não é combater esta gente — são poderosos, têm exércitos, têm dinheiro, têm tudo. Não se pode combatê-los, seríamos destruídos. A única saída desta trapalhada é começar silenciosamente a criar consciência própria, coisa que eles não podem impedir com força alguma. Aliás, não podem sequer saber o que está a crescer dentro de nós. Proponho a alquimia da transformação interior. Mudem o vosso ser interior. Assim que estiverem mudados, completamente transformados, verão subitamente que estão livres de prisões, que já não são escravos. Eram escravos devido ao caos interior.

Aconteceu na revolução russa: no dia da revolução, uma mulher começou a andar no meio da rua em Moscovo, e um polícia disse:

— Isso não pode ser. Não pode andar no meio da rua.

E a mulher retorquiu:

— Mas agora somos livres!

Mesmo que sejamos livres, temos de obedecer às regras de trânsito; caso contrário, o trânsito ficará impossível. Se os carros e as pessoas circularem para onde quiserem, virarem quando quiserem, não ligarem aos semáforos, as pessoas vão meter-se em acidentes, vai haver mortes. Depois

entra o exército, para fazer aplicar a lei de que é preciso circular pela direita ou pela esquerda, seja qual for a direção que o país escolheu — mas ninguém pode andar no meio da rua. Assim, de pistola apontada, teremos de obedecer. Nunca me esqueço daquela mulher, é altamente simbólica.

Liberdade não significa caos. Liberdade significa mais responsabilidade, tanta responsabilidade que não é precisa a interferência de ninguém na nossa vida. Significa que nos podem deixar em paz, que o governo não tem de interferir, que a polícia não tem de interferir, que a lei não quer nada conosco — estamos simplesmente fora desse mundo.

Esta é a minha abordagem se quisermos realmente transformar a humanidade: cada indivíduo deve começar a crescer de moto próprio. Aliás, não é preciso multidão alguma para o crescimento. O crescimento é o da criança a crescer no ventre da mãe: não é preciso multidão, a mãe só tem de ser cuidadosa. Tem de nascer um novo homem dentro de nós. Temos de nos tornar no ventre de um novo homem. Não há de ninguém saber disso, e é melhor que ninguém saiba. Continuamos a fazer as coisas normais, a viver no mundo normal, a ser simples e normal — não vamos ser revolucionários, reacionários, *punks* nem *skinheads*. Isso não ajuda nada. É rematada estupidez. É por frustração, mas não deixa de ser loucura. A sociedade é uma loucura e, por frustração, nós ficamos loucos. A sociedade não tem medo dessa gente; a sociedade só tem medo de gente que consiga ficar tão centrada, tão consciente, que as leis se tornam inúteis para ela. É uma gente que se porta sempre bem, que está além do alcance dos chamados poderosos com direitos adquiridos.

Se os indivíduos crescerem, a sociedade reduz-se. A sociedade tal como a conhecemos, com o governo e o exército e os tribunais e a polícia e as cadeias — a sociedade reduz-se.

Certamente que, por haver tantos seres humanos, surgirão novas formas de coletivismo. Eu não gostaria de lhes chamar sociedades, só para evitar confusões entre as palavras. Prefiro chamar *comuna* à nova coletividade. O termo é significativo: um lugar em que as pessoas não só vivem juntas como também estão em profunda comunhão.

Viverem juntas é uma coisa; todos o fazemos: em cada cidade, cada localidade, há milhares de pessoas a viverem juntas — mas que união será essa? Os vizinhos nem se conhecem uns aos outros. Moram no mesmo arranha-céus, milhares de pessoas e nunca chegam a saber que vivem na mesma casa. Não é união porque não há comunhão. É simplesmente uma multidão, não é uma comunidade. Por conseguinte, eu gostaria de substituir a palavra sociedade pela palavra *comuna*.

A sociedade tem existido assente em princípios básicos. Teremos de os invalidar senão a sociedade não desaparece. O primeiro e mais importante princípio da sociedade tem sido a família: se a família continuar como está a sociedade não pode desaparecer, a igreja não pode desaparecer, as religiões

não podem desaparecer. Assim não podemos criar um mundo, uma humanidade.

A família está psicologicamente obsoleta. Não é que sempre tenha existido o conceito de família; houve um tempo em que não havia família, as pessoas viviam em tribos. A família ganhou relevo por causa da propriedade privada. Houve gente poderosa que tratou de ter mais propriedade privada do que todos os outros, e quiseram que essa propriedade passasse para os filhos. Até então não se pensava nisso... Homens e mulheres encontravam-se por amor; não havia casamento e não havia família. Porém, assim que a propriedade se afigurou, o homem ficou muito possessivo em relação à mulher, e transformou a mulher também em propriedade.

Nas línguas indianas chama-se à mulher *propriedade*. Na China, a mulher era de tal modo propriedade que, se o marido matasse a mulher, nem sequer havia lei contra, nem sequer era considerado crime. Somos absolutamente livres de destruir a nossa propriedade — podemos queimar propriedade, podemos queimar a nossa própria casa. Não é crime, a casa é nossa. Podemos matar a mulher... Com a propriedade privada, a mulher também passou a ser propriedade privada, e recorreu-se a toda a espécie de estratégia para que o homem tivesse a certeza absoluta de que os filhos nascidos da sua mulher eram mesmo seus. Ora isto é um problema: o pai nunca pode ter a certeza absoluta; só a mãe é que sabe. Mas o pai criou toda a espécie de barreiras ao movimento da mulher, de modo a que ela não pudesse ter contato com outros homens. Todas as possibilidades e todas as portas fechadas.

Não é coincidência que só as velhas vão a igrejas e templos, pois é o único sítio aonde podem ir. É perfeitamente sabido que a igreja é defensora da família. A igreja sabe que, uma vez desaparecida a família, a igreja desaparece. Ora, a igreja é o último sítio onde pode dar-se uma aventura romântica, claro. Tomaram todas as precauções: o padre tem de fazer voto de celibato. Trata-se de garantias — o padre faz voto de celibato, é contra o sexo, é contra as mulheres — em diferentes religiões, de diferentes maneiras.

O monge jainista não pode tocar numa mulher; aliás, a mulher não deve aproximar-se mais do que dois metros do monge jainista. O monge budista não pode tocar numa mulher. Há religiões que não permitem às mulheres entrarem em lugares de culto, ou que têm divisórias: homens na parte principal, mulheres num cantinho — mas separados. Os homens nem sequer as podem ver; é impossível encontrarem-se. Muitas religiões, como o Islamismo, cobriram o rosto das mulheres. As mulheres do Islão têm rostos pálidos porque nunca veem o sol. Têm o corpo todo coberto; o rosto coberto. De todas as maneiras possíveis... As mulheres não devem receber instrução, porque o saber dá ideias estranhas às pessoas. Começam a pensar, começam a discutir...

A mulher não podia ter uma carreira remunerada, pois isso significa independência. E assim foi excluída em todos os aspetos, por essa simples

razão, a de ter a certeza de que o filho era do pai. Os que tinham mesmo poder, por exemplo, a monarquia, mandavam castrar os criados porque andavam no palácio, a trabalhar, a servir. Tinham de ser castrados, senão havia o perigo... E havia perigo porque cada imperador tinha centenas de mulheres, muitas das quais ele nem sequer visitava. Naturalmente, essas mulheres podiam enamorar-se de qualquer um... Mas só deixavam entrar no palácio homens castrados para que, mesmo que elas se enamorassem de algum, não houvesse filhos. Isto era o básico.

A família tem de desaparecer e dar lugar à comuna. A comuna significa que concentrámos todas as nossas energias, dinheiro, tudo, num único sítio — no qual se tomará conta de toda a gente. As crianças pertencem à comuna pelo que o património individual está fora de questão. E é tão económico... Eu vi, na minha comuna na América, estavam lá cinco mil pessoas — significa que seriam precisas duas mil e quinhentas cozinhas se as pessoas vivessem separadas. Ora só havia uma cozinha para cinco mil pessoas, e quinze pessoas a tomar conta dela. Lembrem-se de que nem toda a gente tem jeito para cozinhar! Duas mil e quinhentas pessoas não podem dar-se ao luxo de ter os melhores cozinheiros em separado, mas uma comuna de cinco mil pessoas pode ter os melhores cozinheiros, a melhor comida. Pode dar-se ao luxo de ter médicos a analisar se o que comem é porcaria ou comida — a maioria das pessoas anda a comer porcarias.

Para ser a correta, a dieta tem de ser decidida por médicos. Na minha comuna, quinze pessoas preparavam a comida e os médicos analisavam-na, verificavam a higiene, a limpeza e o valor nutritivo. Deve valorizar-se a nutrição. O sabor é coisa pouca; pode dar-se sabor a qualquer tipo de comida. Não é preciso comer porcarias só por causa do sabor — e quem come porcarias, mais tarde ou mais cedo vai ficar viciado. E há tanta gente viciada! Se lhes vasculharmos as cabeças, veremos gelado e nada mais... esparguete!

É preciso uma dieta equilibrada, bem proporcionada e calculada para dar resposta às necessidades nutritivas, comida que ajude a consciência a crescer, comida que nos faça mais amáveis, mais pacíficos, comida que acabe com a ira, o ódio. A comida altera-nos a química, e essas coisas todas — ira, ódio, amor, compaixão — estão ligadas à química do organismo. Deveria haver um químico a analisar a comida que as pessoas comem. Se concentrarmos energia, dinheiro e recursos, todas as comunas podem ser ricas e todas as comunas podem gozar de boa qualidade de vida.

Quando os indivíduos estiverem a crescer e as comunas a crescer também, lado a lado, a sociedade há de desaparecer e, com a sociedade, todos os males por ela criados.

Dou-lhes um exemplo. Uma vez na China deu-se um passo tremendamente revolucionário, há dois mil anos. O médico tinha que ser pago pelo doente desde que o doente não ficasse doente; se adoecesse, o médico deixava de receber. Parece muito estranho. Nós pagamos ao médico quando estamos doentes, e ele põe-nos de boa saúde outra vez. Porém, é

perigoso, porque o médico fica dependente da nossa doença. A doença passa a ser do interesse dele: quanto mais as pessoas adoecerem, mais ele ganha. O interesse dele passa a ser não a nossa saúde, mas a nossa doença. Se toda a gente continuar saudável, o médico será o único a ficar doente!

Puseram em prática uma ideia revolucionária, a de que toda a gente tem médico e, enquanto as pessoas estiverem bem, o médico recebe todos os meses. O dever do médico é manter toda a gente saudável — e naturalmente é isso que ele se esforça por fazer porque está a ser pago. Se alguém adoecer, o médico perde dinheiro. Quando há epidemias, o médico abre falência. Neste momento, temos o oposto. O médico enriquece em caso de epidemia.

Ora este é um sistema profundamente errado. A comuna deve pagar ao médico para manter todos de boa saúde e, se alguém adoecer, o vencimento do médico é reduzido. Por conseguinte, a saúde é o negócio do médico, e não a doença. A diferença é evidente: no Ocidente, ao negócio do médico chama-se *medicina*, termo relacionado com doença. No Oriente chama-se *ayurveda*, termo que significa ciência da vida — e não doença. A atividade básica do médico deve ser a de manter as pessoas longevas, saudáveis, plenas, e por isso deve ser remunerado. Logo, cada comuna pode facilmente dar-se ao luxo de ter um médico, um canalizador, um engenheiro — o que for necessário. É responsabilidade da comuna tratar disso, e as pessoas que servem a comuna devem obedecer a um regime de rotatividade para que não haja, outra vez, concentrações de poder.

O comité da comuna deve estar em rotatividade; a cada ano, deve entrar gente nova e sair gente antiga para que ninguém fique viciado em poder. O poder é a pior droga em que alguém se pode viciar; deve ser dado mas em pequeníssimas doses e não por muito tempo. Deixemos o indivíduo crescer e a comuna crescer — e esqueçamos tudo da sociedade; não lutemos com ela. Não digamos sequer, “Estamos a criar uma sociedade alternativa.”

Não queremos nada com a sociedade; deixemo-la continuar como está. Se quiser perdurar, terá de mudar de modo, de forma, de estrutura, e terá de passar a ser uma comuna. Se quiser morrer, deixemo-la morrer. Não há mal nenhum nisso. O mundo está sobrepovoado; só precisa de um quarto da população que tem. Por conseguinte, as cabeças velhas que não conseguem conceber nada de novo, que estão absolutamente cegas e não conseguem ver que o que fazem é nocivo e tóxico... Se decidiram morrer, pois deixemo-las morrer sossegadas. Não as incomodemos.

Não estou aqui a ensinar ninguém a ser revolucionário. Quero que sejam transformadores bastante silenciosos, quase clandestinos. Porque todas as revoluções fracassaram... Agora a única maneira possível é fazê-las em paz e sossego para que possam acontecer.

Há coisas que só acontecem em silêncio. Por exemplo, se gostarmos de rosas, não devemos puxar o pé da roseira todos os dias para ver a raiz, senão

matamo-la. A raiz tem de continuar escondida, e vai fazendo o seu trabalho em silêncio.

A minha gente tem de ser como raízes: continuar o seu trabalho em silêncio, a mudar-se, a mudar quem estiver interessado; a difundir os métodos que podem mudar; a criar pequenos grupos, pequenas comunas e, sempre que possível, comunas maiores. Mas que tudo isso aconteça em sossego, sem criar rebuliço.

O indivíduo só pode existir se a sociedade morrer; os dois não podem coexistir. É tempo de a sociedade morrer, e assim encontraremos novas maneiras de união que não sejam formais, que emanem do coração. A família impede isso, a família ergue uma barreira em redor de cada criança. A família diz, "Eu sou teu pai, tens de me amar. Eu sou tua mãe, tens de me amar. Esta é a tua família. Se houver necessidade, sacrifica-te pela família."

A mesma ideia é projetada em maior escala enquanto nação: "Esta é a tua nação. Se precisar de ti, sacrifica-te." Sociedade, família, nação... É a mesma ideia cada vez maior. Por conseguinte, o meu ataque basilar é à família. A família é a raiz de todos os problemas. Pobreza, doença, loucura, vacuidade, desamor — a família é a culpada. Do mesmo modo, é a causa de todas as limitações, desde o princípio. Começa por limitar-nos a mente: és Judeu, és Cristão, és Hindu, és isto e és aquilo — e a coitada da criança não sabe de que disparates estamos a falar.

A família dá-nos como herança o passado inteiro e o fardo de todas as coisas que têm sido dadas como erradas há centenas de anos. Ficamos carregados de todas essas coisas erradas, e a mente fechada e entupida e sem poder receber nada de novo que vá contra isso. A mente fica simplesmente cheia de coisas erradas.

Se as crianças estiverem nas mãos da comuna... Eu já fiz a experiência e considero que é um êxito. As crianças são muito mais felizes porque são muito mais livres. Não têm limitações impostas; amadurecem mais cedo porque ninguém está a tentar mantê-las dependentes, e ganham independência. Não há ninguém a afadigar-se para ajudá-las, pelo que têm de se ajudar a si próprias. Isto traz maturidade, clareza, uma certa força. E todas fazem meditação: a meditação não é limitação; é simplesmente estarem sentadas em sossego, sem fazer nada, apenas a desfrutar do silêncio — o silêncio da noite, o silêncio da madrugada... E devagar, paulatinamente, ficamos cientes do silêncio que invade o nosso ser interior. Assim, no momento em que fechamos os olhos, caímos dentro de um lago de silêncio sem fundo. Desse silêncio, saímos rejuvenescidos a cada momento.

Desse silêncio vem o amor, a beleza, vem uma profundidade especial para os nossos olhos; uma aura especial para o nosso ser, uma força para a nossa individualidade, e amor-próprio.

Liberdade individual e autoridade de um lado, autoritarismo e ditadura do outro, movem a vida e as aspirações do homem. Queira comentar.

É o mesmo problema, a mesma questão, formulada de maneira diferente. A sociedade é autoritária; a igreja é autoritária; o sistema educativo é autoritário. Todos dizem, "O que nós dizemos está certo, não é preciso questionar, basta seguir."

E há problemas, por exemplo, no sistema educativo. Fui estudante, fui professor, e sei que, durante a melhor parte da sua vida, a pessoa está a ser estragada por gente autoritária em escolas, colégios, universidades. Fui expulso de muitos colégios simplesmente porque não conseguia aceitar qualquer forma de autoritarismo. Eu dizia, "Provem-no e estou disposto a aceitar mas, sem provas, sem darem os argumentos certos, sem fazerem uma declaração racional, não vou aceitar nada."

E debatia-me em todas as matérias, porque em todas as matérias os professores limitam-se a debitar. Os alunos tomam apontamentos, porque não era necessário mais do que repetir nos exames o que os professores lhes diziam. Quanto melhor se repetia, como um papagaio, melhor nota se tinha.

Havia pequenas coisas que tinham dificuldade em provar, e era uma vergonha para eles. Todos os dias havia uma questão; fosse o que fosse que eles dissessem, eu punha-me de pé de imediato — e fazia perguntas relevantes — "Com que fundamento...?"

Por exemplo, um dos professores que ensinava religiões declarou que os Vedas, as escrituras sagradas dos Hindus, tinham sido redigidas por Deus. Eu tive de me levantar, e de dizer:

— Oponho-me. Em primeiro lugar, ainda não conseguiram provar a existência de Deus. Em segundo lugar, agora dizem que esses livros, cheios de disparates, foram escritos por Deus. Mas já leu os Vedas? — perguntei eu.

— Já leu da primeira à última página? — Há quatro Vedas, volumes grandes.

— Trouxe os quatro volumes comigo, e posso abrir uma página ao acaso e ler e deixar que a turma inteira decida se é uma afirmação que Deus possa ter escrito.

Os Vedas estão cheios de orações. Ora, Deus não pode rezar; a quem é que vai rezar? E orações por coisas tão estúpidas que é simplesmente ridículo dizer que foram escritas por Deus. Há um Brâmane que reza:

— Tenho seguido continuamente todos os ritos, vivido segundo as escrituras e ainda não me deram um filho. Dai-me um filho; será prova de que ouviram as minhas orações.

Perguntei ao professor:

— Como é que Deus pode ter escrito este passo? Foi escrito por alguém e dirigido a Deus, mas não pode ter sido escrito pelo próprio Deus. Se for esta a situação de Deus, o tal coitado não tem de se ralar com isso. Deus está a perguntar de um filho de outrem, por que é que não havemos nós de perguntar à mesma fonte? Por que é que havemos de incomodar este coitado?

A única resposta deles, finalmente, foi que eu seria rejeitado em todos os colégios. Disse o diretor:

— Lamentamos. Sabemos que você tem razão, mas temos de gerir o colégio. Você destruirá a instituição toda. Os professores ameaçam demitir-se, os alunos dizem que você não deixa os professores ensinarem porque, todos os dias, se perde uma aula por causa de uma única questão. Já passaram oito meses, e o curso não pode terminar nos próximos dois se isto continuar assim. Os alunos estão cá para passar nos exames; não lhes interessa a verdade, não lhes interessa a validade de qualquer afirmação. A única razão para cá estarem é a obtenção de um certificado. E você é estranho, parece que os certificados não lhe interessam. — E eu disse:

— Os certificados não me interessam para nada. O que é que farei com certificados de gente que não sabe nada? Não posso considerar essa gente os meus examinadores. No dia em que me derem o certificado, rasgo-o imediatamente à frente deles, porque essa gente não sabe responder a perguntas reais.

Ora o sistema inteiro está programado dessa forma. Quando eu próprio cheguei a professor, tive de arranjar um método novo. O método consistia em que, em cada aula de quarenta minutos, durante vinte minutos eu ensinaria o currículo como estava nos livros, e nos outros vinte criticava-o. Os meus alunos diziam:

— Ainda ficamos loucos. — E eu dizia:

— O problema é vosso, mas eu não posso deixar estas afirmações sem críticas. A escolha é vossa: quando forem a exame, podem optar por escrever o que quiserem. Se quiserem chumbar, escolham a minha parte. Se quiserem passar, escolham a primeira parte. Estou a deixar isto bem claro, não estou a enganar ninguém. E não posso continuar a enganá-los ensinando uma coisa que me parece absolutamente errada.

O vice-reitor teve finalmente de me chamar e disse-me:

— Mas que método de ensino tão estranho. Tem-me constado diariamente que o professor ensina o currículo metade do tempo e que, na outra metade, expõe os seus argumentos, os quais destroem tudo aquilo que ensinou antes. Portanto, os alunos saem mais vazios do que entraram... Aliás, mais atrapalhados! — E eu disse:

— Não estou ralado com ninguém. O que é que me fizeram os anos todos em que fui aluno? Fui sucessivamente expulso de todos os colégios. O senhor pode ir a uma das minhas aulas e ver se faço jus ao conteúdo curricular. Quando ensino o conteúdo curricular, faço-o o melhor possível, para que fique bem claro.

Ele foi assistir a uma aula e, passados vinte minutos, disse:

— Foi ótimo. Também fui aluno de Filosofia, mas nunca ninguém me explicou dessa maneira. — E eu disse:

— Isto é apenas metade da aula. Espere para me ver destruir tudo, passo a passo.

E depois de eu destruir o raciocínio por completo, ele disse:

— Meu Deus! Agora compreendo de que é que os coitados dos alunos se queixam. O senhor não deveria ser professor nesta estrutura educativa. Sei ver que aquilo que faz é absolutamente honesto, mas este sistema não cria pessoas inteligentes; este sistema só cria pessoas com boa memória, pois é isso que é necessário. Precisamos de amanuenses, chefes de estação, carteiros; estes alunos não precisam de inteligência, precisam de boa memória. — E eu disse:

— Por outras palavras, precisamos de computadores e não de pessoas. Se o vosso sistema educativo é isto, mais cedo ou mais tarde vão substituir os seres humanos por computadores.

E é isso que andam a fazer. Por todo o lado andam a substituir cargos importantes por computadores, porque os computadores são mais fiáveis; só têm memória, não têm inteligência. O homem, por mais reprimido que seja, tem alguma inteligência. O homem que largou as bombas atômicas em Hiroxima e Nagasáqui — se tivesse sido um computador, não haveria questões: à hora certa, na distância certa, teria largado a bomba e regressado. Teria sido algo simplesmente mecânico. Ora o homem que ia largar a bomba, por mais que lhe tivessem destruído a inteligência, teve de pensar duas vezes no que ia fazer. Matar uma centena de milhares de pessoas que eram absolutamente inocentes, que eram civis, que não eram militares, que não tinham feito mal nenhum a ninguém — está certo?

Agora, por toda a parte, as armas nucleares estão entregues a computadores, não estão nas mãos de seres humanos. Os computadores é que vão fazer a terceira guerra mundial. Os seres humanos vão ser assassinados, mas isso já é outra questão. Os computadores não querem saber se a humanidade sobrevive ou desaparece; não lhes interessa, mas farão o trabalho eficiente e exato que o homem não pode fazer. O homem pode hesitar em destruir a humanidade inteira; alguma inteligência, basta um pouco de inteligência para levantar a questão: "O que é que estou a fazer?"

Todas as nossas instituições, as nossas religiões, são autoritárias. Não nos dizem porquê: “Façam porque está escrito no livro, porque Jesus manda.” Jesus não adiantou um único argumento para justificar o que tinha de ser feito; não propôs um único fundamento racional para nenhuma das suas doutrinas. Moisés também não, Krishna também não. Krishna diz simplesmente a Arjuna, “Isto vem de Deus. Temos de lutar.” Isto é autoritarismo. E recorre-se a Deus, manipula-se Deus, em todas as situações, para que tudo o que disserem seja inquestionável.

Temos de destruir todo o autoritarismo do mundo.

A autoridade é completamente diferente. O autoritarismo está ligado à sociedade, à igreja; a autoridade respeita à percepção individual. Se eu vos disser algo, digo-o com autoridade. Significa simplesmente que digo porque tenho experiência para isso — mas não significa que tenham de acreditar. Basta que tenham escutado; agora podem refletir, podem decidir a favor ou contra.

Para mim, o importante não é que decidam a favor; para mim o importante é que decidam sozinhos. Podem ser contra, não importa — mas a decisão deve surgir do vosso próprio ser. Se não surgir do vosso próprio ser, estarão a fazer de mim um autoritário.

Estou a falar imbuído da minha autoridade. Queiram não fazer de mim um autoritário, porque estou simplesmente a explicar um facto com toda a força e intensidade de que sou capaz, para que fique absolutamente claro para todos — e agora são todos livres de decidirem. Não estou a decidir por vós, e não estou a pedir que tenham fé em mim nem que acreditem em mim. Estou simplesmente a pedir:

— Deem-me uma hipótese, pensem no que estou a dizer-lhes, e ficarei grato por pensarem nisso.

E basta. O vosso raciocínio aumenta a vossa inteligência, e eu confio na inteligência. Se raciocinarem, e a vossa inteligência aumentar, saberei que a vossa conclusão estará certa.

Mesmo que concluam mal uma vez, não importa. É preciso cair muitas vezes e levantar-se muitas vezes. A vida é assim. É preciso errar e aprender com os erros, e transformar cada obstáculo num degrau.

Contudo, à minha volta, a crença ou a fé está fora de questão. Com a liberdade individual, o autoritarismo morre e surge outra coisa: a autoridade. Cada indivíduo é capaz de ter experiência própria; assim ganhará autoridade, assim poderá dizer, “Já vi, já provei. Já desfrutei. Já dancei. E não estou a citar escritos, estou simplesmente a abrir o coração.”

A autoridade pertence à experiência.

O autoritarismo pertence a outrem, não é nosso; por isso, fomenta escravatura e não liberdade. Para mim, a liberdade é o derradeiro valor, porque só em liberdade podemos florescer, e podemos prosperar com o máximo do nosso potencial.

A sociedade é um facto real determinado pela existência do homem, ou será um conceito falso, uma limitação que existe somente porque o homem está adormecido?

A sociedade não é uma realidade existencial. Foi criada pelo homem porque o homem está adormecido, porque o homem está no caos, porque o homem não é capaz de ter liberdade sem a transformar em excesso. O homem não é capaz de ter liberdade sem abusar disso. Por conseguinte, é uma criação artificial mas necessária.

Visto ser artificial, a sociedade pode dissolver-se. Por ter sido necessária outrora, não quer dizer que tenha de ser necessária para sempre. O homem só tem de alterar as condições que a tornam necessária. E ainda bem que não é existencial, ou não teríamos maneira de nos vermos livre dela.

É uma coisa feita por nós. Podemos destruí-la quando quisermos.

Como evoluir além do coletivo, das nações, sem cair na barbaridade de egos singulares a digladiarem-se?

Todas as vossas perguntas se centram numa única coisa. Gostaria de vos dar uma única resposta.

Faz-me lembrar uma parábola...

Um grande mestre estava sentado à beira-mar, na praia, e um homem que buscava a verdade acercou-se, tocou-lhe nos pés e perguntou:

— Se não for incómodo, gostaria de fazer algo que o senhor me sugira e que me ajude a encontrar a verdade.

O mestre fechou os olhos e continuou calado.

O homem abanou a cabeça e disse para si próprio:

— Este homem parece louco. Faço-lhe uma pergunta e ele fecha os olhos. — Deu um safanão ao homem e tornou a indagar:

— Então e a minha pergunta?

O mestre disse:

— Já respondi. Sente-se em silêncio... Não faça nada, e a erva cresce sozinha. Não é preciso ralar-se com isso, vai acontecer tudo. Sente-se em silêncio, desfrute do silêncio.

O homem pediu:

— Não lhe pode dar um nome, as pessoas vão perguntar-me o que é que estou a fazer.

E o mestre escreveu na areia com um dedo: meditação.

O homem retorquiu:

— A resposta é muito pequena. Queira desenvolver. O mestre escreveu em maiúsculas: MEDITAÇÃO.

O homem retrucou:

— Mas são simplesmente letras grandes. Está a escrever a mesma coisa.

CAPÍTULO 8

Terrorismo – O seu Vulcão de Violência Interior

Osho, o aumento do terrorismo na última década será sintomático do que está a acontecer à sociedade em geral?

Está tudo profundamente relacionado com tudo o que acontece. O fenómeno do terrorismo está certamente relacionado com o que está a acontecer à sociedade. A sociedade está a desabar. A antiga ordem, disciplina, moral, religião, descobriu-se que tudo se baseia nas coisas erradas. A sociedade perdeu o poder que tinha sobre a consciência das pessoas.

O terrorismo é simplesmente sintoma de que a destruição dos seres humanos não importa, de que não há nada nos seres humanos que seja indestrutível, de que são só matéria — e não se pode matar a matéria, só se pode mudar-lhe a forma. Assim que o homem for tido como uma combinação de matéria, e não houver lugar para um ser espiritual dentro dele, matar passa a ser uma brincadeira.

As nações ficaram irrelevantes devido às armas nucleares. Se o mundo inteiro pode ser destruído em minutos, a alternativa só poderá ser que o mundo se mantenha inteiro. Agora não pode continuar dividido; a divisão é perigosa, porque a divisão pode transformar-se em guerra a qualquer momento. Não se pode tolerar a divisão. Basta uma guerra para destruir tudo e não falta muito tempo para que o homem venha a compreender que temos de criar um mundo em que a possibilidade de guerra não exista.

O terrorismo tem muitos cambiantes. Um deles é que, por causa das armas nucleares, as nações estão a dedicar energia a esse campo, pensam que as armas antigas estão obsoletas. Estão obsoletas, mas os indivíduos podem começar a usá-las. Ora, não se pode usar armas nucleares contra indivíduos — seria uma estupidez. Um terrorista individual lança uma bomba, não justifica que se vá disparar um míssil nuclear.

Aquilo que pretendo salientar é que a arma nuclear deu aos indivíduos uma certa liberdade de usar armas antigas, uma liberdade que não era possível antigamente porque os governos também usavam as mesmas armas.

Agora os governos estão determinados em destruir as armas antigas, em atirá-las ao mar, em vendê-las a países que sejam pobres e não possam comprar armas nucleares. Todos os terroristas vêm desses países, com as mesmas armas que foram vendidas aos seus países. E têm uma estranha proteção: não se pode usar armas nucleares contra eles, não se pode lançar bombas atômicas contra eles.

Eles podem atirar bombas contra nós, e nós ficamos subitamente impotentes. Temos uma imensa quantidade de bombas atômicas, bombas nucleares nas mãos — mas, por vezes, onde uma agulha tem utilidade, uma espada não serve para nada. A espada até pode estar connosco, mas não quer dizer que estejamos em posição superior ao homem que tem a agulha, porque há situações em que só uma agulha funciona, a espada não serve para nada.

As armas pequenas da velha guarda amontoavam-se e as grandes potências tinham de se desfazer delas. Podia-se atirá-las ao mar, mas era tanto dinheiro, tanta mão-de-obra, tanta energia desperdiçada; economicamente, era um desastre. Ora, continuar a amontoá-las também era economicamente impossível. Mas quantas armas é que se conseguem acumular? Há limites. E quando se arranja nova maneira de matar com mais eficiência, a maneira antiga tem de ser descartada. Por conseguinte, pensou-se ser melhor vendê-las a países pobres. Os países pobres não podem criar armas nucleares, custa muito dinheiro. Estas outras armas saíam baratas, eram uma “ajudinha”, e eles aceitaram.

Ora, não se pode usar essas armas numa guerra; essas armas já eram inúteis em guerra. Mas ninguém tinha visto a possibilidade de essas armas serem usadas individualmente, e que daí poderia surgir um novo fenómeno, o terrorismo.

Ora, um terrorista tem um poder muito estranho, até superior às maiores potências. Pode atirar bombas à Casa Branca sem nada temer, porque o que nós temos é grande demais e não lho podemos atirar para cima. E são armas vendidas por nós! Mas o fenómeno era inconcebível, porque a psicologia humana não o conseguia abarcar.

No meu entendimento da maneira de viver do homem, o homem precisa de uma guerra a cada dez ou doze anos. Acumula tanta raiva, tanta fúria, tanta violência que só uma guerra o consegue desafogar. Por conseguinte, guerra atrás de guerra, há um hiato entre dez a quinze anos. O hiato é uma espécie de relaxamento. Mas torna-se a acumular, porque entra em ação a mesma psicologia — a mesma inveja, a mesma violência.

Ora o homem é basicamente um caçador; não é, por natureza, vegetariano. Primeiro foi caçador e, durante milhares de anos, foi apenas carnívoro, e o canibalismo prevaleceu em toda a parte. Era perfeitamente ético comer seres humanos da tribo adversária que se estava a guerrear. Toda essa história está no subconsciente da humanidade.

As religiões impuseram coisas ao homem muito superficialmente; o subconsciente dele não concorda. Todo o homem vive em desacordo consigo mesmo. Portanto, sempre que surge a oportunidade... Por uma causa bonita, pela liberdade, pela democracia, pelo socialismo, qualquer palavra bonita pode servir de manto para esconder o horror do subconsciente, que quer simplesmente destruir e que adora a destruição.

Agora é quase impossível uma guerra mundial; caso contrário, não haveria terrorismo. Já passou tempo suficiente desde a segunda guerra mundial; a terceira guerra mundial deveria ter acontecido por volta de 1960. Não aconteceu. Foi esta a rotina ao longo de toda a História, e o homem está programado para ela.

Foi observado por psicólogos que, em tempo de guerra, as pessoas são mais felizes do que em tempo de paz. Em tempo de guerra, a vida é uma emoção; em tempo de paz, um tédio. Em tempo de guerra, de manhã cedo, vão buscar o jornal, vão ouvir a rádio. As coisas até podem estar a acontecer longe, mas é uma excitação. Há algo nas pessoas que traduz afinidade. Uma guerra que deveria ter acontecido entre 1955 e 1960 não aconteceu, e o homem está sobrecarregado com vontade de matar, com vontade de destruir. Só precisa de nomes bons para isso.

O terrorismo vai aumentar cada vez mais, porque a terceira guerra mundial é impossível de acontecer. Os estúpidos dos políticos não têm alternativa. O terrorismo significa simplesmente que aquilo que era feito à escala social agora tem de ser feito individualmente. E só vai crescer.

Só se pode impedir se mudarmos a própria base da compreensão humana — uma tarefa hercúlea; ainda mais porque as pessoas a quem queremos mudar se vão recusar; não vão deixar que as mudemos facilmente. Aliás, adoram derramamento de sangue; não têm a coragem de o dizer.

Até mudarmos a base da humanidade, o terrorismo vai ser cada vez mais coisa do quotidiano. Vai acontecer em aviões, vai acontecer em autocarros. Vai começar a acontecer em automóveis. Vai começar a acontecer a estranhos. Alguém vai aparecer de repente e dá-nos um tiro — não é que lhe tenhamos feito algum mal, trata-se simplesmente do regresso do caçador. O caçador andava contente em guerra. Agora a guerra parou, e talvez já não haja possibilidade. O caçador voltou; agora não podemos lutar coletivamente. Cada indivíduo tem de fazer algo para gastar energia.

As coisas estão interligadas. A primeira coisa que tem de se mudar é que o homem tem de sentir mais alegria — coisa que todas as religiões mataram. Os verdadeiros criminosos não são apanhados. São vítimas, os terroristas e outros criminosos. São todas as religiões as verdadeiras criminosas, porque destruíram todas as possibilidades de alegria. Destruíram a possibilidade de gozarmos as pequenas coisas da vida; condenaram tudo o que a natureza nos proporciona para a nossa felicidade, para a nossa excitação, para o nosso prazer. Tiraram-nos tudo; se ainda não conseguiram tirar certas coisas por

estarem arreigadas na nossa biologia — por exemplo, o sexo — conseguiram pelo menos envenená-las.

Friedrich Nietzsche é, na minha opinião, um dos maiores visionários do mundo ocidental; os olhos dele vão mesmo até à raiz do problema. Mas como os outros não conseguiam ver — não tinham olhos penetrantes, não tinham uma inteligência acutilante — o homem viveu sozinho, abandonado, isolado, mal-amado, desrespeitado. Diz ele, numa das suas afirmações, que o homem foi ensinado pelas religiões a condenar o sexo, a renunciar ao sexo. A religião não conseguiu; e o homem tentou mas fracassou, porque o sexo está profundamente arreigado na sua biologia — é algo de corpo inteiro. O homem nasce do sexo, como é que pode livrar-se dele sem cometer suicídio? Por conseguinte, o homem tentou, e as religiões ajudaram-no a livrar-se disso — recorreram a milhares de disciplinas e estratégias. O resultado é que o sexo está lá, mas envenenado. O termo *envenenado* é de uma perspicácia tremenda. As religiões não conseguiram tirar-nos o sexo, mas saíram-se bem a envenená-lo. O mesmo se verifica noutras coisas: as religiões condenam uma vida de conforto. Ora, um homem que viva no conforto e no luxo não pode vir a ser terrorista. As religiões condenaram riquezas, louvaram a pobreza; ora, um homem que seja rico não pode ser terrorista. Somente os “bem-aventurados” que sejam pobres podem vir a ser terroristas porque não têm nada a perder, e já estão a ferver contra a sociedade inteira porque os touros têm coisas que eles não têm.

As religiões têm tentado consolá-los, mas depois veio o comunismo, uma religião materialista, que provocou as pessoas e lhes disse: “As religiões antigas são ópio para o povo, não é por causa de más ações nesta vida ou em vidas passadas que vocês agora são pobres. É por causa da exploração malvada dos burgueses, dos multimilionários, que vocês sofrem.”

A última frase no *Manifesto Comunista* de Karl Marx: Proletários do mundo, uni-vos; não têm nada a perder e o mundo inteiro a conquistar. Já estão pobres, esfomeados, nus, o que podem perder? A morte não os fará mais infelizes do que a vida já faz. Por que não correr o risco e destruir esta gente que lhes tirou tudo? Recuperem essas coisas e distribuam tudo.

Aquilo com que as religiões andavam a consolar as pessoas — embora fosse errado, fosse ardiloso e fosse mentira, mas mantinha as pessoas meio adormecidas — veio o comunismo e alertou-as. Significa isto que este mundo nunca vai ter paz se não arrancarmos todas as ideias podres que foram implantadas no homem.

Primeiro as religiões. Os valores delas têm de ser arrancados para que o homem possa sorrir outra vez, se possa alegrar outra vez, possa ser natural outra vez. Segundo, o que o comunismo diz tem de ser esclarecido — é psicologicamente errado. Sai-se de uma armadilha para se cair noutra. Não há duas pessoas iguais; donde, a ideia de igualdade é um disparate. Se decidirmos ser iguais, teremos de aceitar a ditadura do proletariado. Significa que teremos de perder a liberdade.

Primeiro a igreja tirou-nos a liberdade, Deus tirou-nos a liberdade. Depois o comunismo substituiu a igreja e tirou-nos a liberdade também. Sem liberdade não podemos viver com alegria.

Vivemos com medo, não vivemos com alegria. Se conseguirmos limpar a cave do subconsciente da mente humana... É esse o meu trabalho. Pode limpar-se sim senhor.

O terrorismo não está nas bombas, está nas nossas mãos; o terrorismo está no subconsciente. Caso contrário, este estado de coisas vai ficar cada vez mais amargo. Parece que toda a espécie de gente cega tem bombas na mão e as anda a lançar aleatoriamente. A terceira guerra mundial teria desafogado as pessoas durante dez, quinze anos, mas a terceira guerra mundial não pode acontecer porque, se acontecer, não vai desafogar ninguém, só vai destruir.

Por conseguinte, a violência individual vai aumentar — já está a aumentar. E todos os governos e todas as religiões vão continuar a perpetuar velhas estratégias sem compreenderem a nova situação. A nova situação é que todos os seres humanos precisam de terapia, precisam de compreender as suas intenções subconscientes, precisam de fazer meditação para se poderem acalmar, para se apaziguarem — e olharem para o mundo com uma perspectiva nova, de silêncio.

CAPÍTULO 9

A Falácia Básica das Revoluções

Osho, há nove anos, apaixonei-me por uma obra de Albert Camus, *O Homem Revoltado*, em que o autor chega à conclusão de que todas as tentativas para abolir a injustiça com revoluções estão votadas ao fracasso. Antes pelo contrário, diz ele, a única maneira de criar justiça é vivendo-a. A revolta de Camus será apenas outra expressão daquilo a que Osho chama rebelião?

O livro de Camus, *O Homem Revoltado*, tem muitos momentos de perspicácia, mas ele não deixa de ser um filósofo. Não pratica aquilo que anda a pregar. Diz-me o leitor que, no livro, "ele chega à conclusão de que todas as tentativas para abolir a injustiça com revoluções estão votadas ao fracasso". É de grande perspicácia.

Parece que há algo intrínseco no próprio mecanismo da revolução que a condena ao fracasso. Primeiro, o revolucionário é criado pela velha sociedade contra a qual ele se revolta; os valores, os ideais não diferem muito dos antigos. A única diferença para ele é que não estão no poder as pessoas certas; tirando isso, está tudo certo. Basta que as pessoas certas fiquem com o poder, que as pessoas erradas sejam retiradas, e a revolução será concretizada em todos os aspetos da vida.

Esta é uma falácia básica. Não é uma questão de pessoas certas ou pessoas erradas. A sociedade está condicionada por inteiro a escravos, e não a senhores. Onde, quando alguns se revoltam contra a estrutura de poder, para substituírem o antigo aparelho por si próprios, só então é que descobrem o que andava a fazer o antigo aparelho, e que eles também têm de fazer; caso contrário, será um caos imenso.

Ora esse entendimento chega tarde demais, devagar demais, eles próprios se transformam no mesmo tipo de gente que derrubaram — aliás, pior, porque agora tomaram o gosto ao poder, e agora também sabem como é que derrubaram os que estavam no poder antes deles. Não tarda a que surja uma nova geração, a qual começará a falar de revolução porque entretanto nada mudou. Os antigos revolucionários estarão mais atentos para reprimirem qualquer possibilidade de nova revolução, porque sabem como é que lograram derrubar a antiga estrutura de poder, e não vão ser derrubados da mesma maneira. Não vão permitir liberdade de expressão, a base de

qualquer revolução, e vão esmagar qualquer indivíduo que não obedeça à estrutura deles.

Durante sessenta anos na União Soviética, o regime comunista revelou-se muito pior do que os czares contra quem se tinham revoltado. Pelo menos no regime dos czares era possível criar uma revolução; num regime comunista, era quase impossível.

Não permitiam sequer que brotasse de raiz. Todas as publicações eram propriedade governamental, a rádio era do governo, a televisão era do governo. Aliás, em nome do comunismo, a propriedade privada foi açambarcada pelo Estado. Por conseguinte, chamar à União Soviética um país comunista está errado — era capitalismo estatal.

Na América, há muitos capitalistas, e essa grande quantidade dá uma certa sensação de movimento e mudança, e da possibilidade de revolução. Na União Soviética, só havia um comunista e era o próprio Estado. Todo o poder, toda a riqueza, toda a terra pertencia ao Estado; o indivíduo foi despojado de qualquer forma de propriedade. As instituições educativas eram todas geridas pelo governo. Só se lia o que o governo entendesse, só se ouvia estações de rádio do governo, e na televisão só se via o que o governo quisesse que o povo visse.

Não se pode ter outro partido político na oposição ao comunista porque não se está em democracia — é uma ditadura do proletariado. É apenas um nome, “ditadura do proletariado” e, em nome do proletariado, o Partido Comunista é o ditador. É o mesmo grupinho que esteve no poder sessenta anos, e o poder total está nas suas mãos.

José Estaline, que estabeleceu o domínio comunista na Rússia, matou pelo menos um milhão de pessoas na sua própria terra. Era a mesma gente a quem se pregava a revolução, e neste milhão de pessoas, a maioria era revolucionária. Ele teve de os matar porque agora esses revolucionários eram um risco. Era perigoso deixá-los viver porque estavam sempre a perguntar, “O que é que aconteceu à revolução?” Só tinha mudado quem estava no poder, parecia que a revolução não estava a acontecer em lado nenhum; era tudo o mesmo. Em vez de muitos capitalistas, agora só havia um capitalista, o Estado, o que certamente o tornava imensamente poderoso. Não havia partido da oposição, a oposição estava fora de questão.

É sabido — não há provas, mas há uma grande probabilidade de ser verdade — que, à medida que a revolução triunfava, Lenine, o líder da religião, e Trótski, seu braço direito, Commeneau, Zinoviev, e outros grandes revolucionários comunistas, foram eliminados um a um. A Lenine deram pequenas doses de veneno todos os dias, a pretexto de serem remédios. A própria esposa confessou que Estaline nunca deixara que nenhum outro médico além do seu cuidasse de Lenine, e este foi piorando sempre. Estaline não queria que ele morresse imediatamente porque, em nome de Lenine, primeiro queria cimentar a sua posição. Estaline era apenas secretário do partido; o seu contributo para a revolução não foi muito, não era uma figura

conhecida na nação nem internacionalmente. Lenine foi o fundador da revolução e Trótski o líder mais influente — nem Lenine foi um líder tão carismático quanto Trótski. Estaline manteve Lenine vivo, mas era uma meia-vida. Enquanto o envenenava paulatinamente ia açambarcando cada vez mais poder. Quando Estaline assumiu o controlo por completo, Lenine estava acabado.

Lenine nunca governou a Rússia. Depois da revolução, continuou gravemente doente; mantiveram-no doente. Depois Commeneau foi apanhado, Zinoviev foi assassinado, e Trótski, ministro da defesa, fugiu da Rússia com medo que, depois de Lenine morto, chegasse a vez dele. É inconcebível a desumanidade do homem contra o homem. No dia em que os esbirros de Estaline chegaram a casa de Trótski... Ele já abandonara a União Soviética umas horas antes. Só encontraram o cão dele e, parece inacreditável, Estaline mandou que matassem o cão imediatamente — mas que mente louca e corrompida pelo poder. Depois mandou assassinos profissionais na pegada de Trótski; Trótski tinha de ser eliminado, não podia ficar vivo em lugar algum do mundo. Trótski fugira para parte incerta no México, bem longe da União Soviética, do outro lado do mundo. Mas finalmente encontraram-no, e foi brutalmente assassinado com um martelo na cabeça. Esmagaram-lhe o crânio por completo.

Trótski estava a escrever uma biografia de José Estaline para que as gerações futuras soubessem que não basta mudar quem está no poder — Estaline revelara-se muito pior do que os czares. É um volume grande, quase mil páginas, e uma biografia rara escrita pelo inimigo, muito sincera, muito verdadeira. Quando foi atingido por um martelo na nuca, estava mesmo a terminar a biografia. O sangue dele está nas últimas páginas do livro. O livro ainda está num museu algures no México, o manuscrito com o sangue do seu autor.

Todos os outros líderes que tinham sido grandes revolucionários foram mortos, um após o outro, porque eram gente perigosa. Ainda falavam de revolução, e Estaline reconheceu o facto de que não havia revolução possível. Era bom falar disso antes da revolução, mas agora que a responsabilidade recaía nos seus próprios ombros, era preciso esquecer tudo da revolução. Era preciso firmar-se no poder e ao seu partido com tal força que ninguém os pudesse destruir.

Há uma história linda... Quando Estaline morreu e Kruchev foi empossado primeiro-ministro, o primeiro discurso que fez foi para o círculo íntimo do Partido Comunista, o chamado Presídio. No discurso, ele disse:

— Tenho de confessar que Estaline foi um dos maiores criminosos de sempre. Ou se estava com ele, ou se estava contra ele. Quem estivesse contra ele assinava a sua sentença de morte.

Alguém bradou do fundo do auditório:

— O camarada esteve com ele estes quarenta anos. Por que é que não falou?

Kruchev riu-se e retorquiu:

— Gostaria que o estimado camarada se levantasse para eu saber quem pergunta.

Ninguém se levantou, e Kruchev perguntou:

— Estão a compreender? Se alguém se levantar, amanhã estará morto. Depois de amanhã, nunca mais se falará dele em lugar algum do universo. Eu também estive em posição semelhante.

O país inteiro transformou-se num campo de concentração e usaram métodos contra os seres humanos que nunca tinham sido usados por qualquer outro governo ou qualquer outra potência. Primeiro, faziam uma detenção se houvesse suspeitas... Se alguém dissesse mal do partido, do governo, se alguém escrevesse uma carta a indicar o mais ínfimo diferendo com o partido, seria imediatamente preso. Ficaria quinze dias detido, e a polícia não o deixava dormir; davam-lhe injeções para que ele não dormisse, para que nem sequer pregasse olho.

Injetavam-lhe substâncias químicas para lhe toldar a mente, para lhe apagar a memória; criavam uma falsa loucura no homem. Depois, passados quinze dias, o homem era presente a tribunal. O procurador do governo dizia, "Foi preso porque não está em si, está louco."

Que bela fachada... Depois o tribunal segue com o processo: o juiz pergunta ao homem, "Como se chama?" E o homem olha em redor, porque se esqueceu de tudo, porque lhe apagaram a memória. Naturalmente que o juiz o dá como louco. Tem de ser mandado para o manicómio, onde o hão de matar; nunca mais ninguém saberá o que lhe aconteceu nesse manicómio. Ou mandam-nos para a Sibéria onde a vida é pior do que a morte. A morte é descanso... A Sibéria não é sítio para viver, é sítio para sofrer.

A revolução fracassou liminarmente, e esta era a maior revolução em termos históricos; a maior experiência, na mais larga escala, com uma filosofia profunda a sustentá-la. Aconteceu o mesmo à Revolução Francesa e à Revolução Chinesa. O próprio mecanismo da revolução é tal que o sucesso é quase impossível. Quem quiser continuar no poder, tem de ser violento, destrutivo — particularmente destrutivo para aqueles que tiverem ideias revolucionárias. Eram ideias grandes e boas contra o antigo regime, mas já não prestam no regime em que o poder seja nosso.

E será preciso esquecer as promessas todas porque se revelaram utópicas. Por exemplo, os revolucionários russos prometeram acabar com o casamento, mas nunca acabaram porque o Partido Comunista viu que, se acabassem com o casamento... É a unidade basilar de toda a nação. Seria impossível manter a nação unida, e eles queriam que a nação dominasse o

mundo inteiro. Eram contra o nacionalismo antes da revolução mas, depois, a Rússia soviética passou a ser a terra prometida. Agora queriam que o seu poder se espalhasse pelo mundo inteiro cada vez mais. Agora eram imperialistas, já não eram contra o nacionalismo, embora continuassem a falar a belíssima língua revolucionária. Eram muito eloquentes, antes da revolução, tinham aprendido essa língua. Agora começavam a falar de comunismo internacional, mas o “comunismo internacional” não seria mais do que um estado imperialista soviético.

Antes da revolução na China, Mao Tsé-Tung, o líder da revolução, era seguidor de Estaline. Ora, assim que Mao chegou ao poder, houve imediatamente conflito porque Estaline também queria que a China fizesse parte de um único bloco comunista. Significava isso que a própria sede de poder de Mao ficaria por satisfazer; a China seria também uma das repúblicas da União Soviética. Mao resistiu e ficaram inimigos. A China e a União Soviética, ambos países comunistas, ficaram tão antagónicos que se tornou evidente a dificuldade de ter um único governo internacional. Alguma nação tentará, em nome do governo internacional, exercer a sua própria sede de poder e governar o mundo inteiro.

Camus tinha razão quando dizia que todas as tentativas de abolir a injustiça pela revolução estão votadas ao fracasso; e também teve razão quando disse: “A única maneira de criar justiça é vivendo-a.” É algo que se aproxima bastante da minha ideia para o novo homem, o rebelde: cada indivíduo a viver de maneira revolucionária, por si próprio, sem poder sobre os outros, porque o poder corrompe certamente. Ora a diferença está em que Camus era um simples filósofo; ele próprio nunca teve vida de rebelde. Teve a vida de um homem muito respeitável, honrado pela sociedade com um Prémio Nobel, honrado pelo mundo inteiro enquanto grande pensador, romancista, génio criativo. Se tivesse tido vida de rebelde, seria crucificado. É concebível pensar em Jesus Cristo a receber um Prémio Nobel? O prémio dele será sempre a crucificação. Um dos meus discípulos foi galardoado com um Prémio Nobel de Economia; também estive no comité do Prémio Nobel. Por ser meu sannyasin, por me ouvir e ler os meus livros, falou com o rei da Suécia, presidente do comité do Prémio Nobel, e perguntou-lhe:

— Galardoaram-me com um Prémio Nobel, e ao meu mestre não?

O rei respondeu:

— Nunca, jamais, em tempo algum fale nesse nome, porque isso acabará com a sua credibilidade junto do comité do Prémio Nobel. Eles expulsam-no.

Depois o meu discípulo contou-me o que aconteceu, que eles nem sequer estão dispostos a ouvir o meu nome, e eu disse:

— Não faz mal, eu não me encaixo nessa gente que ganha prémios Nobel; encaixo-me no tipo de gente que é crucificada. Se houver um comité para crucificar pessoas, o meu nome será o primeiro na lista.

Não é só o caso de Camus, mas de todos os filósofos. Mostram grande perspicácia em várias coisas, mas nunca chegam a praticá-las; donde, permanecem ideias bonitas nos livros deles — e as pessoas gostam.

Pai e filho, ambos grandes filósofos, e ambos do mais preguiçoso possível, estavam esparramados nas suas cadeiras um belo dia. Diz o pai:

— Simon, vai lá fora ver se está a chover.

— Pai — diz Simon -, não podes chamar o cão e ver se está molhado?

Não há filósofo nenhum pronto a sair, nem sequer para ver se chove ou não. Enquanto filósofo, Camus era perspicaz a respeito de muitas coisas que parecem semelhantes às minhas — e são, mas ele era apenas filósofo. Eu sou rebelde, não sou filósofo, e isso faz uma grande diferença — a diferença exata entre Prémio Nobel e crucificação.

CAPÍTULO 10

A Meditação Traz a Utopia à Terra

Osho, o anseio por uma vida melhor, por uma utopia, tem sido constante na mente do homem desde que ganhou consciência. Por outro lado, o homem ganhou cada vez mais medo dos seus poderes irracionais. Não se importa de comentar?

O anseio por uma utopia é, basicamente, o anseio por harmonia entre o indivíduo e a sociedade. A harmonia nunca existiu; houve sempre caos. A sociedade tem sido dividida em diferentes culturas, diferentes religiões, diferentes nações... E tudo baseado em superstições. Não há uma única divisão que seja válida. Ora estas divisões mostram que o homem está dividido dentro de si; são projeções do seu conflito interior. O homem não é uno no seu âmago, por isso é que não conseguimos criar uma única sociedade, uma única humanidade no exterior.

A causa não está no exterior. O exterior é apenas o reflexo do homem interior.

O homem desenvolveu-se a partir do animal. Mesmo que Charles Darwin não tenha razão... A sua teoria da evolução, de que o homem evoluiu dos símios, parece algo pueril, porque há símios há milhares de anos e nenhum deles se desenvolveu em ser humano. Por conseguinte, é estranho que apenas alguns símios se tenham desenvolvido em humanos, e que os restantes continuem símios; parece não haver sinais de que se venham a transformar em seres humanos.

Em segundo lugar, ele não conseguiu encontrar ligação entre homem e símio porque, sempre que as coisas se desenvolvem, há sempre passos e não saltos. O símio não pode simplesmente saltar e passar a humano. Tem de haver um processo de evolução; tem de haver algumas fases intermédias, e faltam essas fases. Charles Darwin trabalhou toda a vida para encontrar o elo perdido, mas não conseguiu encontrar nada.

Porém, segundo o misticismo oriental, de um modo muito diferente, o homem evoluiu a partir dos animais — não tanto no que respeita ao corpo, mas no que respeita ao ser. É algo que parece ter mais relevância. Charles Darwin quase que perdeu terreno no domínio científico. Agora os antidarwinistas estão a ganhar, e Charles Darwin está quase antiquado. Era apenas ficção. Ora o misticismo oriental tem a mesma teoria — não que o

corpo do símio se desenvolva num corpo humano, mas que a alma do símio, ou a alma de um elefante, a alma de um leão, pode desenvolver-se na alma de um ser humano. Primeiro desenvolve-se a alma e depois, segundo a necessidade da alma, a natureza proporciona o corpo. Por conseguinte, não há evolução corporal mas sim ligação espiritual.

A psicanálise moderna sustenta isto profundamente, em particular a escola de Carl Gustav Jung, porque no inconsciente coletivo do homem há recordações que decorrem da animalidade. Se aplicarmos hipnose profunda, primeiro o homem entra na mente inconsciente, a qual é apenas a parte reprimida da sua vida. Se a hipnose for mais fundo, o homem entra no inconsciente coletivo, o qual tem recordações de quando era animal. As pessoas começam a gritar — nesta fase não conseguem falar língua alguma. Começam a gemer ou a chorar, mas a linguagem é impossível; podem bradar, mas como animais. No estado de inconsciente coletivo, se as deixarmos mexer ou se as mandarmos mexer, andam de gatas, não se põem de pé. No inconsciente coletivo há certamente resquícios indicativos de que estiveram algum tempo no corpo de um animal qualquer. Pessoas diferentes vêm de corpos animais diferentes. Tal poderá ser a causa de tamanhas diferenças entre indivíduos. Por vezes vê-se uma semelhança — alguém a portar-se como um cão, alguém a portar-se como uma raposa, alguém a portar-se como um leão.

O folclore apoia bastante esta ideia, nas antigas parábolas como as Fábulas de Esopo, ou de Panchtantra na Índia, as mais antigas, em que todas as histórias são sobre animais, mas são deveras significativas para seres humanos e representam certos tipos humanos.

Charles Darwin poderá ter fracassado por procurar apenas um elo de ligação entre corpos, entre corpos físicos. Até pode não haver elo algum entre corpos físicos, mas o misticismo oriental poderá ter razão quanto à ideia de que o homem evoluiu espiritualmente do estado animal.

O homem ainda traz em si bastante do instinto animal — a raiva, o ódio, a inveja, a possessibilidade, a manha. Tudo o que tem sido condenado no homem parece pertencer a um inconsciente profundamente enraizado. Todo o trabalho da alquimia espiritual tem a ver com a libertação de um passado animal.

Sem se libertar do passado animal, o homem continuará dividido. O passado animal e a sua humanidade não podem coexistir como um só, porque a humanidade tem as qualidades opostas. Resta ao homem ser um hipócrita. No que toca ao comportamento formal, o homem segue os ideais da humanidade — de amor e verdade, de liberdade, de ausência de posse, de compaixão. Mas permanece apenas uma camada muito fina e, a qualquer momento, o animal oculto pode emergir; qualquer acidente o pode provocar. Quer surja quer não, a consciência interior fica dividida.

Esta consciência dividida tem levantado o anseio e a questão: Como ser um todo harmonioso no que toca ao indivíduo? O mesmo se verifica no todo

da sociedade: como é que podemos fazer da sociedade um todo harmonioso, em que não haja guerra, conflito, classes, divisões de cor, casta, religião, nação?

Por causa de pessoas como Thomas More, autor do livro *Utopia*, o nome tornou-se sinónimo de todas as metas idealistas — mas ainda não se abarcou o verdadeiro problema. Por isso é que parece que a ideia de utopia nunca vai acontecer. Se pensarmos numa sociedade que pretendemos ideal, um paraíso, parece impossível. Há tantos conflitos, e não parece haver maneira de os harmonizar. Todas as religiões querem conquistar o mundo inteiro, não querem ser harmonizadas. Todas as culturas se querem espalhar pelo mundo inteiro e destruir todas as outras culturas, não querem criar harmonia entre elas.

Por conseguinte, utopia passou a ser sinónimo de algo simplesmente imaginário. Há sonhadores — o termo utopia também significa “aquilo que nunca há de acontecer” — mas o homem continua a pensar nesses termos, uma e outra vez. Parece haver um impulso profundamente enraizado... Mas o pensamento do homem foca-se nos sintomas; por isso é que a utopia nunca há de acontecer. O homem não olha para as causas. As causas estão dentro dos indivíduos.

A utopia é possível. É possível uma sociedade humana harmoniosa, deveria ser possível, porque será a melhor oportunidade para todos crescerem, a melhor oportunidade para todos serem. Ficarão disponíveis para todos as mais ricas possibilidades. Por conseguinte, parece que, tal como está, a sociedade é uma estupidez absoluta. Os utópicos não são sonhadores, mas os chamados realistas que condenam os utópicos são estúpidos. Ambos estão de acordo quanto a uma questão — de que algo tem de ser feito na sociedade.

O príncipe Kropotkin, Bakunine e seus seguidores, gostariam que todos os governos fossem dissolvidos — como se estivesse nas mãos deles, como se bastasse dizer e os governos se dissolvessem. Estes são anarquistas, os melhores utópicos. Quando os lemos, parece que tudo o que dizem é significativo, mas não têm maneira de materializar o que dizem, e não fazem ideia de como é que vai acontecer.

Depois temos Karl Marx, Engels e Lenine — os marxistas, os comunistas, as diferentes escolas de socialismo, ligadas a diferentes sonhadores. Até George Bernard Shaw tinha a sua própria ideia de socialismo, e teve um grupo semelhante, chamado Sociedade Fabiana. Propagava ele uma espécie de mundo socialista, completamente diferente do mundo comunista que existe atualmente.

Há fascistas que pensam que será uma questão de mais controlo e mais poder governamental; são o extremo oposto dos anarquistas, que não querem governo algum e que pensam que a raiz da corrupção é o governo. Mas também há gente, os fascistas, que querem todo o poder nas mãos de ditadores. Consideram que o ideal democrático é que está a fazer a sociedade

desabar, porque em democracia o menor denominador passa a governar. Ele é que decide quem vai governar, e é ele o mais ignorante; não tem entendimento. A população é que decide como deve ser a sociedade. Por conseguinte, segundo o fascista, a democracia é a lei da população, não é a lei do povo — não há democracia possível.

Segundo os comunistas, o problema todo está simplesmente na divisão de classes entre pobres e ricos. Pensam eles que, se todo o poder governamental ficar nas mãos dos pobres, e houver uma ditadura do proletariado — depois de todas as classes desaparecerem, e a sociedade ser igualitária — deixará de haver necessidade de um Estado.

Estão todos preocupados com a sociedade, e aí reside a falha deles. A meu ver, a utopia não é algo que não há de acontecer, é algo possível, mas devemos ir às causas e não aos sintomas. As causas são os indivíduos, não é a sociedade.

Por exemplo, passaram setenta anos na Rússia soviética, e a revolução comunista não foi capaz de dissolver a ditadura. Lenine pensava que bastariam dez ou quinze anos, no máximo, porque nessa altura já teríamos equalizado toda a gente, distribuído a riqueza irmãmente; não haveria necessidade de governo. Ora, passados quinze anos, viram que, no momento em que retirassem o Estado obrigatório, as pessoas voltariam a ser desiguais. Voltaria a haver gente rica e voltaria a haver gente pobre, porque há algo nas pessoas que faz delas ricas ou pobres. Por conseguinte, temos de as manter praticamente num campo de concentração se quisermos que continuem iguais. Estranho tipo de igualdade, pois destrói toda a liberdade, toda a individualidade.

A ideia básica é que o indivíduo terá oportunidades iguais. Deve-se obviar às suas necessidades irmãmente. Ele terá tudo igual a todos os outros. Ele há de partilhar. Porém, o derradeiro resultado é exatamente o oposto. Quase destruíram o indivíduo a quem tentavam dar igualdade e liberdade, e tudo de bom que deveria ser dado aos indivíduos. O próprio indivíduo é removido; ganharam medo do indivíduo. A razão está em que ainda não se aperceberam de que, por mais tempo que o Estado obrigatório dure, setenta ou setecentos anos, não fará diferença alguma. Assim que retirarmos controlo, haverá gente que sabe como ficar rica, e haverá gente que sabe como ficar pobre. E começam simplesmente tudo outra vez.

Ao princípio esforçaram-se... Porque a ideia de Karl Marx era de que não deveria haver casamento no comunismo, e ele foi bastante factual acerca disso: o casamento decorria da propriedade individual. A lógica dele estava correta. Houve um tempo em que não havia casamento. As pessoas viviam em tribos e, tal como os animais fazem amor, as pessoas faziam amor.

O problema começou somente quando certa gente, mais ardilosa, mais esperta, mais poderosa, começou a ter propriedade. Agora queriam que a sua propriedade, após a sua morte, passasse para os seus filhos. É uma vontade natural que, se uma pessoa trabalha a vida toda e fica com propriedades,

terras, ou edifica um reino, que tudo fique para os filhos. De um modo subtil, por meio dos filhos, porque são do seu sangue, essa pessoa continuará a mandar, continuará a possuir. É um modo de arranjar substituto para a imortalidade, porque a continuidade estará lá: “Eu não estarei cá, mas o meu filho sim, e há de representar-me, e será o meu sangue e os meus ossos e o meu tutano. Este filho será a continuidade pelo que, num certo sentido, terei alcançado a imortalidade. Não posso viver para sempre, esta é a solução possível.”

Por isso é que foi criado o casamento; caso contrário, era mais fácil para o homem que não houvesse casamento, pois o casamento era simplesmente uma responsabilidade — filhos, esposa. Quando a mulher fica grávida, é preciso dar-lhe de comer, e não havia necessidade de assumir tanta responsabilidade. Era a mulher a chamar a si a responsabilidade toda. Mas o homem queria imortalidade, e que a sua propriedade passasse para quem fosse do seu sangue. A mulher queria proteção, estava vulnerável. Enquanto grávida, não podia trabalhar, não podia ir à caça; tinha de depender de alguém. Por conseguinte, era do interesse de ambos terem um contrato em como ficariam juntos, não fariam traição de espécie alguma, porque a intenção era manter a pureza do sangue. Assim, a ideia de Marx era que, com o comunismo, e a coletivização da propriedade, o casamento perde o sentido porque se invalidou o seu fundamento — já não há propriedade privada. O filho não tem nada para herdar. Aliás, tal como não se pode ter propriedade privada, não se pode ter mulher privada; isso também é propriedade. Não se pode ter filho nem filha privada, porque isso também é propriedade privada. Assim sendo, com o desaparecimento da propriedade privada, o casamento desaparece.

Por conseguinte, depois da revolução, durante dois ou três anos, na Rússia eles bem tentaram, mas era impossível. A propriedade privada desaparecera, mas as pessoas não estavam preparadas para abdicar do casamento. Até o governo descobriu que, se o casamento desaparecer, a responsabilidade dos filhos e das mulheres recai sobre o governo. Para quem assumir responsabilidades desnecessárias? — e não são coisa pouca. É melhor deixar o casamento continuar. E assim reverteram a política; esqueceram Karl Marx porque, em apenas três anos, descobriram que ia criar dificuldades, e que as pessoas não estavam dispostas.

As pessoas também não estavam dispostas a abdicar da propriedade privada — foi-lhes tirada à força. Mataram quase um milhão de pessoas por causa de pequenas propriedades privadas. Bastava ter um pedaço de terra, alguns hectares, e tinha de ser tudo nacionalizado. Embora as pessoas fossem pobres, ainda assim queriam agarrar-se ao que era seu. Pelo menos, tinham alguma coisa, e agora até isso lhes ia ser tirado. Tinham esperança de conseguir mais — por isso é que tinham apoiado a revolução e lutado por ela. Agora o que tinham ia-lhes sair das mãos. Ia passar a ser propriedade do governo, ia ser nacionalizado. E por pequenas coisas — alguém tinha umas galinhas, uma vaca, e não estava disposto a abdicar delas, porque eram tudo o que tinha. Uma casinha... Não estava disposto a que fosse nacionalizada.

Esta gente pobre — mataram um milhão de pessoas para que o país inteiro percebesse que a nacionalização tinha de acontecer. Mesmo que se tivesse só uma vaca e não se a entregasse ao governo, era o fim. E o governo pensava que as pessoas estariam dispostas a separar-se de... Mas tem sido assim que as pessoas meramente teóricas e lógicas não conseguem compreender o homem. Nunca observaram a sua psicologia.

Assim era, e o casamento foi criado depois de se estabelecer o conceito de propriedade privada. Logicamente, ao dissolver a propriedade privada, o casamento também deve desaparecer. Ora, eles não compreendem a mente humana. Ao privarem-nas da propriedade, as pessoas ficaram ainda mais possessivas umas das outras, porque já não lhes restava mais nada. Já não tinham terra, já não tinham animais, já não tinham casa. Agora não queriam perder a mulher ou o marido ou os filhos. Era demais.

A lógica é uma coisa... E, a menos que tentemos compreender o homem com mais psicologia e menos lógica, iremos sempre cometer erros. Marx foi desautorizado. Quando lhes tiram tudo, as pessoas agarram-se ainda mais umas às outras, porque essa passa a ser a sua única posse: mulher, marido, filhos. E era uma lacuna tão grande nas suas vidas; tinham-lhes tirado as propriedades todas e agora também lhes queriam nacionalizar as mulheres? A ideia era-lhes inconcebível porque a mente e a tradição ditavam: "Isso é prostituição." Os filhos tinham de ser nacionalizados — não era por aquilo que tinham feito a revolução.

Por conseguinte, finalmente, o governo teve de reverter a política. Na primeira constituição, tinham declarado que deixava de haver casamento e que a questão do divórcio nem se punha.

Em apenas três anos, tiveram de mudar tudo. Depois disso, o casamento ficou mais rígido do que em qualquer outro lugar. O divórcio ficou mais difícil do que em qualquer outro lugar porque o governo não queria mudanças desnecessárias. O divórcio cria papelada e mais burocracia, e o governo queria que as pessoas continuassem juntas, e não que andassem a mudar de parceiro. O divórcio cria também ações judiciais por causa de filhos, quem é que fica com eles, pai ou mãe; é desnecessário. O governo pensa em eficiência — menos burocracia, menos papelada — e o povo anda a criar papelada desnecessária, e assim ficou muito difícil que as pessoas se divorciassem.

Com o passar do tempo, descobriram que não havia maneira de manter as pessoas iguais sem recurso à força. Mas que tipo de utopia é que precisa de recorrer à força? Como o partido comunista tinha a força toda, surgiu um novo tipo de divisão, uma nova classe de burocratas: os que tinham poder e os que não tinham poder algum. Era muito difícil ser membro do partido comunista da União Soviética porque equivalia a entrar numa elite de poder. O partido comunista criou muitos outros grupos — primeiro era preciso ser membro desses grupos, e alvo de toda a espécie de vistorias. Quando vissem que éramos de confiança podíamos ingressar no partido comunista. O partido

quer continuar o mais pequeno possível para que o poder continue em poucas mãos.

O povo nunca teve tão pouco poder num regime capitalista ou num sistema feudal. Com os czares, o povo nunca tivera tão pouco poder. Era possível a um homem pobre, se fosse inteligente, ficar rico. Agora já não era nada fácil. Podia-se ser inteligente, mas não era fácil sair de uma classe sem poder e ingressar numa classe que tem as rédeas do poder. A distância entre as duas classes era muito maior do que antes.

Há sempre mobilidade numa sociedade capitalista, porque não há apenas pobres e ricos; há também uma grande classe média, e a classe média está sempre em movimento. Umhas pessoas da classe média passam a ser milionárias, e outras descem para uma classe mais pobre. Alguns pobres ascendem à classe média; outros ricos caem para a classe média, ou até podem cair para a classe pobre... Há mobilidade. Numa sociedade comunista há um estado absolutamente estático. As classes estão completamente isoladas umas das outras. Iam criar uma sociedade sem classes, e criaram a sociedade mais rígida com classes estáticas.

É quase uma repetição do Hinduísmo. O que Manu fez há cinco mil anos, fizeram os comunistas na União Soviética. Manu criou a sociedade hindu com quatro classes. Não há mobilidade. Nasce-se Brâmane; é a única maneira de ser Brâmane. É a sociedade mais alta, a classe superior. Em segundo lugar, os guerreiros, os reis, os chhatriyas. Mas se se nasce nesta casta, está fora de questão qualquer movimento. Em terceiro lugar, a classe dos vaishyas, os comerciantes; nasce-se nela. Em quarto lugar, os sudras, os intocáveis. Todos nascem na sua casta. Foi por isso que até o Cristianismo começar a converter tantos Hindus, particularmente os sudras, os quais estavam prontos e dispostos a serem Cristãos, porque pelo menos seriam tocáveis... Entre os Hindus, os sudras são intocáveis, e não há maneira de sair dessa estrutura.

Durante toda a vida, temos de permanecer os mesmos que os nossos antepassados, há cinco mil anos. Há cinco mil anos que há uma sociedade estratificada. Um sapateiro vem de uma família que faz sapatos há cinco mil anos. Não pode fazer nenhum outro trabalho, não pode ingressar em mais nenhuma profissão. Não é permitido.

O Hinduísmo não era uma religião de conversão porque a grande questão era, se convertermos alguém, em que classe é que vamos inserir a pessoa? O Cristianismo é uma religião de conversão porque não tem classificação; simplesmente passamos a ser cristãos. Se os Católicos nos converterem, passamos a ser católicos; se forem os Protestantes, passamos a ser protestantes. Ora no Hinduísmo não nos podemos converter, onde é que ficaríamos? Os Brâmanes não permitem, e não gostaríamos de passar a ser sudras, intocáveis. De que serve ingressar numa religião onde nem sequer nos podem tocar? Até a sombra é intocável. Um Brâmane tem de tomar banho se a sombra de um sudra recair sobre ele. O sudra nem lhe tocou, mas a sua sombra também é intocável.

Mesmo sendo a religião mais antiga, o Hinduísmo não se tem espalhado, antes pelo contrário, tem-se contraído. O Budismo espalhou-se por toda a Ásia, e só tem vinte e cinco séculos de existência. O Hinduísmo tem, pelo menos, dez mil anos, ou mais, mas não se pode disseminar pela simples razão de que o nascimento é decisivo. Só se pode ser Hindu por nascimento, assim como só se pode ser Judeu por nascimento — e são as duas religiões mais antigas. São as duas revoluções básicas, na verdade.

O Cristianismo e o Islamismo são ramificações do Judaísmo, e o Jainismo e o Budismo são ramificações do Hinduísmo. O Jainismo e o Budismo são, ambos, a rebelião da segunda classe — os chhatriyas, os guerreiros — porque tinham poder. Eram reis, eram militares, tinham poder — e, contudo, os Brâmanes subordinavam-nos. Naturalmente que, mais cedo ou mais tarde, se iriam revoltar, e revoltaram-se finalmente. Gautama Buda e Mahavira são ambos da segunda classe. Queriam ser da primeira classe, tinham poder, e os Brâmanes não tinham nenhum; por que é que haveriam de ser eles a classe superior? E assim se deu a rebelião.

Porém, é estranho que, embora estas duas religiões tenham saído do Hinduísmo, só o Budismo se tenha disseminado por toda a Ásia. O Jainismo não pôde sair da Índia. O Budismo conseguiu sair da Índia; até desapareceu da Índia, mas alastrou por toda a Ásia. A razão está na mente deveras compassiva de Gautama Buda, pois deixava toda a gente ingressar no Budismo. Os Jainas, embora também se tivessem rebelado contra os Brâmanes, continuaram com a mesma mentalidade — de que são superiores às outras duas classes. Também queriam ser superiores aos Brâmanes, mas nunca começaram por converter ninguém, a quem é que iam converter? Os Brâmanes não estão dispostos a ser convertidos, já estão acima de toda a gente. Só os sudras se podem converter, porque subirão na escala de avaliação. Mas os Jainas — Mahavira e seu grupo — não tinham compaixão suficiente para os acolher. Assim, o Jainismo não é uma cultura completa; tem de depender do Hinduísmo para tudo — permaneceu apenas filosofia. Um Jaina não pode fazer sapatos, tem de ser um sudra hindu a fazer os sapatos. Um Jaina não pode limpar latrinas; tem de ser um sudra a fazer esse trabalho. Embora se tenham rebelado contra os Brâmanes, a rebelião foi apenas contra a superioridade dos Brâmanes, e eles próprios queriam ficar mais alto do que os Brâmanes. Contudo, também não eram a favor de elevar as classes inferiores.

O resultado foi que os Jainas continuam a ser uma religião muito pequena, confinada aos números. Como saíram do Hinduísmo, em vez de se elevarem acima dos Brâmanes, até caíram da segunda categoria. Como deixaram o Hinduísmo, deixaram de ser chhatriyas. Deixaram de ser considerados guerreiros, e nem podiam ser, por causa da não-violência. Tiveram de abandonar a ideia de luta, e a única maneira foi fazerem-se comerciantes. Para baixo pode-se sempre descer, ninguém nos impede. E assim passaram da segunda classe à terceira classe e passaram todos a ser comerciantes. A rebelião fracassou mesmo. Os Jainas queriam ser superiores

à primeira classe; o resultado da sua revolução foi passarem da segunda para a terceira classe.

E dependem absolutamente dos Hindus. Para trabalho braçal, precisam de operários — eles estão proibidos. Como se tornaram comerciantes, as gentes hindus do comércio e as gentes jainas do comércio começaram paulatinamente a aproximar-se. Até começou a haver casamentos. A pouco e pouco, até tiveram de pedir aos Brâmanes que lhes fizessem o trabalho de culto — e tinham dinheiro para o pagar. Assim, os Brâmanes prestam culto em nome dos Jainas — os quais são contra o bramanismo, contra o hinduísmo, mas têm de recorrer aos hindus para tudo. Os sapatos são feitos pelos sudras, as latrinas são limpas pelos sudras. As propriedades têm de ser protegidas pelos chhatriyas, porque não podem pegar em armas. Não podem matar, não podem lutar, não podem ir para a guerra; têm a sua força de segurança na casta dos guerreiros. E finalmente os padres — os Brâmanes entram pela porta das traseiras para lhes servirem de padres.

Manu esboçou esta sociedade imóvel, que ainda é a mesma, há cinco mil anos. Também era uma espécie de utopia, porque ele pensava que assim não haveria luta de classes.

Pode deixar de haver luta de classes de duas maneiras. Sem classes não pode haver luta de classes... É isso que o comunismo faz, mas fracassou porque apareceu uma classe nova. A outra maneira é tornar as classes tão estratificadas que está fora de questão uma pessoa passar para outra classe. Não haverá luta, não haverá concorrência. O Brâmane continua a ser Brâmane. Continua por cima; não interessa se é pobre ou se é rico. O comerciante continua a ser comerciante. Não é por ser rico que pode vir a ser Brâmane, não pode comprar lugar na casta. Não pode subir; continuará na terceira classe, por mais rico que seja. Os sudras continuam a ser sudras; têm de fazer o trabalho sujo e não podem sair.

Isto também era uma utopia. A ideia era que, se as classes fossem completamente estáticas, não dariam azo a lutas, a concorrência. De certo modo, Manu saiu-se melhor do que Marx porque, durante cinco mil anos, a sua ideia esteve em prática e, na Índia, a sociedade hindu nunca padeceu de luta de classes. Há ricos, há pobres, mas não é esse o verdadeiro problema dos hindus. O verdadeiro problema são as quatro classes, absolutamente estáticas. Ora isso é muito perigoso porque se impede as pessoas de avançarem numa direção em que possam realizar o seu potencial. Um sudra pode revelar-se um grande guerreiro, mas nunca o deixarão entrar. Um Brâmane pode revelar-se um grande industrial, mas não pode degradar-se. Assim se salvou a sociedade de uma luta de classes, mas destruiu o indivíduo e o potencial deste por completo. O génio cai por terra. Acontece o mesmo ao comunismo: o indivíduo é destruído, o génio dele cai por terra. Não pode elevar-se mesmo que tenha essa capacidade.

Houve sempre tentativas pelo mundo fora de criar uma sociedade harmoniosa, mas todas fracassaram pela simples razão de que ninguém se

ralou em saber por que é que não é naturalmente harmoniosa. Não é harmoniosa porque cada indivíduo está dividido por dentro, e as suas divisões projetam-se na sociedade. A menos que dissolvamos as divisões internas do indivíduo, não há possibilidade de realizar uma utopia nem de criar uma sociedade harmoniosa no mundo.

A única maneira de uma utopia acontecer é a nossa consciência crescer mais, e a nossa inconsciência diminuir, até chegarmos a um ponto na vida em que não resta nada de inconsciente. Somos simplesmente uma consciência pura; assim não há divisão. Este tipo de pessoa, que só tem consciência e nada que se lhe oponha, pode tornar-se no tijolo que erige uma sociedade sem divisões. Por outras palavras, apenas uma sociedade iluminada o suficiente pode obviar à procura de harmonia — uma sociedade de gente iluminada, uma sociedade de grandes meditadores que abandonaram as suas divisões.

Em vez de pensarmos em termos de revolução e mudança da sociedade, da sua estrutura, deveríamos pensar mais em meditação e em mudar o indivíduo. É a única maneira possível de, um dia, largarmos todas as divisões da sociedade — primeiro têm de ser descartadas no indivíduo. E podem ser descartadas nele. É quase como a divisão por quatro que Manu concebeu para a sociedade. Temos o consciente, temos o inconsciente, temos o inconsciente coletivo e temos o inconsciente cósmico. Estas são as quatro divisões dentro de nós; quanto mais fundo formos, mais espaços escuros encontramos. Manu também dividiu a sociedade em quatro. A parte mais consciente são os Brâmanes — a parte superior, a parte mais sábia. Mas Manu começa com a sociedade. Quando primeiro a dividiu, poderia haver um sábio, mas não era forçoso que filhos e filhas também fossem sábios, que geração e geração tivesse gente sábia oriunda desse primeiro — é uma ideia estúpida. Por conseguinte, a primeira divisão pode ter sido exata. Ele pode ter arrumado as pessoas corretamente: as pessoas conscientes por cima, depois pessoas menos conscientes, depois ainda mais inconscientes, e por fim gente absolutamente inconsciente. E se Manu chama sudras, intocáveis, aos absolutamente inconscientes, não há nada de mal nisso; filosoficamente, está absolutamente correto. Porém, em termos práticos, enganou-se porque não considerou que nem sempre aconteceria gente inconsciente a produzir gente inconsciente.

Aconteceu que toda a gente iluminada veio da segunda classe — ou seja, dos guerreiros, e não dos Brâmanes, a classe mais alta. É estranho. Até as encarnações hindus, como Rama e Krishna, vieram da segunda classe; não eram Brâmanes. Buda e Mahavira — não eram Brâmanes. Por conseguinte, a classe Brâmane não produziu uma única pessoa iluminada, porque se contentaram consigo próprios. Já estavam por cima — de que mais é que precisavam? Toda a gente lhes ia ter de tocar nos pés; até o rei teria de lhes tocar nos pés. Eram as pessoas mais puras, não havia impulso nelas para encontrar mais; bastava. Era altamente satisfatório e gratificante para os seus egos.

Por que é que aconteceu aos chhatriyas, a segunda classe? A meu ver porque, sendo segunda classe, tinham um impulso imenso de ultrapassar os Brâmanes, e a única maneira de ultrapassar os Brâmanes era ser iluminado. Só então poderiam ultrapassar os Brâmanes; caso contrário, nunca.

Os Brâmanes são os eruditos. Os chhatriyas tinham de atingir algo superior ao conhecimento e à erudição. Tinha de atingir algo que não fosse de nascença, que os Brâmanes não pudessem reclamar para si. Ninguém pode reclamar ser iluminado de nascença. Por conseguinte, só pode acontecer à segunda classe porque faz parte da psicologia humana que, quanto mais perto estamos da classe superior, mais competitivos nos sentimos. Quanto mais longe estivermos, menos esperança teremos de vir a concorrer com um Brâmane. O comerciante não pode pensar que virá a concorrer. O sudra, claro, nem sequer pode imaginar ou sonhar que possa conseguir o que quer que seja. Nem sequer pode saber ler; nem sequer se pode instruir. Mantêm-no completamente escravizado na sua inconsciência, está fora de questão um sudra vir a ser iluminado.

O comerciante tem outra concorrência, a do dinheiro. Trata-se de uma concorrência horizontal entre os comerciantes. Ele tenta competir para ganhar mais dinheiro, e sabe que não pode competir com os guerreiros: um comerciante não é um militar. Não pode competir com o padre, porque um comerciante não é nenhum erudito, e os Brâmanes controlavam escrupulosamente todas as grandes e antigas escrituras e literatura. Só podiam dar essas obras aos filhos, aos descendentes. Durante milhares de anos, os livros nunca foram impressos, embora a imprensa tenha começado na China há três mil anos e pudesse ter chegado à Índia sem dificuldade. As pessoas deviam saber da imprensa, pois iam e vinham da China constantemente. Se o Budismo se pôde espalhar por toda a China, é impossível que os viajantes não tivessem trazido com eles o mecanismo e o entendimento necessários para imprimir coisas. Ora os Brâmanes eram contra a imprensa. Até foram contra imprimir as suas escrituras quando os Britânicos chegaram há trezentos anos e tiraram a Índia aos Muçulmanos. Era contra a vontade dos Brâmanes que as escrituras fossem impressas, porque tinham receio de que, uma vez impressas, passassem ao domínio público. Depois qualquer um as podia ler, e qualquer um poderia ser erudito. Queriam guardá-las só para si, pelo que havia apenas cópias manuscritas, guardadas como património familiar; cada família tinha as próprias cópias das escrituras. Os Brâmanes monopolizavam-nas.

Os chhatriyas, a segunda classe, tentaram — e foi um grande esforço — iluminar-se, ultrapassar os Brâmanes. É deveras significativo compreender que, ao atingirem a luz, perderam as divisões, o seu próprio ser passou a ser um só. E certamente que chegaram mais alto do que qualquer indivíduo que estivesse dividido. A superioridade deles não era questionada. Até os Brâmanes iam ter com os iluminados sem se ralarem por estes serem da segunda classe. Os Brâmanes tocaram nos pés dos não-Brâmanes — coisa que teria sido impossível no sistema de Manu. Porém, assim que o não-Brâmane atinge a luz, o Brâmane sabe que os seus próprios conhecimentos

não passam de repetições. O que o iluminado sabe não são repetições. Não é erudito, é realmente um sábio. Assim, centenas de Brâmanes foram discípulos de Buda, centenas de Brâmanes foram discípulos de Mahavira.

O mundo pode alcançar a harmonia se a meditação for disseminada e as pessoas ajudadas a chegarem a uma única consciência dentro de si. Será uma dimensão completamente diferente com que trabalhar.

Até agora era a revolução. O alvo era a sociedade, a sua estrutura. Fracassou repetidamente e de diferentes formas. Agora deveria ser o indivíduo — e não em revolução, mas sim em meditação, transformação. Não é tão difícil quanto se pensa. Podem gastar seis anos a tirar um mestrado numa universidade, e não acham que estão a perder tempo para tirarem um curso que nada significa. Trata-se apenas de compreender o valor da meditação. Assim será facilmente possível para milhares de pessoas acabarem com as divisões dentro de si. Serão o primeiro grupo da humanidade a ser harmonioso. A harmonia, a beleza, a compaixão, o amor, todas estas qualidades virão a repercutir-se pelo mundo fora.

O meu esforço visa fazer da meditação quase uma ciência, para que não tenha nada a ver com religião. Qualquer um a pode praticar — seja Hindu ou Cristão, Judeu ou Muçulmano. Não interessa a religião donde vem, pode sempre meditar. Até pode não crer em religião alguma, até pode ser ateu; ainda assim, pode meditar.

A meditação tem de ser quase como um fogo vivo. Assim haverá esperança.

As pessoas estão prontas: têm andado sedentas de algo que mude completamente o cariz da sociedade. Assim é feio, é asqueroso. Quando muito, é tolerável. As pessoas têm-no tolerado de algum modo. Mas tolerar não traz alegria nenhuma. Deveria ser jubiloso, deveria ser agradável. Deveria pôr o coração das pessoas a dançar. Quando as divisões dentro das pessoas desaparecerem, poderão ver tudo com grande clareza. Não é questão de conhecimento, é questão de clareza.

A pessoa pode olhar em qualquer dimensão, qualquer direção, com tal clareza, com tal sensibilidade, percepção, que até poderá não saber muito, mas essa clareza trará respostas que o saber não traz.

A ideia de utopia é uma das coisas mais importantes que tem seguido o homem como uma sombra durante milhares de anos. Porém, de algum modo, confundiu-se com alterações à sociedade; nunca se olhou para o indivíduo. Não se tem dado grande atenção ao indivíduo e está aí a raiz de todos os problemas. Como o obrigado parece tão pequeno, e a sociedade tão grande, pensa-se que, se mudarmos a sociedade, os indivíduos também mudam.

Ora não vai ser nada assim — porque “sociedade” não é apenas uma palavra; só há indivíduos, não há sociedade. A sociedade não tem alma; não se pode mudar nada nela. Só se pode mudar o indivíduo, por mais pequeno

que nos pareça. E assim que soubermos a ciência para mudar indivíduos, poderemos aplicá-la a indivíduos em toda a parte. Tenho a sensação de que, um dia, alcançaremos uma sociedade que será harmoniosa, que será muito melhor do que todas as ideias que todos os utópicos produziram em milhares de anos.

A realidade será muito mais bonita.

CAPÍTULO 11

Repousa em Paz – Ou em Partes

Osho, já o ouvi dizer que as pessoas se sentem atraídas pela guerra porque é entusiasmante, ao passo que a paz é entediante. A minha experiência mostra-me que gosto de me entreter com dramas e traumas pessoais e que, sem eles, a vida me parece monótona. É possível sentirmo-nos atraídos pela paz? Poderá a humanidade achar a paz entusiasmante e não a guerra?

Nunca aconteceu. O homem nunca achou que a paz fosse entusiasmante. Parece que, da maneira como o homem é, a guerra continuará a ser entusiasmante, porque a paz que conhecemos não é a verdadeira paz; é a paz de um cemitério, e não a paz deste sítio onde nos encontramos agora! Não há guerra, está tudo em sossego — parece-lhe monótono? O novo homem conhecerá esta paz vinte e quatro horas por dia, a dormir ou acordado. E a paz que é, não só, a ausência de guerra, mas sim um florescer positivo dentro de nós, uma melodia positiva e sem palavras dentro de nós, é completamente diferente.

Até à data, o homem conhece a paz, mas apenas que a paz é a preparação para a guerra. A história pode dividir-se em duas partes: a parte em que as pessoas guerreiam, e a parte em que as pessoas estão esgotadas, arruinadas, a preparar-se para outra guerra desde o princípio. Guerra ou preparação para a guerra: são estas apenas as duas partes da história que os seres humanos conheceram até agora.

A paz nunca se viveu porque a paz é algo que o indivíduo tem de criar. A guerra é algo que a multidão, a nação, a política, a ideologia, a igreja, vai criando. A paz tem de ser criada por cada indivíduo. Será muito melhor dizer que o indivíduo tem de a descobrir, porque não tem de ser criada; já lá está, dentro dele, mas o indivíduo está tão dominado pela mente e seus tumultos que nunca chega a ouvir a vozinha dentro dele.

E se nem sequer consegue ouvir a vozinha dentro dele, como é que pode saborear a paz que fica além dessa voz, onde simplesmente se existe? Não há pensamento na mente, não há emoção no coração. Nesse nada começamos a conhecer, pela primeira vez, o sabor da paz.

Falo por experiência própria. Há trinta e dois anos que vivo nessa paz, e ainda não a achei monótona nem por um minuto. Está sempre a abrir novas portas, novas dimensões, novas profundidades.

Quando, pela primeira vez, conhecer a sua paz interior, pensará, “Isto é o fim.” Não tardará a mudar de ideia, porque a paz continua a crescer. E chega o dia em que compreenderá que não há fim; a paz vai ser tão vasta quanto o próprio universo — e o universo não tem limites.

Sente monotonia quando não está a passar por um qualquer drama ou trauma, porque na sua vida, que mais tem? Se não houver nada a acontecer — uma briga, um caso amoroso, um casamento, um divórcio, eleições ou falências — se nada disto se estiver a passar em seu redor, naturalmente que sente monotonia. Parece que não acontece nada, que o tempo parou; sente-se morto.

É facto comprovado que, sempre que há uma guerra no mundo, seja lá onde for, as pessoas parecem mais felizes, entusiasmadas. Acordam cedo todas as manhãs, à espera de ler o jornal. O que estará a acontecer? O que aconteceu esta noite? Mal podem esperar, querem saber imediatamente. Andam com o rádio colado ao ouvido para não perderem pitada de informação. A vida deixou de ser monótona, há entusiasmo, porque a cada momento acontece uma coisa nova — vitória ou derrota, acontece alguma coisa; pode-se esperar notícias. Quando não há guerra, o jornal de amanhã traz as mesmas notícias que o de hoje já trazia.

Eu morei num sítio... Mesmo em frente de minha casa morava a família de um médico. O médico era tido como um pouco louco; mesmo assim, era bom profissional. As pessoas marcavam consulta, sabendo muito bem que ele era algo louco mas, no que tocava ao seu ofício, era perfeitamente são. Ele costumava ir todas as manhãs bem cedo a minha casa, ler os jornais e revistas que eu lá tinha. Entrava e pedia o jornal local. Um dia dei-lhe um jornal com a mesma data, mas do ano anterior. E ele gostou de ler, adorou! Disse que nunca esperara que acontecessem tais coisas, porque não pareciam nada relacionadas com o jornal do dia anterior. E eu disse-lhe:

— Agora que sei disso, o senhor doutor há de ficar entusiasmado todos os dias.

E ele perguntou-me:

— Mas como é que fez isto?

— Este jornal tem um ano.

E ele exclamou:

— Meu Deus! Se você fica tão entusiasmado com jornais antigos, por que é que guardou segredo? Várias vezes pensei na razão que o fazia colecionar jornais e revistas antigas. Agora já sei! Doravante não me interessa se o

jornal chega ou não. Há tantos aqui na sua sala, posso tirar um qualquer e será sempre entusiasmante.

As pessoas ficam entusiasmadas com o inesperado. Os políticos governam-nos porque nos proporcionam entusiasmo. Há séculos que se condena a guerra mas ninguém ouve, porque toda a gente sabe que uma paz longa será monótona — as pessoas começam a suicidar-se, não acontece nada.

Pense num ano inteiro... Não há notícias. Vai-se esperando e esperando e esperando. Depois finalmente, decidimos criar notícias: matamo-nos ou matamos alguém. É preciso fazer alguma coisa para interromper esta paz.

Num dos dramas de um filósofo existencialista, um homem é levado a tribunal porque matou um estrangeiro, alguém a quem ele nunca conheceu. Nem sequer vira a cara. O homem estava sentado na praia a ver o mar, e o outro apareceu por trás com um punhal enorme e cravou-lho nas costas. Nunca antes vira o homem; nem sequer o viu quando o estava a matar. Qual seria o motivo? — Porque o estrangeiro era absolutamente inocente.

O homem foi apanhado, claro, e presente a tribunal. O juiz também estava perplexo, e inquiriu as testemunhas:

— Este homem estará louco?

E elas responderam:

— Não. No nosso bairro, este é o homem mais racional e são. O juiz tentou encontrar algo no passado dele que pudesse dar sentido àquele ato inexplicável. Um homem disse:

— Lembro-me de uma coisa, quando a mãe dele faleceu, a um domingo de manhã, estávamos os dois sentados no jardim. E ele disse, "Sabia que aquela cabra velha me ia estragar este belo dia de folga. Não poderia ter morrido a uma sexta-feira, ou uma terça-feira, ou uma segunda-feira? Porquê ao domingo? Eu estava pronto para ir andar de barco no lago, e terei de cancelar o programa todo."

O vizinho continuou:

— Naquele dia, achei que o homem era estranho. A mãe morreu e ele diz, "A mulher morreu num domingo de propósito. Sempre se esforçou para me estragar a vida. Nem na morte desistiu dessa ideia fixa."

Outra testemunha disse:

— Quando o funeral terminou, esse homem foi a correr para casa da namorada e foram ao cinema. De manhã, a mãe dele morreu, à tarde está no cinema com a namorada.

Uma terceira acrescentou:

— Isso não é nada porque, depois do cinema, vi-o a beber e a dançar! Sempre teve um comportamento algo bizarro.

O magistrado perguntou ao próprio homem:

— Tem alguma explicação para estas coisas? — E o homem respondeu:

— Tenho explicações para tudo o que faço. A minha mãe morre a um domingo de manhã: o meu domingo, estraga-me os planos de ir ao lago. Será errado dizê-lo claramente, em vez de o reprimir? Seja como for, quer diga quer não diga, a minha mãe morreu, que diferença faz?

— Claro que fiquei zangado. Ela poderia ter morrido... A semana tem sete dias, porquê escolher o domingo especialmente? E ela sabia, porque nessa noite eu disse-lhe, "Amanhã de manhã vou ao lago." Tenho a certeza absoluta de que ela fez de propósito, porque era a única pessoa a saber que eu queria ir ao lago na manhã seguinte. Quando me preparava para vir embora, ela morreu. Parece-lhe que eu tenho de dar explicações, ou será a morta a ter de dar explicações?

O magistrado disse:

— Muito bem. Quanto a isso, não se pode fazer nada; a sua mãe morreu, não se lhe pode perguntar. Pode ter sido apenas coincidência. Mas parece-lhe bem que de manhã a sua mãe morra e à tarde o senhor vá ao cinema? E de noite seja visto numa discoteca a beber e a dançar, parece-lhe bem?

E o homem retrucou:

— Absolutamente bem. Porque agora, sempre que eu vá ao cinema, será depois da morte da minha mãe. Quer com isso dizer que não posso ir ao cinema para o resto da minha vida? Sempre que eu vá à discoteca, beber e dançar, será depois da morte da minha mãe. Pretende que eu me mate porque agora já não posso gozar nada, dado ser posterior à morte da minha mãe? Que diferença faz que a morte dela tenha sido há dez horas, ou dez dias, ou dez anos?

Fez-se grande silêncio no tribunal. O homem parecia racional, o que ele dizia fazia sentido.

— Agora tudo o que eu fizer será depois da morte da minha mãe! O que querem que eu faça? Também tenho de morrer com a minha mãe porque agora já não há motivo para viver, serei criminoso se continuar vivo? Se eu me rir, alguém dirá, "Então, está-se a rir, e a sua mãe morreu?" E o fator tempo... Sabe dizer-me onde fica a demarcação? Dez horas, doze horas, dez dias, doze dias, dez anos, doze anos? Qual é o critério para decidir que agora já não faz mal beber e dançar, agora posso deixar a minha mãe estar morta.

— Considerarei que, se eu quiser amar, tenho de aceitar o facto de a minha mãe ter morrido; e assim não vale a pena perder tempo. Mais, já tinha

comprado os dois bilhetes. Desperdiçar dois bilhetes só porque alguém morreu, não me parece ajuizado.

O magistrado disse:

— Deixe lá essas coisas todas. Diga-me só por que é que matou aquele homem na praia. Nunca o tinha visto, não o conhecia, ele não lhe tinha feito mal nenhum. O senhor nem sabia quem é que estava a matar.

O homem respondeu:

— É muito simples. A minha vida estava a ficar monótona. Eu costumava pensar, “Quando a minha mãe morrer, terei paz.” Porém, depois de ela morrer, ficou tudo monótono. Eu chegava a casa bêbedo a meio da noite e não tinha lá ninguém a ralhar-me e a dizer-me a que horas é que tinha de chegar a casa, o que fazer e o que não fazer. A vida ficou uma monotonia, e eu queria entusiasmo. E consegui. Interessa quem é que matei?

E continuou:

— Quando cravei o punhal nas costas do homem, e jorrou sangue, foi a primeira vez em muitos anos que me senti entusiasmado: o que era aquilo? Algo novo! Eu nunca tinha visto sangue a jorrar das costas de ninguém. E sangue tão rubro! Não, não sei quem era o homem, não lhe tenho inimizade alguma. Não o matei por mais motivo nenhum além do meu entusiasmo. E consegui; desde então, a minha vida tem sido entusiasmante.

— Fugi, e a polícia foi no meu encalce. Finalmente apanharam-me, e prenderam-me. As coisas começaram a mexer! Agora estou em tribunal a ouvir os idiotas dos meus vizinhos. Dá-me grande satisfação contrariar o que estão a dizer. É hilariante, nunca apreciei tanto a vida! E já estou tremendamente entusiasmado à espera do julgamento, para ver se sou libertado, mandado para um manicómio, ou condenado à morte, ou a uma pena de vinte anos. Há tantas alternativas na minha cabeça.

Este homem é você.

As pessoas fazem toda a espécie de coisas para se sentirem entusiasmadas. Quando o mundo inteiro estiver em completa monotonia, numa paz podre, há de aparecer um político salvador, um Adolf Hitler. Há muita gente neste mundo à espera de outro Adolf Hitler — a vida está a ficar uma monotonia. Esse Hitler fez dos cinco anos entre 1940 e 1945 um entusiasmo tremendo. Não me parece que tenha havido uma fase tão longa tão cheia de entusiasmo para o mundo inteiro. Adolf Hitler deveria ser galardoado com o máximo de prémios Nobel possível por dar vida ao mundo inteiro, animação, corações a bater descompassados. Ainda estão à espera de outro.

Recebi uma carta do partido nazi americano. É concebível que haja um partido nazi na América? Recebi uma carta do presidente do partido, e estava

muito zangado, dizia ele, “Constou-nos que o senhor anda a dizer mal de Adolf Hitler e isso ofende a nossa sensibilidade religiosa.” Até fiquei todo entusiasmado! Mas que coisa extraordinária, “sensibilidade religiosa”?

Passaram tantos anos desde a segunda guerra mundial. O mérito não é todo vosso, o mérito é das armas nucleares, porque as partes que são capazes de lutar têm medo. Sabem muito bem que, na guerra nuclear, ninguém ganha, toda a gente vai ficar acabada para sempre. A vida na terra vai desaparecer. Não importa quem é que começa a guerra — a outra parte começa minutos depois, pelo que qualquer uma pode começar, não importa. A outra parte irá atrasar-se, quando muito, dez minutos e, em dez minutos, não se pode sair vitorioso. Pode destruir-se algumas cidades, mas não se pode sair vitorioso. Há mísseis apontados a Moscovo, eles têm mísseis apontados a Nova Iorque, Washington, São Francisco — é o jogo de carregar no botão. Estão paralisados de medo, por isso é que passaram tantos anos. E eu sei que, a menos que a guerra comece por acaso, a terceira guerra mundial é quase impossível. Está muito próxima, pode acontecer a qualquer momento, mas vai ser apenas um acidente: um defeito tecnológico qualquer, um cientista a quem a esposa chateou, um político que perde o poder, um país a querer chamar a atenção do mundo inteiro, um desequilibrado qualquer algures. Há tantos desequilibrados, e a maioria está na política.

Gente equilibrada não vai para a política; têm outras coisas mais úteis para fazer. Um desequilibrado não tem serventia nenhuma. Por isso é que a política é a única profissão no mundo onde não são precisas habilitações; qualquer um serve perfeitamente.

Agora há tanto poder nas mãos dos políticos que eles próprios têm medo. Gostariam de ganhar a guerra, mas é impossível; as partes nucleares estão ambas bem preparadas. A guerra não vai ser entre dois países; as armas nucleares hão de fazer alastrar a guerra ao mundo inteiro. Talvez em vinte e quatro horas toda a vida na terra desapareça. É aterrador. Por isso é que a guerra ainda não aconteceu, e talvez não venha a acontecer. Mas está sempre iminente; qualquer coisa pode correr mal.

Estava eu a conversar com um jornalista, e a dizer-lhe que não deveríamos depender tanto das máquinas. Agora os jogos de guerra já não são entre homens — que coisa antiquada — mas sim entre armas tecnológicas. Nem os aviões que levam as armas terão piloto, não há necessidade. O próprio míssil pode ser programado para tal destino, para saber onde largar a bomba.

Dizia eu ao jornalista que o homem está dependente da tecnologia a tal ponto que qualquer coisa pode correr mal, a qualquer momento. Estava eu a dizer isto e faltou a luz! O jornalista já não soube dizer mais nada. Lá estava a prova! E eu disse, “Agora podemos passar a outro assunto, este já se extinguiu.”

Compreendo que se encontrem numa situação muito difícil. Adorariam viver em paz, mas a paz é um tédio; não acontece nada, está-se quase como

morto. Para evitar essa sensação de amortalhamento, desatam a fazer qualquer coisa — a ter uma aventura amorosa, a perseguir um homem ou uma mulher, e depois o drama todo da conquista, da luta... Também não parece nada bom — todas as noites uma luta de almofadas. Não parece bom, mas há entusiasmo.

Todos os maridos a caminho de casa vão a pensar na desculpa por irem tarde, a pensarem onde estiveram, o que dizer, o que não dizer. E a mulher está a descobrir... Já ligou a todos os amigos, já recolheu todas as informações que sabe que o marido há de usar como desculpa. Sim, há drama. Você diz-lhe:

— Estive com um amigo. Já não o via há tanto tempo.

A mulher ri-se e diz:

— Não sejas tolo, o teu amigo esteve aqui! Não me parece que ele seja Jesus Cristo e tenha o dom da ubiquidade. Foste apanhado.

O marido sente-se culpado, a mulher zanga-se, ele tenta convencê-la... Pelo menos, estes dramas e experiências traumáticas impedem-no de cair naquele espaço a que chamam "tédio". Mas a que preço! A paz é um tédio, o entusiasmo é uma tortura; fica-se num dilema.

A razão é que não sabem o que é a verdadeira paz. Não lutar, não se meter outra vez com outra mulher, não ir à taberna e embebedar-se e bater nos outros ou levar uma tarefa... Podem evitar-se todas estas coisas. Pode simplesmente fechar-se a porta e sentar-se dentro do quarto, mas não se consegue encontrar a paz. A questão não é o quarto, a questão é a mente.

A mente veio do macaco — a mente é um macaco. Já se viu um macaco sentado sossegado? Seria um milagre! O macaco está sempre a fazer qualquer coisa, a saltar de árvore em árvore em busca de entusiasmo. A paz aborrece-o. Mesmo sem fazermos nada, basta olharmos para o macaco que ele começa logo a fazer-nos caretas. O que está ele a fazer? Está só a tentar criar animação.

E começa a correr atrás de nós. Se corrermos também, ele vai gostar muito. Grande entusiasmo, embora não sirva de nada. Se pararmos e nos virarmos para trás, o macaco sobe à árvore; não era a sério, era só a reinar. Ele estava a sentir grande tédio, você estava a sentir-se aborrecido, e a brincadeira foi boa. Ficaram os dois entusiasmados.

A mente está sempre em busca de atividade, de sarilho, porque a paz é um tédio de morte, é venenosa.

Vou repetir: não é desta paz que eu estou a falar. A paz de que estou a falar vem da meditação; essa paz surge quando saímos da nossa mente e nos centramos enquanto testemunha, apenas a observar a mente sem emitir juízos de valor, sem avaliações, sem dizer, "Isto é bom, isto é mau, isto é

mesmo fixe.” Se dissermos essas coisas, então é porque já saltámos para dentro e nos identificámos com o macaco. Assim que dissermos, “isto é fixe”, já não podemos ficar de fora; já fomos apanhados outra vez.

Temos simplesmente de ser testemunhas, como um espelho que não faz juízos — uma mulher bonita, uma Cleópatra ou uma Madre Teresa muito feia, não faz diferença. Mas a coisa mais difícil na vida — e que deveria ser a mais fácil — é sentar-se ao lado do fluxo da mente. A mente é como um rio. Pensamentos e mais pensamentos e mais um magote de pensamentos vão a passar. Sentamo-nos simplesmente à margem, desprendidos, apenas testemunhas, e espera-nos uma grande surpresa. Devagar, devagar, cada vez mais centrados e simplesmente testemunhas, os pensamentos começam a desaparecer. Só podem existir com a nossa identificação.

Nós é que damos energia à nossa mente. Quando a retiramos, deixamos de dar alimento à mente. Quando não houver alimento, os pensamentos — que são coisa muito frágil — começam a morrer. Não tarda a haver silêncio, não tarda a haver paz. Esta paz não é a paz de um cemitério. Não é uma paz morta, não é uma paz monótona. É uma experiência tão avassaladora que, uma vez chegados ao primeiro degrau da escada, a escada sobe ao infinito. Pode-se continuar e descobrir sempre novos níveis de paz. É esse o verdadeiro entusiasmo, um entusiasmo sem fim.

É isso que significa a palavra êxtase: entusiasmo sem fim. Não se pode esgotá-la, não se pode chegar a um ponto em que se diga, “Já não há mais a descobrir e sinto-me um tédio.” Nunca aconteceu. Posso dizer-lhes por minha experiência que tenho avançado o mais rápido possível, cada vez mais rumo ao silêncio, e não tem fim, não tem fundo.

Cada momento de silêncio traz nova fragrância. A paz traz novas flores. Não se diz nada, mas ouve-se muito. Nada se mostra, mas muito se vê. Ninguém nos guia, mas há uma força de paz magnética que nos puxa para cada vez mais longe da mente, do corpo, dos vizinhos, da mulher, do marido. E o entusiasmo continua a aprofundar-se.

A menos que consigamos criar milhões de pessoas pela terra inteira que tenham vivido este tipo de paz, a guerra será inevitável porque as pessoas não conseguem sobreviver a vidas monótonas. É melhor entrar em guerra e ter algum entusiasmo, embora se traduza na morte. Se um homem que não conheceu a paz interior for obrigado a viver em paz, ou mata alguém ou se mata a ele próprio. Até isso servirá de entusiasmo. O entusiasmo é um grande alimento, mas apenas o tipo certo de entusiasmo. O tipo errado de entusiasmo é veneno. Até à data, a humanidade tem sido dominada pelo tipo errado de entusiasmo.

Estão aqui comigo para aprender uma coisa muito simples: a apreciar a paz, a apreciar o silêncio, a apreciar algo que está dentro de vós e que não depende de mais ninguém. Um homem assim pacífico irradia paz para os outros. O silêncio dele começa a tocar noutros corações também. O silêncio dele torna-se oceânico e muito convidativo.

Não estou a lutar contra a terceira guerra mundial, pela simples razão de que só há uma maneira de a travar, criando uma humanidade pacífica, uma humanidade que se recuse a lutar porque não há entusiasmo na luta. Agora há entusiasmo em estar sentado em sossego, sem fazer nada e a deixar a erva crescer sozinha. Encontrámos o entusiasmo real e autêntico. Agora quem é que quer lutar?

Não sou ativamente pacifista, não empreendo marchas de protesto para Moscovo ou Washington. Porém, estou a criar e a gerar uma força que pode envolver a terra inteira. Essa será a barreira contra as armas nucleares, as guerras e toda a espécie de estupidez.

Reconheçam apenas a vossa responsabilidade. Nunca foi pedido ao homem que fosse tão responsável como hoje em dia, porque dele depende tudo — se a terra vai estar inteira, próspera, viva, ou se vai ser um planeta morto.

CAPÍTULO 12

O Mistério do “Sim”

Osho, todas as rebeliões históricas têm um enorme “não” na sua origem. A sua rebelião da alma centra-se no mistério do “sim”. Não se importa de nos falar da alquimia do “sim”?

Há umas coisas deveras fundamentais a compreender.

Primeiro, nunca houve rebeliões no passado, apenas revoluções. A distinção entre rebelião e revolução é tão vasta que, sem a compreenderem, não poderão descortinar a saída para essa questão. Quando compreenderem a diferença...

A revolução é um fenómeno de multidão, de magote. A revolução é uma luta pelo poder: a classe que está no poder é derrubada pela outra classe que foi oprimida, explorada a tal ponto que agora nem a morte importa. Não têm nada. A revolução é a luta entre quem tem tudo e quem não tem nada.

Faz-me lembrar a última afirmação do *Manifesto Comunista* de Karl Marx. É de grande beleza e, com uma mudançazinha, posso usá-la para os meus próprios fins.

Primeiro, a afirmação dele: “Proletários” — o termo de Marx para quem não tem nada — “Proletários do mundo, uni-vos; não têm nada a perder tirando as grilhetas”.

Surgem momentos na História em que um grupinho de gente, esperta, astuta, começa a explorar a sociedade inteira. O dinheiro vai todo para um lado e a pobreza e a fome vão todas para o outro. Naturalmente, este estado de coisas não pode continuar para sempre. Mais cedo ou mais tarde, os que nada têm vão derrubar os que têm tudo.

A revolução é uma ação coletiva, é uma luta de classes. Em suma, é coisa política; nada tem a ver com religiosidade, nada tem a ver com espiritualidade. E também é violenta porque os que estão no poder não vão abdicar facilmente dos seus direitos adquiridos; vai ser uma luta sangrenta e violenta em que milhares, por vezes milhões, de pessoas morrem.

Na revolução russa morreram trinta milhões de pessoas. A família inteira do czar foi assassinada pelos revolucionários com tal brutalidade que nos parece inconcebível. Até mataram um bebé de seis meses. Era absolutamente inocente, não tinha feito mal nenhum a ninguém; só pode pertencer à família

real... A família real tinha de ser destruída por inteiro. Foram assassinadas dezassete pessoas, mais, assassinadas e esquartejadas.

Acontece em revoluções. Os séculos de raiva acabam por se transformar em violência cega.

E a última coisa a ter em mente: a revolução não altera nada. É uma roda: uma classe chega ao poder, as outras ficam impotentes. Mais cedo ou mais tarde, os sem poder vão ser a maioria, porque os poderosos não querem partilhar o poder, querem tê-lo no mínimo de mãos possíveis. Quanto tempo se pode tolerar isto? É natural que seja algo automático. A revolução é algo mecânico e cego, faz parte da evolução. Quando os poderosos ficam o grupo mais pequeno, a maioria expulsa-os e outro grupo de poder começa a fazer o mesmo.

Por isso é que digo que a revolução nunca alterou nada ou, por outras palavras, todas as revoluções da História fracassaram. Prometiam muito, mas não resultaram em nada. Nem passados setenta anos o povo da União Soviética conseguia comer devidamente.

Sim, já não havia czares velhos nem condes nem condessas nem princesas nem príncipes. Porém, num vasto oceano de pobreza, mesmo que tiremos quem tem poder e riqueza não conseguimos enriquecer a sociedade; só tentamos adoçar o oceano deitando colheradas de açúcar lá para dentro. Só acontece um fenómeno muito estranho em que ninguém repara. Só a pobreza foi distribuída irmãmente: na União Soviética toda a gente ficou igualmente pobre. Mas que tipo de revolução é esta? A esperança era que toda a gente ficasse igualmente rica.

Ora a esperança não basta para se ficar rico. A riqueza precisa de uma ideologia completamente diferente, de que a humanidade nada sabe em absoluto. Durante séculos, louvou a pobreza e condenou a riqueza, o conforto, o luxo. Mesmo que os pobres se revoltem e cheguem ao poder, não fazem a mais pálida ideia do que fazer com esse poder, como gerar energia para criar mais riqueza, conforto e luxo para o povo porque, no mais fundo das suas mentes há sentimento de culpa quanto à riqueza, quanto ao luxo, quanto ao conforto. Por conseguinte, estão numa angústia tremenda, embora tenham chegado ao poder. Esse é o momento em que poderiam mudar toda a estrutura da sociedade, toda a ideia de produção. Poderiam criar mais tecnologia; poderiam descartar desperdícios que sejam uma estupidez.

Todos os países desperdiçam muito do rendimento nas forças armadas. Até os países mais pobres fazem a mesma idiotice. Mas os políticos, os que estão no poder, não se ralam nada com o que acontece à humanidade. Estão mais ralados em manter o poder nas suas mãos. Podem sacrificar metade do país à morte, mas continuarão a envidar esforços para ter armas atómicas, mísseis nucleares. É uma sociedade tresloucada a que criámos em milhões de anos. A loucura atingiu agora um pico, e não há volta a dar. Parece que estamos todos sentados num vulcão que pode explodir a qualquer momento.

As revoluções no passado aconteceram em todo o mundo, mas nenhuma delas se saiu bem a fazer o que prometia. Prometia igualdade sem compreender a psicologia da individualidade humana. Cada indivíduo é tão único que obrigá-lo à igualdade não vai trazer felicidade a ninguém, antes pelo contrário, a mais completa infelicidade.

Eu também gosto da ideia de igualdade, mas de modo totalmente diferente. A minha ideia de igualdade prende-se com igual oportunidade de todos serem desiguais, igual oportunidade de todos serem únicos e eles próprios. Certamente serão diferentes uns dos outros, e uma sociedade que não tem variedade e diferenças é uma sociedade muito pobre. A variedade traz beleza, riqueza, colorido.

Ora ainda não entrou na cabeça de milhões pelo mundo fora que a revolução não ajudou nada, e continuam a pensar em termos de revolução. Ainda não compreenderam nada da história do homem.

Diz-se que a história se repete. Eu digo que não é a história que se repete; parece repetir-se porque o homem é absolutamente inconsciente e continua a fazer a mesma coisa repetidamente sem aprender nada, sem amadurecer, sem ficar alerta e ganhar perspicácia.

Quando todas as revoluções fracassam, deve-se abrir uma porta nova. Não vale a pena continuar a trocar os poderosos pelos destituídos e os destituídos pelos poderosos; é um círculo que continua a andar. Eu não prego a revolução, sou completamente contra a revolução. A minha palavra para o futuro, e para quem for inteligente no presente, é rebelião.

Qual é a diferença?

Rebelião é ação individual; não tem nada a ver com a multidão. A rebelião não tem nada a ver com política, poder, violência. A rebelião tem algo a ver com a mudança da consciência, do silêncio, do ser. É uma metamorfose espiritual. Cada indivíduo que passe por uma rebelião não está a lutar com mais ninguém, está a lutar simplesmente com a sua própria escuridão. Não é preciso espadas, não é preciso bombas; é preciso estar mais alerta, é preciso mais meditação, mais amor, mais oração, mais gratidão. Rodeados de todas estas qualidades, podemos renascer.

Eu ensino este novo homem, e esta rebelião pode tornar-se no ventre para o novo homem a quem eu ensino. Envidámos esforços coletivos e falharam. Envidemos agora esforços individuais. Se um homem ficar inundado de consciência, alegria e felicidade, será contagioso para muitos mais.

A rebelião é um fenómeno muito silencioso que continuará a espalhar-se sem barulho e sem sequer deixar pegadas. Passará de coração para coração em profundos silêncios e, no dia em que tiver chegado a milhões de pessoas sem derramamento de sangue, bastará o entendimento desses milhões de pessoas para mudar os nossos costumes animais e primitivos. Mudará a

nossa ganância e, no dia em que a ganância desaparecer, a acumulação de dinheiro estará fora de questão. Não houve revolução alguma capaz de destruir a ganância; quem chega ao poder fica ganancioso.

Passámos por uma revolução na Índia e trata-se de um exemplo muito significativo para a compreensão. Quem liderava a revolução contra o domínio britânico eram seguidores de Mahatma Gandhi, o qual pregava a ausência de posses, o despojamento.

Assim que chegaram ao poder, os discípulos dele começaram a viver em palácios feitos para vice-reis. Todos os discípulos de Gandhi, que toda a vida tinham pensado ser criados dos outros, tornaram-se senhores dos outros. Não tardou a que houvesse mais corrupção na Índia do que em qualquer outro lado. É mesmo bizarro — corrupção gandhiana, muito religiosa, muito piedosa, e as pessoas que a praticavam tinham sido treinadas, disciplinadas, para serem criadas das outras. Ora o poder tem uma capacidade tremenda de mudar as pessoas; assim que temos poder transformamo-nos numa pessoa diferente. Começamos a portar-nos como qualquer outra pessoa poderosa que tenha existido antes de nós.

Ω

Eu era muito novo quando a Índia ficou independente, tenho observado esta independência há muitos anos. A minha família inteira esteve envolvida na luta pela liberdade, e quando a liberdade chegou houve festa por todo o país. Porém, a cada ano a festa era menos animada, e começou a instalar-se a tristeza. Eu costumava arreliar o meu pai, os meus tios, que tinham estado todos na cadeia, que tinham sofrido o mais possível e, como os anciãos estavam presos, nós sofríamos também, porque não havia ninguém para tomar conta das crianças. Só restavam mulheres e crianças, e as mulheres indianas não são grande ajuda. Nem sequer podem sair; não são capazes de ganhar dinheiro. Eu sei o quanto foi difícil quando todos os anciãos da família foram para a prisão. Depois da liberdade, eu costumava arreliá-los:

— É isto a liberdade? Destruíram a vossa família, destruíram-se a vós próprios, sofreram e fizeram-nos sofrer. É isto a liberdade?

E o meu pai dizia:

— Não digas essas coisas. Sabemos bem que esta não é a liberdade pela qual temos lutado. Pensávamos que, quando o país ficasse livre, toda a gente gozaria de liberdade.

Mas nada mudou. Só os Britânicos se foram embora e, em lugar deles, um único partido governou durante anos. E não era só um único partido, era uma única família — tornou-se uma dinastia, e a exploração continua e a pobreza continua. Aumentou pelo menos cem vezes desde que o Império Britânico se foi.

Tudo se deteriorou — a moral, o carácter, a integridade, tudo passou a ser mercadoria. Pode-se comprar qualquer um; basta ter dinheiro. Não há um único indivíduo no país inteiro que não seja mercadoria a transacionar; basta ter dinheiro. Toda a gente tem preço — os juízes têm preço, os comissários da polícia têm preço, os políticos têm preço. Nem sob o domínio britânico a Índia padeceu de tal corrupção.

O que é que o país ganhou? Os governantes mudaram, mas o que significa isso? A menos que haja uma rebeldia a espalhar-se de indivíduo para indivíduo, a menos que possamos criar uma atmosfera de luz em todo o mundo, em que a ganância acabe de moto próprio, em que a raiva não seja possível, em que a violência se torne impossível, em que o amor seja modo de vida... Em que a vida seja respeitada, em que o corpo seja apreciado, em que o conforto não seja condenado.

É natural pedir conforto. Até as árvores... Em África, as árvores crescem muito alto; as mesmas árvores na Índia não crescem tão alto. Fiquei perplexo, o que será que acontece? Estava a tentar descobrir por que é que as árvores indianas que deviam crescer à mesma altura não crescem, e a razão que encontrei foi que, se não houver densidade na floresta, as árvores não crescem tanto. Mesmo a menor altitude, o sol está disponível, e é esse o conforto delas, a vida delas, a alegria delas. Em África as selvas são tão densas que todas as árvores se esforçam por crescer o mais alto possível, porque só assim podem gozar da alegria do sol, da alegria da chuva, da alegria do vento. Só assim podem dançar; caso contrário, nada resta além da morte. Toda a natureza quer conforto, toda a natureza quer o luxo que lhe for possível. Ora, as nossas religiões andam a ensinar-nos que o luxo é mau, que o conforto é mau, que as coisas agradáveis são más.

Um homem iluminado vê com clareza que é contranatura dizer às pessoas, "Deveriam contentar-se com a pobreza, deveriam contentar-se com a doença, deveriam contentar-se com toda a espécie de exploração, deveriam contentar-se e não deveriam tentar chegar mais alto, chegar ao sol e à chuva e ao vento." É algo absolutamente contranatura, esta limitação que todos carregamos. Só uma rebelião no nosso ser poderá dar-nos esta clareza. Podemos ver que, na História, todas as rebeliões se basearam no "não". Não foram rebeliões; mudemos a palavra. Todas as revoluções se basearam no "não". Foram negativas, foram contra alguma coisa, foram destrutivas, foram vingativas e violentas.

Certamente que a minha rebelião se baseia no "sim" — sim à existência, sim à natureza, sim a nós próprios. O que quer que seja que as religiões digam, e o que quer que seja que as antigas tradições digam, todas dizem que não — não a nós próprios, não à natureza, não à existência; são todas negações da vida.

A minha rebelião é uma afirmação da vida. Quero que dancem e cantem e amem e vivam tão intensamente e tão integralmente quanto possível. Nesta integral afirmação da vida, neste absoluto sim à natureza, podemos

criar uma terra integralmente nova e uma humanidade integralmente nova. O passado era “não”. O futuro tem de ser “sim”.

Já vivemos que chegue com o não, já sofremos que chegue e não tem havido nada além de infelicidade. Quero que as pessoas sejam alegres como pássaros a cantar pela manhã, coloridas como flores, livres como pássaros que voam sem servidões, sem limitações, sem passado — apenas um futuro aberto, um céu aberto e podemos voar até às estrelas.

Como eu digo sim à vida, todos os que dizem não estão contra mim, pelo mundo fora. A minha positividade vai contra todas as religiões e contra todas as ideologias que foram impingidas ao homem. O meu sim é a minha rebelião. No dia em que vocês também forem capazes de dizer sim, será a vossa rebelião.

Podemos ter gente rebelde em conjunto, mas cada qual será um indivíduo independente, não pertencerá a nenhum partido político nem a nenhuma organização religiosa. Só pela liberdade e pelo amor, e pelo mesmo belíssimo sim, nos encontraremos. O nosso encontro não será um contrato, o nosso encontro não será de modo algum uma rendição; o nosso encontro fará de cada indivíduo mais indivíduo. Apoiado por toda a gente, o nosso encontro não nos tirará a liberdade, não escravizará ninguém; o nosso encontro dar-nos-á mais liberdade, mais apoio, para que possamos ser mais fortes na nossa liberdade. Longa tem sido a escravidão, e longo tem sido o nosso fardo. Enfraquecemos por causa dos milhares de anos na escuridão com que nos assolaram.

As pessoas que adoram dizer sim, que compreendem o significado de rebelião, não estarão sozinhas. Serão indivíduos. Mas as pessoas que estiverem no mesmo caminho, companheiros de estrada, amigos, darão apoio umas às outras na meditação de cada um, na alegria, na dança, na música. Vão constituir uma orquestra espiritual, em que há muita gente a tocar instrumentos mas a criar uma só música. Pode haver tanta gente junta e a criar a mesma consciência, a mesma luz, a mesma alegria, a mesma fragrância.

O caminho é longo — o “não” parece ser um atalho — e por isso é que ainda não foi desbravado até agora. Sempre que falei disto com alguém, diziam-me:

— Talvez tenha razão, mas quando é que será possível que a terra inteira diga sim?

E eu dizia:

— Seja como for, estamos nesta terra há milhões de anos e vocês têm andado a dizer “não”; o que é que alcançaram? Já é altura. Deem hipótese ao sim também.

Tenho para mim que o não é apanágio da morte; o sim está no âmago da vida. O não tinha de fracassar porque a morte não pode triunfar, não pode sair vitoriosa contra a vida. Se dermos hipótese ao sim, baseados na nossa rebeldia, só poderá vir a ser um fogo vivo, porque toda a gente, no fundo, quer que aconteça. Não encontrei uma única pessoa na minha vida que não queira ter uma vida natural, descontraída, pacífica, silenciosa.

Ora, essa vida só é possível se toda a gente estiver a viver o mesmo tipo de vida. Posso compreender o medo das pessoas de que a rebelião individual possa demorar muito tempo, mas não há problema algum nisso. Aliás, cada indivíduo que passa por este fogo rebelde transforma-se, pelo menos para si próprio, num encanto e num êxtase. Assim, não fracassou; conquistou, atingiu o pico do seu potencial. Floresceu. Não há mais nada em que ele possa pensar; a existência inteira é sua. No que-respeita a esse indivíduo, a rebelião está completa. Ele poderá lançar as sementes à terra em seu redor. E não há pressa; a eternidade está disponível. Devagar, paulatinamente, cada vez mais gente ficará mais e mais consciente, mais alerta. A luz será um fenómeno comum.

Não deveria aparecer apenas de vez em quando um Gautama Buda, apenas de vez em quando um Jesus, apenas de vez em quando um Sócrates — os nomes podem contar-se pelos dedos da mão. simplesmente inacreditável! É como se o jardim estivesse cheio de roseiras, milhares de roseiras, e só de vez em quando um botão florisse e desse rosas. Os restantes milhares ficam sem flores...?

Se uma roseira não der flor, não poderá dançar — para quê? Não pode partilhar; não tem nada para partilhar. Continua pobre, vazia, sem sentido. Não faz diferença alguma que tenha vivido ou não. A única diferença é quando floresce e oferece canções e flores e fragrância à existência e a qualquer um que esteja disposto a receber. A roseira fica realizada. A sua vida não foi em vão; tornou-se uma belíssima dança cheia de canções, uma concretização profunda que vai até às raízes.

O tempo não me preocupa. Se o conceito for assimilado, o tempo está disponível; há tempo que chegue disponível.

No Oriente temos um provérbio belíssimo: "Ao homem que perde o norte de manhã, se voltar a casa à tarde, não deveremos chamar perdido." O que importa? De manhã perdeu-se — umas aventuras aqui e ali — e ao cair da noite está de volta a casa. Alguns podem ter chegado um pouco antes; ele chegou tarde, mas não é mais pobre do que os que chegaram mais cedo. Pode até suceder o contrário: pode ter ganho mais experiência. Conheceu mais porque perambulou mais; conheceu mais porque cometeu mais erros. Tem muito mais maturidade e experiência porque vagueou até tão longe. Depois de voltar a cair e levantar-se... Não é necessariamente um perdedor.

Por conseguinte, o tempo não tem consideração por mim.

A minha rebelião é absolutamente individual e vai alastrar de indivíduo para indivíduo. Este planeta inteiro há de ver a luz. Os idiotas podem tentar esperar para ver o que acontece aos outros, mas também terão de se juntar à caravana, finalmente. A própria ideia de luz, de esclarecimento, é tão nova, embora já não seja desconhecida. Tem havido gente iluminada, mas nunca trouxeram a luz enquanto rebelião — é isso que é novo. Viram a luz, ficaram contentes, ficaram realizados, e aconteceu uma grande falácia que eu tenho de salientar. Embora não tenha de mostrar os erros dos iluminados — fico triste com isso — mas a minha responsabilidade não é para com os mortos. A minha responsabilidade é para com aqueles que estão vivos e com aqueles que hão de vir, portanto tenho de deixar tudo bem claro.

Gautama Buda, Mahavira, Adinatha, Lao Tsé, Kabir, todas estas pessoas que viram a luz atingiram tremenda beleza, grande alegria, completo êxtase — aquilo a que chamo *satyam, shivam, sundram*, a verdade, a piedade da verdade e a beleza dessa piedade. Ora, por terem ficado iluminados, começaram a ensinar às pessoas que se sentissem satisfeitas: “Continuem pacíficas, continuem silenciosas.” É esta a falácia. Eles atingiram a satisfação após grande busca. Foi uma conclusão, e não um princípio; foi o produto final da luz, mas começaram a dizer às pessoas que podiam ficar satisfeitas logo naquele momento: “Fiquem satisfeitas, fiquem silenciosas.”

Foi assim que ficaram antirrebeldes, sem talvez saberem que se um homem pobre ficar satisfeito com a sua pobreza, é perigoso; se um escravo ficar satisfeito com a sua servidão, é perigoso.

Por conseguinte, todos os grandes iluminados do passado atingiram grandes alturas, nisso não há dúvidas. Mas há uma falácia que todos perpetuaram, sem exceção. A falácia é terem começado a dizer às pessoas que comessem com o que vem no fim. A flor só entra no fim; tem de se começar pelas raízes, pela semente. Se dissermos às pessoas que comecem pelas rosas, a única maneira será comprar rosas de plástico. A única maneira de ficar satisfeito sem meditação é sendo hipócrita porque, no fundo, está-se zangado, no fundo está-se furioso, no fundo apetece barafustar e, à superfície, mostra-se uma imensa paz — esta paz tem sido como um cancro na humanidade.

Pode ver-se a acontecer na Índia com mais evidência do que em qualquer outro lugar, porque o país tinha sorte, foi abençoado por mais gente iluminada do que qualquer outro país — mas, infelizmente, porque tanta gente iluminada cometeu a mesma falácia, o país permaneceu escravo durante vinte séculos. A Índia permaneceu pobre, esfomeada durante séculos; não houve desenvolvimento na ciência, não houve desenvolvimento na tecnologia. Quem é o responsável por tudo isto?

Como esta gente era amada, respeitada — e mereciam ser amados e respeitados — quando cometiam falácias, naturalmente ninguém podia imaginar que pudessem errar. O maior erro foi ensinar às pessoas coisas que só aparecem no fim; se as tentarmos no princípio seremos simplesmente

hipócritas, fingidores. Começaremos a usar uma máscara. À superfície, seremos apenas uma pessoa: por dentro seremos exatamente o oposto, e uma casa dividida não se pode aguentar muito tempo.

O homem divide-se em falsa personalidade e autêntica individualidade. Todo e qualquer homem à face da terra que não esteja em meditação profunda é esquizofrênico; não são precisos mais sintomas. É apenas a sua condição natural, ou quase natural, de lhe ser dito para ser hipócrita durante milhares de anos.

A alquimia do sim pode criar um indivíduo único e integrado. Pode recuperar a dignidade perdida. Pode recuperar a capacidade de estar sozinho em absoluta beatitude, sem precisar de ninguém, sem estar dependente de nada. Há de expulsar as doenças espirituais — ganância e inveja e violência e luxúria — e há de trazer um manancial de tudo o que é excelente, incalculavelmente excelente, tão bom que nem se pode dizer, “Consegui”, só podemos dizer, “A existência concedeu-mo”. É sempre uma dádiva vinda de fora; o êxtase, a bênção, a verdade, caem simplesmente sobre nós.

Porém, tem de se aprender a dizer sim em absoluta integralidade com a natureza e com a existência. A hipocrisia não serve — dizer sim com a personalidade e, no fundo, a individualidade a dizer não. O que está no fundo é mais autêntico do que o que está à superfície; a superfície é sempre artificiosa.

Um vigário inglês muito beato estava a pregar o sermão numa igreja inglesa muito snobe, quando foi interrompido por um americano negro entre a congregação.

— O senhor diz... — começou o padre.

— Porreiro, pá! — ouviu-se lá atrás.

— O rico vai perecer...

— Meu, na *mouche*! — bradou o Americano.

— E o poderoso vai...

— Aleluia! — foi a resposta vinda do fundo.

O vigário conseguiu chegar ao fim do sermão, mas depois foi ter com o Americano e disse:

— Por obséquio, fique sabendo que neste país gostamos de manter o decoro. Tentamos andar de cabeça bem erguida. É o país da rainha, é um lugar de Deus e, francamente, considero o seu comportamento desconcertante.

— Meu, desculpe lá, tem toda a razão. Adorei a maneira como nos falou daquelas cenas sobre Moisés e os Dez Mandamentos, e achei boa ideia dar-lhe umas milenas para esta coisa que você aqui tem.

— Porreiro, pá! — exclamou o padre.

Não é preciso muito para descobrir o que está no fundo. Todo o decoro, toda a cultura, é superficial; será uma alegria tremenda ver as pessoas na sua autenticidade, na sua realidade, sem qualquer decoro, sem qualquer maquilhagem, tal como são. O mundo terá imensamente a ganhar se toda esta falsidade desaparecer.

A alquimia do sim e a rebelião baseada no sim são capazes de destruir tudo o que é falso, e consegue descobrir tudo o que é real e tem sido encoberto durante séculos, camada após camada por cada geração, a ponto de nos termos esquecido de quem somos.

Se, de súbito, alguém o acordar a meio da noite e lhe perguntar, “Quem és tu?”, você precisará de algum tempo para se recordar de quem era na noite antes de se ter ido deitar.

George Bernard Shaw ia dar uma palestra algures perto de Londres. Já no comboio, apareceu o revisor. George Bernard Shaw procurou em todos os bolsos, abriu todas as malas, mas não dava com o bilhete. Finalmente, estava a transpirar e o revisor disse:

— Não se aflija, eu sei quem é o senhor; o país inteiro sabe, o mundo inteiro sabe. O bilhete deve estar nalgum lado, não é preciso afligir-se. Mesmo que se tenha perdido, estou aqui para ajudá-lo a sair na estação, onde o senhor precisar de sair.

George Bernard Shaw disse:

— Caluda! Já estou confuso e você está a confundir-me ainda mais. Estou a tentar lembrar-me para onde é que vou! Sem o bilhete para me recordar, não faço ideia!

Passa-se o mesmo com quase toda a gente. O senhor não sabe quem é; o seu nome é apenas um rótulo que lhe puseram, não é a sua essência. Para onde vai? — Não tem bilhete nenhum para mostrar onde é que tem de sair do comboio, e o senhor está apenas à espera que alguém o faça sair algures, ou talvez que o comboio pare e já não vá para lado nenhum...

Mas por que é que vai de viagem, para começar? Aliás, para todas estas perguntas fundamentais, o senhor tem apenas uma resposta: “Não sei.” Neste estado de inconsciência, as revoluções não podem triunfar. Neste estado de inconsciência, o desejo de liberdade é apenas um sonho. Não se

pode compreender o que é a liberdade. Para quem é que estamos a pedir a liberdade?

A minha ideia de rebelião baseada no sim traduz-se numa rebelião baseada na meditação, pela primeira vez na história do homem. E como cada indivíduo tem de trabalhar por si próprio, está fora de questão qualquer luta, está fora de questão qualquer organização, está fora de questão qualquer conspiração, está fora de questão lançar bombas e desviar aviões.

Um idiota qualquer no aeroporto de Pune inseriu no computador: “Cuidado com os sannyasins de Osho; eles querem desviar aviões!” Este mundo está mesmo muito perturbado. Um dos meus sannyasins, que faz viagens frequentes de ida e volta a Bombaim, diz:

— De cada vez que vejo aquele computador, começo a tremer por dentro com medo que me agarrem e perguntem: “Por que é que o senhor está sempre a passar por aqui? Tem intenções de desviar um avião da Indian Airlines? Já não basta que venha uma vez, por que é que tem de ir e vir pelo menos três vezes por semana?”

E continua:

— O que hei de fazer? Por terra parece que atravessamos o inferno, e no avião têm aquele computador. De cada vez que lá estou, o computador diz logo, “Cuidado com os sannyasins.”

Eu não estou nada interessado em desviar aviões; nem estou interessado em destruir governos. Mas esse será o resultado final da minha rebelião individual baseada na meditação: os governos vão desaparecer. Têm de desaparecer; não têm sido mais do que um estorvo à face da terra. As nações têm de desaparecer. Não há necessidade de nações algumas; a terra inteira pertence à humanidade inteira. Não há necessidade de passaportes, não há necessidade de vistos.

Esta terra é nossa, que tipo de liberdade é esta em que não no podemos deslocar? Há barreiras por todo o lado, cada nação é uma prisão enorme. Como as barreiras não se veem, as pessoas acham-se livres. Tentem passar essa barreira e imediatamente serão confrontados com uma pistola carregada: “Volte para a prisão. O seu lugar é nesta prisão. Não pode entrar noutra prisão sem autorização.” São assim as nações!

Certamente que uma rebelião consoante a minha visão irá descartar todo este lixo das nações, e as discriminações entre branco e preto, e dará à humanidade uma vida natural, descontraída e confortável. É possível porque a ciência nos deu tudo o que precisamos, mesmo que a população da terra venha a ser muito maior do que é hoje. Basta um pouco de inteligência — a qual será libertada pela meditação — e poderemos ter uma terra bonita com gente bonita, e uma liberdade multidimensional que não seja apenas uma palavra nas constituições mortas, mas sim uma realidade viva.

Uma coisa a recordar finalmente: o tempo das revoluções acabou. Experimentámo-las muitas vezes e, de cada vez, repetiu-se a mesma história. Basta. Agora é necessário urgentemente algo novo. Salvo a ideia que vos estou a dar de uma rebelião, individual e baseada na meditação, não há outra alternativa proposta em lugar algum do mundo.

Eu não sou filósofo; sou absolutamente pragmático e prático. Não estou só a falar de rebelião meditativa, estou a preparar as pessoas para isso. Quer saibam quer não, pouco importa. Quem se aproximar de mim vai tornar-se um indivíduo rebelde e, aonde quer que vá, vai espalhar a sua saúde contagiosa. Isso vai sensibilizar as pessoas para a sua própria dignidade, vai sensibilizar as pessoas para o seu potencial. Vai fazer com que as pessoas fiquem alerta quanto àquilo que podem vir a ser, que são e por que é que estão num impasse.

A função dos meus sannyasins não é a de serem missionários mas sim de serem indivíduos afetuosos, compassivos, fragrantos... Não é uma questão de converter as pessoas de uma ideologia noutra ideologia. É uma transformação muito mais profunda — de todo um passado num futuro totalmente novo e desconhecido. É a maior aventura que se pode conceber.

Têm todos a sorte de fazerem parte desta grande aventura.

CAPÍTULO 13

Gnosticismo – As Raízes da Rebelião Religiosa

Osho, existe alguma relação entre Gnosticismo e anarquia?

O termo anarquia tem implicações tremendas. Significa que as pessoas estão tão disciplinadas interiormente que nem precisam de governo algum. Estão tão ordeiramente dentro de si que não é preciso nenhuma ordem exterior.

Anarquia é, basicamente, a transformação do indivíduo de tal maneira que o governo se torna supérfluo. O indivíduo vive na luz da sua consciência, completamente ciente do que faz, completamente ciente das consequências, ciente de que não é correto interferir na vida de nenhum indivíduo, nem invadi-la – mesmo em questões subtis como a conversão. Fazer o esforço de converter alguém à nossa ideologia é uma invasão da consciência desse indivíduo. Se ele não nos convidar, é uma agressão.

Por conseguinte, os indivíduos devem estar tão conscientes que não lhes seja possível nenhuma atividade agressiva, a qualquer nível — físico, mental, emocional. Assim o governo será absolutamente inútil, um fardo. É certamente que a ideia é, se as pessoas podem viver sem governo, é porque são pessoas. Se ainda precisarem de governo, significa que ainda estão a sair da animalidade. Ainda não se tornaram humanas. Precisam de senhores, governantes, não são capazes de estarem por sua conta. Basicamente, pedem para ser escravas. A existência de um governo de qualquer tipo significa que o povo pede escravatura; pedir escravatura e depois pedir democracia, liberdade, liberdade de expressão, e individualidade, é contraditório.

Assim os governos continuam a prometer estas coisas todas mas, na própria existência do governo, elas são negadas. Donde, todos os governos são fraudes; só sabem prometer, não sabem concretizar. É existencialmente impossível. Se souberem concretizar, não serão necessários. Se não souberem concretizar — é por isso que são necessários. Por conseguinte, cada governo é mais ou menos simbólico do facto de que os seres humanos ainda não cresceram totalmente, ainda não atingiram todo o seu potencial.

Perguntava-me, “O Gnosticismo e a anarquia estão relacionados de algum modo?” Estão... Porque o Gnosticismo significa saber próprio. Há dois tipos de saber. Um é emprestado, de livros ou de professores, dos pais ou do ambiente, da sociedade em que se vive. Inconscientemente, vamos

absorvendo muitas coisas. Não se trata de saber no sentido que lhe dá o Gnosticismo. Trata-se de um falso substituto do verdadeiro saber, e é um empecilho. O verdadeiro saber é a descoberta da verdade, do amor, da compaixão, de tudo o que é grande na vida humana — por si próprio.

Todas as escrituras budistas começam com a seguinte afirmação: “Ouvi o Buda Gautama dizer...” São rumores, não é saber. Poderemos ter ouvido o Buda Gautama dizer algo — não quer dizer que o tenhamos ficado a saber. Poderá tornar-se parte da nossa memória, poderemos repeti-lo como um papagaio... É isso que os padres, os comentadores, fazem pelo mundo fora, repetem simplesmente como um papagaio sem saber o que diz.

Os comentadores não sabem o que dizem. Ouviram dizer, decoraram; têm boa memória, mas a inteligência não existe. O verdadeiro saber reside na nossa própria experiência, na nossa própria busca — e quando nos conhecemos a nós próprios, não há necessidade de acreditar em nada. Toda e qualquer crença será venenosa porque será um empecilho na busca da verdade.

Agora o mundo inteiro acredita numa coisa ou noutra. Pergunta-se a alguém sobre Deus — ou acredita que Deus existe... E há alguns que acreditam que Deus não existe, mas são ambas crenças. O comunista acredita que Deus não existe, mas não explorou. Não se adensou na sua própria consciência, que dizer do conjunto da sua existência? Não explorou sequer o seu próprio pequeno ser.

E há milhões que dizem, “Acreditamos na existência de Deus.” Porém, essa crença não pode criar um Deus — se não existir, a crença não faz diferença nenhuma. Se acreditarmos num Deus, naturalmente que paramos de buscar. Para quê buscar e demandar quando já se acredita? Por isso é que todas as religiões enfatizam a fé, para que nos possam fazer parar de buscar.

A fé é um bloqueio. A busca significa que ainda duvidamos, ainda não temos a certeza. A fé significa que temos a certeza absoluta de que Deus existe; não vale a pena indagar. Se um homem acredita em tais coisas, que implicam tantos absurdos... Por exemplo, Galileu Galilei ouviu o Papa dizer-lhe:

— No seu livro tem de mudar a afirmação de que a Terra gira à volta do Sol porque isso vai contra a Bíblia. A Bíblia diz que o Sol gira à volta da Terra, e é essa a experiência de toda a gente também. Certamente assim parece. De manhã nasce, à noite põe-se — parece que anda à volta da Terra.

Galileu tinha setenta e cinco anos — quase que foi arrastado do seu leito de morte até ao tribunal para se retratar, porque o que diz na Bíblia não pode ser desacreditado. É a palavra de Deus; não há indagação possível. Galileu disse:

— Uma coisa tão pequena, que não colide em nada com a religião... Que importa que o Sol gire à volta da Terra ou a Terra gire à volta do Sol? Não tem relevância religiosa.

E o Papa disse:

— Não se trata de relevância religiosa. Trata-se de que, se houver uma coisa errada na Bíblia, a fé fica abalada, talvez possa haver outras coisas erradas. Se Deus tiver uma ideia estúpida, que garantias há de que outras coisas ditas não tenham a mesma característica? Não se pode questionar uma única palavra.

Galileu deve ter sido um homem com grande sentido de humor, pois disse:

— A mim não faz diferença nenhuma. Vou mudar o livro, vou escrever que o Sol gira à volta da Terra, mas a minha afirmação não fará diferença nenhuma. A Terra continuará a mover-se à volta do Sol, apesar da minha afirmação. Como é que a minha afirmação pode fazer alguma diferença para a Terra?

E foi isso que ele fez. Mudou o que escrevera e, em nota de rodapé, disse: "Não faz diferença alguma para a Terra nem para o Sol — eles continuam no seu caminho. Estou a alterar porque não quero ser desnecessariamente incomodado na velhice."

E assim tem sido continuamente desde Galileu: tudo o que a ciência descobre vai contra a Bíblia; uma e outra vez surge o mesmo problema. Como a ciência tem vindo a fazer progressos no Ocidente, a luta tem sido entre a ciência e o Cristianismo. Porém, se observarmos com atenção, o mesmo problema se põe acerca de qualquer outra religião. O Hinduísmo defende que a Terra é plana e não redonda, mas não há hindu nenhum a dizer que a ideia deve ser descartada, que vai contra a nossa investigação. Nas escrituras hindus diz que o Sol é mais pequeno do que a Terra, um perfeito disparate — o Sol tem sessenta mil vezes o tamanho da Terra. Ora, nenhum hindu se rala com isso.

Mais, e fundamentalmente, estas coisas nem sequer deveriam constar de escritos religiosos, para começar, pois a religião não deve ser nem tida nem achada quanto ao tamanho do Sol ou ao tamanho da Terra. Deveríamos tirar tudo o que não seja religioso dos escritos religiosos.

Os escritos religiosos precisam de nova edição a cada dez anos, porque a ciência continua a progredir, a indagar. O modo como a ciência vai progredindo e indagando é exatamente o modo de busca interior do homem. Ele também duvida, questiona, é cético, tenta encontrar a verdade por si só. Ele transforma-se num laboratório em si próprio.

Gautama Buda não conseguiu encontrar nenhum Deus dentro de si. Procurou até ao âmago mais íntimo do seu ser e não encontrou Deus. Se

Deus não existe na consciência humana, Deus não pode existir nas montanhas, nas árvores, que estão muito mais abaixo.

As pessoas que chegaram à ideia de Deus e a têm difundido, como é que a descobriram? Onde é que a descobriram, e qual foi o método de descoberta? Não há nada sobre isso em escrito algum — tem-se fé e mais nada. Mas por que é que se haveria de ter fé em alguém, que pode muito bem estar a mentir, que pode muito bem estar a delirar, que pode estar louco? Para mim, é inconcebível que Moisés tenha encontrado Deus, porque Deus não é uma pessoa. Se algo aconteceu mesmo, deve ter sido um delírio, deve ter sido uma projeção. As projeções são muito fáceis. Basta fazer três semanas de jejum e a mente começa a perder a capacidade de fazer perguntas. A mente começa a chegar a um ponto em que não se consegue distinguir o sonho da realidade.

É o que acontece a crianças pequenas. Estavam a sonhar com um brinquedo bonito e acordam: o brinquedo não está lá e elas desatam a chorar: “Onde está o meu brinquedo?” E não as conseguimos convencer, “Estavas a sonhar, agora estamos na realidade. Mudaste de dimensão. Essa era uma ficção tua, uma ideia tua, da tua mente e da tua imaginação, e isto é a realidade. Não há relação com a tua mente nem com a tua imaginação.”

Todas as religiões ensinam a jejuar. Ninguém se ralou em indagar por que é que todas as religiões estão de acordo quanto ao jejum. A meu ver, a razão está em que, passado algum tempo a jejuar... A nossa inteligência precisa de proteínas para continuar em funcionamento. Passadas três semanas, o reservatório de proteínas no cérebro está vazio — voltamos a um estado infantil. Não sabemos distinguir o que é sonho do que é realidade. Nesses momentos em que as pessoas se apercebem de Jesus Cristo, Krishna, Gautama Buda, Mahavira, seja quem for, sempre foram condicionados na sua mente; tornam-se projeções. E as pessoas deixam de ter inteligência para distinguir entre o real e o irreal.

Pessoas como Moisés ou Jesus que dizem ter visto Deus cara a cara deviam estar tão alteradas... Num estado que se pode criar experimentalmente. É tudo muito claro: um Cristão nunca vê Krishna; um Hindu nunca vê Cristo, porque a mente hindu não está a ser continuamente condicionada para Cristo — ele vê Krishna. O Budista nunca vê Krishna, o Jaina nunca vê Cristo. Surpresa: nas escrituras jainistas, Krishna está a sofrer no sétimo inferno porque foi o causador da maior guerra que a Índia já teve, de tanta violência. Com efeito, há um fundo de verdade nisso. Arjuna não estava disposto a lutar. Queria retirar-se das lutas, queria ir para os Himalaias meditar, e disse:

— É melhor assim, os outros podem ficar com o trono. Seja como for, são meus irmãos. De que serve matar aquela gente toda?

Porque era uma luta familiar e ambas as partes estavam ligadas de muitas maneiras.

O próprio mestre de Arjuna, que fizera dele o melhor arqueiro do mundo, estava do outro lado porque também era mestre dos irmãos. Krishna lutava do lado de Arjuna, e o seu próprio exército lutava do outro lado porque ambas as partes tinham abordado Krishna para se juntar a elas. Ele disse:

- É difícil. Estou sozinho, como é que me posso juntar a duas partes? Vocês são amigos e por isso podem escolher: eu luto de um lado e o meu exército luta do outro.

Foi uma guerra muito estranha em que toda a gente era aparentada. O avô de Arjuna, a quem ele amava e respeitava, estava do outro lado. As pessoas com quem ele lutava eram primos-irmãos, ele brincara e crescera com eles. Morreriam milhões de pessoas. E o argumento dele era absolutamente válido:

— Depois de matar essa gente toda, sentar-me num trono feito de tantos cadáveres não tem absolutamente sentido nenhum. Não serei feliz, sentir-me-ei um desgraçado toda a vida. Que ganharei com isso? Nem sequer terei com quem festejar. Matar gente com as minhas próprias mãos não me parece valer a pena. Dá-me uma ideia muito mais clara de que é melhor ir para as montanhas e meditar e esquecer-me disto tudo.

Mas Krishna insistiu. Quando começou a ficar sem argumentos, recorreu ao último:

— É a vontade de Deus. Agora não podes desacreditar a vontade de Deus, e a vontade de Deus é para lutares.

Esta tem sido a estratégia dos padres pelo mundo fora — “a vontade de Deus”. Ora fico admirado que um homem com a inteligência de Arjuna não tenha inquirido:

— Se conheces a vontade de Deus, por que é que ele não fala diretamente comigo? Se for esta a vontade de Deus, vai tu lutar. No que me diz respeito, eu sinto que a vontade de Deus é que eu desça da quadriga e vá para as montanhas.

No lugar dele, era o que eu teria feito.

— Assim fica perfeitamente bem: se essa é a vontade de Deus para ti... Para mim esta é a vontade de Deus. Se eu tiver de escolher, escolho a minha e não a tua.

Ora esta ideia de fé tem sido usada para destruir simplesmente argumentos, inteligência, e fomentar o medo. Se não acreditarmos em Deus, temos o inferno. Se acreditarmos, temos o paraíso e todas as suas delícias. O Cristão continua a ver Cristo, o Hindu continua a ver Krishna, o Budista continua a ver Buda. Para ver esta gente tem-se usado métodos psicológicos simples: deve-se rezar continuamente. Isso faz de nós crédulos. Um homem que acorda de manhã e a primeira coisa que faz é rezar a Krishna — ou a

Cristo; vai à missa, ouve o padre, lê a Bíblia ou o Guitá, em que todos pregam “Tenham fé”. A coisa repete-se milhares de vezes na vida dele.

Há quem se faça monge e vá para um mosteiro — são os mais propensos a ver Deus porque, durante vinte e quatro horas por dia, não têm mais que fazer além de repetirem um certo mantra, um certo nome. Ficam hipnotizados pelo nome, pela figura.

Todas as religiões ensinam que o jejum purifica. Eu não compreendo como é que a fome pode purificar. Se a fome purifica as pessoas, por que é que deveríamos tentar erradicar a pobreza? Estamos a destruir gente pura, gente espiritual! Deveríamos fazer toda a gente passar fome! A fome não pode purificar. Vejamos bem isto: quando temos fome pensamos que não estamos a comer, mas o nosso corpo está a absorver a sua própria carne. Por isso é que se perde peso; caso contrário, para onde é que vai o peso?

Tenho sido condenado pelos Jainas porque disse, nas conferências deles:

— Jejuar é quase o mesmo que comer carne, e os senhores dizem-se gente não violenta, vegetariana. Jejuar não é vegetarianismo: estão a comer-se a vós próprios.

Um homem muito saudável pode aguentar um jejum de três meses mas, passados três meses, está um esqueleto, e a morte será certa porque se lhe acabaram as reservas para absorver. Não pode absorver ossos. Mas esta gente toda tem impedido que os seus seguidores raciocinem. E eu disse:

— O meu desafio baseia-se num único facto, o de que perde peso: pergunto simplesmente para onde vai o peso. É absorvido pelo corpo.

— O corpo precisa de energia todos os dias. Trabalhar, andar, sentar-se, seja o que for que se tem de fazer, o corpo precisa de energia, e a comida é simples combustível. Se não lhe damos combustível, o corpo começa a comer-se a si próprio: tem um sistema duplo só para emergências. Pode haver uma altura em que não há comida disponível, podemos estar perdidos na floresta; o corpo acumula carne para essas ocasiões.

Ora, não se pode levantar questões destas.

Em segundo lugar, se jejuarmos estaremos a privar a nossa inteligência. Há uma hierarquia — tal como em cada casa existe um conjunto de prioridades, por exemplo, quando se tem fome não se vai comprar uma televisão, vai-se comprar comida, uma necessidade mais básica. Quando se tem comida suficiente, não se vai sair para comprar comida. Começa-se a pensar em comprar outra coisa qualquer: mobília melhor, uma casa melhor, uma televisão, ou rádio ou literatura ou música. Começa-se, mas se, de súbito, o dinheiro desaparecer, as primeiras coisas a abdicar serão as mais supérfluas. A televisão vai primeiro, o rádio também terá de ir. Agarramo-nos às necessidades básicas até ao fim.

E é isso que acontece quando jejuamos. O primeiro ataque visa a inteligência porque é a coisa mais supérflua em nós, não é um fator básico — a vida pode existir sem ela; todos os animais existem sem ela. Por conseguinte, a inteligência começa a desaparecer se continuarmos com fome; o amor, que sempre achamos uma qualidade tão nobre, começa a desaparecer. Um homem esfomeado não pode amar. Não se pode dar a um homem esfomeado bonita literatura para ler, nem música bonita para ouvir. Seria uma piada de muito mau gosto. Ele precisa de comida. Se jejuarmos três semanas — eu já jejei e só gosto de falar de coisas que já experimentei — passadas três semanas começa a ser difícil descortinar se estamos a sonhar ou se é a realidade. Não se consegue, simplesmente, fazer distinção. A faculdade que se usa para fazer a distinção já lá não está.

Por este motivo é que todas as religiões insistem no jejum. Discordam de tudo o resto, mas não discordam nos elementos básicos — jejuar, rezar, cânticos contínuos, ir à igreja ou ao templo ou à mesquita, continuar absolutamente fiel ao livro sagrado — seja o Corão, o Guitá, a Bíblia, não importa. Ora, se virmos bem, as coisas básicas são parecidas e a sua função é parecida.

O Gnosticismo é um conceito deveras revolucionário, e nunca chegou a ser um fenómeno de massas. Permaneceu sempre uma corrente muito pequena de gente escolhida que se deixou dos disparates que as massas têm seguido, e que tentou por si só chegar ao âmago do seu ser.

A fé não nos muda, continuamos os mesmos, mas uma experiência gnóstica transforma-nos. É o único critério a usar — quer o que sabemos seja verdade, quer o nosso saber seja emprestado, quer nos altere, quer simplesmente fique acumulado na memória. Podemos vir a ser bons professores, bons padres, bons líderes, mas não podemos vir a ser bons seres humanos.

Em finais do séc. XIX, Rani Rasmani erigiu um templo em Calcutá, em Dakshineswar nas margens do Ganges. Ora, Rani Rasmani não era hindu de casta alta, era sudra, era intocável. Não havia Brâmane algum disposto a prestar culto no templo dela, embora ela fosse imensamente rica e estivesse pronta a doar o dinheiro que se quisesse. Rani Rasmani explicou aos Brâmanes:

— Eu nem sequer entrei no templo; simplesmente subo uns degraus e faço lá uma vénia. Não entrei no altar; nem sequer vi a estátua de Krishna que está dentro do templo. Foi feito com o meu dinheiro, mas o dinheiro não pode ser sudra, porque o dinheiro está constantemente a mudar de mãos, de sudra para Brâmane, de Brâmane para chhatriya. Logo, não podem dizer que o templo é um templo sudra.

Mas não havia Brâmane algum disposto a ser padre no templo dela — e ela procurou em toda a Bengala.

Ramakrishna aceitou. Era iletrado. Só há duas classes de bengalis, e ele era muito pobre. A aldeia inteira tentou impedi-lo, mas todos o sabiam um pouco excêntrico: quando decidia uma coisa, estava decidida.

Fartaram-se de falar sobre isso, que tinha sido erigido por uma sudra, e ele disse:

— Todos os templos são feitos por sudras porque a mão-de-obra, os artífices, são todos da classe sudra. Todos os templos são construídos por sudras. Sabem de algum templo erigido por Brâmanes?

Além de serem feitos por sudras, as partes mais bonitas são feitas por Muçulmanos, porque têm toda uma tradição no trabalho do mármore. Mais ninguém sabe fazer o que eles sabem. E Ramakrishna disse:

— Todos os templos são feitos por sudras, não há dúvida quanto a isso. O dinheiro não importa, o dinheiro está sempre em movimento. Não posso recusar porque temos o problema de Krishna lá estar sem ninguém lhe prestar culto. Fizeram de Krishna um sudra também, um intocável! A própria Rani não pode entrar. Vou eu.

E foi. A Rani ficou contente, mas também de sobreaviso porque o homem lhe parecia algo excêntrico. Era melhor do que nada, e ela aceitou Ramakrishna. Depois começaram as reclamações. Reclamavam de que ele, por vezes, brigava com Krishna. Em vez de o adorar, gritava com ele, brigava com ele. Dirigia-se-lhe em linguagem profana (Ramakrishna vinha de uma aldeia). Por vezes, só para castigar Krishna, não lhe dava comida. Outras vezes, dançava o dia inteiro, de manhã à noite, a rezar a Krishna. A Rani perguntou a Ramakrishna:

— O que se passa? — E ele respondeu:

— Está tudo a correr bem. Quando ele é bom para mim, eu sou bom para ele. Quando ele é mau para mim, eu sou mau para ele. Por vezes, estou a rezar horas e ele não aparece; no dia seguinte, castigo-o: não lhe dou comida. Assim ele cai em si. Certamente que eu também não como nesse dia. Choro o dia inteiro porque não lhe dei comida, nem sequer abri a porta, deixei-a trancada.

Uma experiência de Ramakrishna diz-nos como se podem criar delírios. Ao princípio — era o aniversário de Krishna -, ele disse-lhe:

— Hoje tens de aparecer. Não é um dia qualquer, é o teu aniversário. Eu danço e canto o dia inteiro e a noite inteira. Se não apareceres — havia uma espada no templo — pego na espada e corto a minha própria cabeça.

Dançou o dia inteiro; chegou a tarde, chegou a noite. A meio da noite — tudo em sossego. O templo é um sítio isolado no Ganges. Com fome o dia inteiro, a dançar o dia inteiro, cansado, completamente esgotado, cantava e rezava continuamente, "Aparece!" Depois sacou da espada e ia cortar a

própria cabeça quando, nesse momento, Krishna apareceu. A espada caiu da mão de Ramakrishna quando viu Krishna.

É tão simples — uma questão psicológica. Se fizermos estas coisas, perdemos o equilíbrio da mente. Ramakrishna era pueril nos seus modos, na sua vida. Era louvado como santo porque era infantil mas, por ser infantil, via Krishna cara a cara.

Um dos grandes mestres estava de passagem na Índia... Há uma tradição para os grandes mestres: dão a volta ao Ganges, vão até à nascente, e depois descem pela outra margem até onde o rio desagua no oceano. Um mestre estava simplesmente de passagem e ouviu falar de Ramakrishna, e constou-lhe que ele via Krishna, e riu-se.

— O homem deve ser inocente mas muito crédulo. Deve ser inocente mas infantil.

Foi ao templo e falou com Ramakrishna. Explicou-lhe o que estava a acontecer:

— O que está a fazer é tudo obra sua. É imaginação sua. Rama não lhe aparece, Vishnu não lhe aparece, Shiva não lhe aparece. Moisés e Cristo e os outros estão fora de questão. Por que é que só lhe aparece Krishna? É imaginação sua. Se puser assim tanta pressão na sua mente que até quer cortar a próprio cabeça, naturalmente que a mente vai fazer qualquer coisa para lhe salvar a vida.

Ramakrishna disse:

— Então ajude-me a livrar-me deste delírio.

O mestre disse:

— Posso ajudar, mas o trabalho real tem de ser feito por si. Sente-se sossegado, feche os olhos e, quando Krishna lhe aparecer à frente, corte-o ao meio que ele há de tombar. Não tem nada lá dentro.

Ramakrishna perguntou:

— Aonde é que vou buscar a espada para o cortar? — E o mestre respondeu:

— Aonde foi buscar este Krishna! Se sabe imaginar Krishna, pode sacar uma espada da mesma imaginação e cortá-lo ao meio.

Ramakrishna tentou três ou quatro vezes mas, no momento em que via Krishna, começava a abanar e esquecia-se da espada e do corte, esquecia-se do mestre e dos seus ensinamentos. O mestre ralhou:

— O senhor é impossível! Estou a perder o meu rico tempo. Quando vê Krishna aparecer-lhe na mente, não o corta, começa a abanar. E eu bem vejo na sua cara que está a gozar a experiência.

Ramakrishna disse:

— Eu sei que estou a fazê-lo perder tempo, mas o que hei de fazer, quando ele me aparece eu esqueço-me simplesmente de mim próprio. — E o mestre disse:

— Vou trazer um bocado de vidro e, quando vir que o senhor começou a abanar e que a sua cara está a mostrar o êxtase, farei um corte exatamente a meio da sua testa para lhe recordar que chegou a altura. O senhor faça o mesmo: pegue na espada e corte Krishna ao meio.

Chegou mesmo a cortar a testa de Ramakrishna, e Ramakrishna reuniu coragem para cortar Krishna dentro de si. Ficou seis horas em absoluto silêncio e, quando abriu os olhos, as primeiras palavras que disse foram: “Caiu a última barreira... Caiu a última barreira.”

A nossa imaginação é a última barreira. Assim que ficarmos sem imaginação, a realidade estará na nossa cara. Não é cristã, não é hindu, não é islâmica.

O Gnosticismo diz isso mesmo: cada indivíduo deve seguir o seu âmago, largar pensamentos, imaginação, emoções, sentimentos, tudo o que seja obstáculo. Não és tu. O simples princípio do Gnosticismo é: tudo o que puderes ver como objeto não serás tu. És quem vê, não podes ser visto. “Eu vejo a mobília, por isso não posso ser a mobília. Seja o que for que eu vejo, não sou eu.”

Vamos continuar a largar tudo o que vemos dentro de nós até que cheguemos a um espaço em que não podemos ver nada. Só resta quem vê, na maior pureza e inocência. Esse é o momento de uma grande revolução — talvez a única revolução que existe, porque quem vê não pode ver nada, não há nada para o obstruir.

É esse o significado da palavra *objeto*. Significa “aquilo que faz obstrução”. Não há objeto algum — está vazio. Pode-se ir mais fundo e... Não há lá nada. Depois vira-se sobre si próprio, torna-se o seu próprio objeto. Quando o sujeito se torna o seu próprio objeto — dito de outro modo, quando o observador também é observado, quando o sabedor é o saber também — chegámos a casa. É esse o significado do Gnosticismo.

Há uma certa relação entre anarquia e Gnosticismo porque ambos dependem do indivíduo. A anarquia seria impossível sem o Gnosticismo, porque só o Gnosticismo pode transformar as pessoas e dar-lhes tal qualidade e energia que nem precisam de governo algum.

Um homem sensibilizado não precisa que ninguém lhe diga o que fazer, o que não fazer. Não precisa do professor de moral, do padre, do polícia, do juiz. São todos irrelevantes. E será um dos grandes dias na história do homem quando o governo ficar irrelevante e for abandonado. Significa que o homem transcendeu toda a animalidade dentro de si — violência, ódio, raiva — tudo o que precisa de um governo para controlar as pessoas; caso contrário, haverá tantas violações, haverá tantos crimes. Haverá tantos roubos, e ninguém estará a salvo.

O governo está simplesmente de acordo com a sociedade. “Não somos capazes de nos controlarmos — precisamos de controlo central poderoso para que os indivíduos não se atrevam... E caso se atrevam, sejam castigados.”

Mesmo com governo, o crime continua a aumentar, as prisões continuam a abundar, os juízes continuam a ser necessários, cada vez há mais criminosos, cada vez há mais leis. Se retirarmos simplesmente o governo, será o caos, e tudo o que andou reprimido no homem, por medo... Porque tanto o governo como a religião, as duas instituições poderosas, recorrem ao medo e à ganância para reprimir o animal dentro de nós. Não mudam. Se formos apanhados, o governo manda-nos para a cadeia de castigo. Se não formos apanhados, as religiões mandam-nos para o inferno para sofrermos. O acordo básico é que, se o ato for descoberto, será crime; se não for descoberto, continuará a ser pecado. Em ambas as aceções, está lá o medo de vir a sofrer.

Por outro lado, se formos bonzinhos o governo tem recompensas. É galardoado com o Prémio Nobel, e com tantos outros prémios pelo mundo fora, quem provou ser bonzinho; quem reprimiu tudo a que se pode objetar é recompensado. Se não for recompensado cá, será recompensado no paraíso com todas as delícias do mundo. Ora, isto não passa de estratégia para manter reprimida a animalidade do homem, de algum modo. Não traz mudança alguma.

O Gnosticismo significa mudança no nosso próprio ser.

Assim não precisamos de medo, não precisamos de inferno, não precisamos de prémios. Não precisamos do céu porque transcender a animalidade é a maior recompensa possível. É uma beatitude tal, é um tal êxtase tornar-se realmente humano que não há necessidade de mais nada. O Gnosticismo não tem Deus, não tem céu, não tem inferno — estes são tipos de governo religiosos.

Por conseguinte, posso ver, sim, relação entre anarquia e Gnosticismo, mas o Gnosticismo é mais fundamental, tem de acontecer primeiro; só depois a anarquia pode ter hipótese. Até agora, continua a ser uma utopia.

CAPÍTULO 14

A Única Esperança Que Resta – A Nossa Vontade de Viver

Osho, por que será que tanta gente abandona a sua inteligência, a sua sensibilidade, a sua responsabilidade e a sua individualidade quando ingressa num grupo? Será que o espírito rebelde tem de estar sempre só?

O espírito rebelde é basicamente a experiência da individualidade de cada um, absolutamente livre de qualquer tipo de escravidão psicológica. É uma revolta contra sermos reduzidos a uma mera peça na engrenagem; vai contra a mentalidade da multidão. A mentalidade da multidão é a mente mais inferior que já existiu. É a sensibilidade mínima, a consciência mínima, o amor mínimo, a vida mínima. Sobrevive-se, simplesmente, não se vive, porque a vida não é uma dança.

A multidão nunca quer que alguém seja único — ofende a mentalidade da multidão. A pessoa única é uma humilhação porque lembra às pessoas o que são e o que poderiam ter sido. A presença da pessoa única mostra-lhes o que perderam — e perderam a vida toda. A multidão não consegue perdoar à pessoa única embora ela não tenha feito mal a ninguém. Pelo contrário, sempre ajudou bastante a humanidade: trouxe mais beleza à existência, mais poesia à vida, criou mais canções para a alma — é a personificação do sal da terra.

Tudo o que o homem é, tudo o que for grandioso no homem, decorre apenas do contributo de muito poucos indivíduos. Mas a multidão não consegue perdoar. Consegue perdoar a criminosos, consegue perdoar a assassinos, consegue perdoar a políticos, consegue perdoar a qualquer espécie de pessoa no mundo, mas não consegue perdoar a um homem que tem individualidade própria, que não faz parte da mentalidade coletiva. Faz-me lembrar a crucificação de Jesus. O homem não fazia mal a uma mosca. Não fizera mal nenhum a ninguém, não era criminoso. E o governador-geral da Judeia era romano, não era judeu. A Judeia estava sob o jugo do Império Romano e, todos os anos no festival anual dos judeus, estes podiam perdoar a uma pessoa de entre todas as que iam ser executadas nesse dia. Milhões de pessoas juntaram-se em Jerusalém e era um enorme divertimento ver gente a ser crucificada — tal é o instinto bárbaro da multidão.

O governador-geral Pôncio Pilatos sabia perfeitamente que aquele jovem, Jesus, não era criminoso. Mas a multidão inteira de judeus, padres e sumo-sacerdotes foi unânime em pedir que fosse crucificado. Pilatos tentou

dissuadir os padres, mas eles fizeram ouvidos de mercador. Finalmente, Pilatos falou com Jesus e sentiu uma pena imensa do jovem. Jesus tinha só trinta e três anos, não vira mais do que trinta e três primaveras na vida, era absolutamente injusto.

Todavia, Pôncio Pilatos era político — e um político não sabe nada de justiça ou injustiça, do que é certo ou errado; pensa sempre em termos de poder. Tudo se decide para o ajudar a estar no poder. Teve receio de que, caso se recusasse a mandar crucificar aquela pessoa jovem e inofensiva, a sua carreira política ficasse em risco. Todos os judeus apelariam para o Imperador romano, para que Pilatos fosse reconduzido da Judeia. Uma carreira inteira, respeito, poder, riqueza — na Judeia era quase como um rei — estavam em risco. Não obstante, fez o melhor que pôde; falou com Jesus e convenceu-se ainda mais da sua inocência.

Só havia uma esperança — porque havia mais dois criminosos a crucificar juntamente com Jesus Cristo: ele perguntaria à multidão, “Quem querem que seja perdoado?” e esperaria que, por um filho deles, completamente inocente, eles caíssem em si e pedissem que a vida dele fosse poupada. Comparados com Jesus, os outros dois eram do mais criminoso que podia haver. Um matara três pessoas, violara algumas; o outro matara sete pessoas, era um bêbedor, um estorvo. Passara a maior parte da vida na prisão. Soltavam-no e, passados dois ou três dias, estava destinado a fazer mais alguma malfeitoria e a voltar para a prisão — era como sua casa.

Chamava-se Barrabás e, quando Pôncio Pilatos perguntou à multidão, “Quem querem que seja libertado nesta festa religiosa, nesta vossa festa nacional?” — a uma só voz, a multidão bradou, “Barrabás, queremos Barrabás livre.” Até o próprio Barrabás ficou siderado. Olhava para aquele jovem a seu lado... Ouvira dizer que Jesus estava absolutamente inocente. Até Barrabás sentiu vergonha e culpa por o quererem salvar. Os idiotas que bradavam o nome dele — ele atormentara-os toda a vida! Mas foi poupado e Pôncio Pilatos, com a frustração, entrou em casa e lavou as mãos.

Esta libação passou em branco até chegar Sigmund Freud, quase dois mil anos mais tarde. Por que é que ele foi lavar as mãos? Sigmund Freud, sempre em busca de símbolos, disse que quando as pessoas sentem que fizeram tudo o que podiam fazer, lavam as mãos do assunto completamente; já não querem parte alguma nele. Ele não era responsável pela crucificação de uma pessoa inocente e inofensiva. Mas por que é que a multidão estava contra Jesus e não contra Barrabás? — porque assim que foi libertado, ao terceiro dia, Barrabás voltou a matar e a ser preso.

Tem de se compreender a psicologia da multidão. O senhor perguntou-me: “Por que será que tanta gente abandona a sua inteligência, a sua sensibilidade, a sua responsabilidade e a sua individualidade quando ingressam num grupo?”

Quando ingressamos num grupo, numa multidão, numa massa, numa coletividade, entregamo-nos; dizemos, “Agora que o grupo existe, eu deixo

de existir.” Enquanto indivíduo, suicidamo-nos. Passamos a pensar da maneira como o grupo pensa, passamos a viver da maneira como o grupo vive. Seremos obedientes, subservientes, escravos perfeitos, porque quanto mais perfeitos formos enquanto escravos, mais respeito granjeamos junto da multidão, do grupo, da coletividade em que ingressámos. A coletividade honra quem se sacrifica.

Sim, daremos satisfação ao ego. É para satisfazer o ego que sacrificamos tudo — inteligência, sensibilidade, responsabilidade, individualidade — e passamos a ser uma parte mecânica que não sabe dizer não a nada.

O rebelde tem de permanecer indivíduo. Não significa que não possa ser amigável com os outros, que não possa amar os outros, que não possa estar com os outros. Mas ele ama sem perder a individualidade, sem perder a liberdade. Pode fazer parte de um grupo, deixando bem claro ao grupo que “não estou a entregar-me a ninguém. Apenas me junto a vós com a minha individualidade intacta, a minha inteligência livre. Hei de respeitar todos e espero o mesmo de todos; não são meus escravos e eu também não sou escravo de ninguém — somos amigos”. Ora, ainda não existiram grupos assim, até à data.

É o meu sonho, a minha esperança, porque todos os grupos — religiosos, políticos, sociais — têm sido contra o indivíduo. Eu gostaria de comunas no mundo inteiro que não sejam contra o indivíduo, mas que sejam apoio e alimento para o indivíduo. O grupo em si não tem alma; a alma pertence ao indivíduo. O grupo existe para o indivíduo e não vice-versa. O indivíduo não existe para o grupo.

Contudo, até à data, tem sido esta a regra: se fores Cristão, existes para o Cristianismo — não é o Cristianismo que existe para ti. Se fores Hindu, existes para o Hinduísmo e, se houver necessidade de morrer, terás de morrer pelo Hinduísmo. Ora o Hinduísmo não vive por ti nem morre por ti. São apenas palavras, ideologias, ficções que destruíram a realidade. O indivíduo é a única realidade, a coroa da existência, o pico mais alto que a existência conseguiu atingir até à data.

Por conseguinte, eu ensino o rebelde. Não significa que os rebeldes não tenham amigos, que não vivam em comunas, que sejam solitários a viver em grutas nos Himalaias, absolutamente sozinhos — não é essa a minha intenção de todo. Eu quero mudar a estrutura. A sociedade deve ser para o indivíduo; assim não terá nada de prejudicial. Deve ser uma ajuda, um substrato nutritivo para o crescimento, para a inteligência, para a consciência, para a sensibilidade; e deixará espaço suficiente, território suficiente, para cada indivíduo.

O passado foi completamente horrível. Mesmo em relações de pequena escala, mesmo em famílias, o indivíduo tem sido esmagado. Mesmo com duas pessoas que se casam, as suas individualidades correm perigo. As suas inteligências correm perigo. Temo-nos acostumado tanto, ao longo de milhares de anos, a termos posse uns dos outros. A liberdade é apenas uma

palavra bonita. Os poetas cantam canções, os sonhadores sonham com ela, mas a realidade é simplesmente uma escravidão doentia.

O Tom estava a pensar em casar-se e escreveu ao pai a pedir conselho. O pai escreveu de volta:

“Nem sei dizer-te o quanto fico feliz ao saber que te vais casar em breve. Verás que o casamento é um estado maravilhoso de felicidade.

Olho para a tua querida mãe sentada à mesa comigo e vejo com grande orgulho como têm sido plenos e maravilhosos os anos passados juntos. Fazes muito bem em casar-te. Tens a nossa bênção. Será o dia mais feliz da tua vida... Um abraço do teu pai.

PS. A tua mãe acabou de sair da sala — continua solteiro, meu idiota.”

As coisas são mesmo assim. Toda a gente tenta escravizar toda a gente; na escravidão, naturalmente, as poucas coisas que são delicadas começam a morrer: inteligência, sensibilidade, responsabilidade, individualidade. E o casamento é o grupo mais pequeno, constituído apenas por duas pessoas. Depois os grupos vão ganhando volume; quanto maior o grupo, mais nos perdemos nele.

Depois temos as nações, as grandes religiões — há setecentos milhões de Católicos. Assim que nos convertemos ao Catolicismo — ou, infelizmente, já nascemos católicos — deixa-se de ter âmbito, espaço de expansão. Cortam-nos as asas de todos os lados, reduzem-nos de todas as maneiras possíveis. Isto porque, se nos deixassem a liberdade, haveria o perigo de não sermos católicos de todo. Até poderíamos ir contra o Catolicismo...

Um rapazinho na escola estava a chorar e o professor perguntou-lhe:

— O que se passa, Joãozinho? Nunca te vi chorar dessa maneira. Morreu alguém?

— Pior. A minha cadela teve sete cachorrinhos e, quando eu perguntei aos cachorrinhos, “Vocês são católicos?” Eles todos assentiram e eu fiquei todo contente.

E o professor perguntou:

— Então por que choras?

— Hoje eles abriram os olhos e, quando eu perguntei, “Vocês são católicos?”, começaram a olhar uns para os outros e não responderam nada.

É preciso ser cego para ser católico, para ser muçulmano, para ser hindu, para ser budista. Se abrirmos os olhos, será impossível continuarmos confinados a superstições, mentiras de toda a espécie, e continuar a acreditar em ficções quando a nossa inteligência levantar dúvidas. A igreja exige-nos que não duvidemos nunca — duvidar é o maior pecado.

Ora a inteligência nunca cresce sem duvidar, sem questionar. É o crescimento natural da inteligência questionar tudo. Basta acreditar para que a inteligência não cresça — para quê e porquê? Não há nada a procurar nem nada a indagar, temos simplesmente fé no padre e continuamos de olhos fechados.

Tem sido assim, mas não precisa de ser assim para sempre. Os que me compreendem veem claramente que já está a acontecer aqui. Não há ninguém a ditar normas, não há ninguém a disciplinar, não há ninguém a dizer o que está certo e errado. Por isto, sou condenado em todo o mundo. Talvez nunca tenha havido homem nenhum condenado com tanta agressividade, com tanta violência, e em tão larga escala. E qual é o meu crime? O meu crime é tentar criar grupos em que as pessoas são indivíduos, pensadores inteligentes, meditadores, amantes. Não são crentes, não são fiéis a escritos sagrados, não são fiéis a profetas mortos — só confiam na própria inteligência e na própria voz silenciosa, que se ouve nos silêncios do coração, em meditação profunda.

Quem sou eu para vos ditar um código moral? Têm de encontrar a vossa própria moral, e apenas a moral que encontrarem assim lhes dará dignidade. Não será servidão, não será fardo, escravidão, prisão. Antes pelo contrário, sentir-se-ão integrados, cristalizados, mais puros e mais límpidos. Estarão a viver segundo a vossa própria luz e, quanto mais usarem a luz, a inteligência, o silêncio, mais eles crescem. Nunca se esqueçam, se pararem de usar alguma coisa, essa coisa morre. Não usem os olhos durante uns anos e deixarão de ver.

Mesmo aqui em Pune, há uns anos, havia um homem muito bonito, Meher Baba. Estava em silêncio há mais de cinquenta anos. Fizera voto de silêncio só por três anos, ao princípio, mas depois gostara tanto do silêncio que continuara mais três anos. Passados três anos, se continuarmos em silêncio... Três anos é o limite. Ao fim de três anos, se continuarmos, as cordas vocais começam a morrer. Sem ser usada, qualquer máquina, qualquer mecanismo, passa à sucata.

Depois ganhou fama, e as pessoas começaram a pedir-lhe que falasse. Ele ia prometendo, “A partir do próximo aniversário, vou falar.” Declarou isto quase vinte vezes; a cada ano, quando chegava o dia de falar, ele não falava. As pessoas ficavam admiradas, a pensar na razão, por que é que ele não

cumpria o prometido? Era um homem de palavra. Mas ninguém pensou numa coisa tão simples...

Quando eu andava em viagem pelo país, o assistente pessoal dele, Adi Irani, ia ver-me quando eu estava de visita a Ahmed Nagar. Era onde Meher Baba morava a maior parte do tempo. Também tinha casa em Pune, mas passava a maior parte do tempo em Ahmed Nagar. Sempre que eu ia a Ahmed Nagar, Adi Irani contava-me muitas coisas sobre Meher Baba, e fazia muitas perguntas. Perguntava-me por que é que ele não falava — havia tanta contemplação sobre isso entre os discípulos. E eu dizia:

— Não, nada a contemplar, há demasiado tempo que ele está em silêncio. Ele tenta, ele faz um esforço, por isso é que vai sempre prometendo, mas o mecanismo falhou-lhe. E posso adiantar-lhe — dizia eu a Adi Irani —, ele nunca falará. Não é que esteja a mentir, está a esforçar-se muito; vai tentar até ao último suspiro falar. Mas como é que se pode falar se o aparelho fonador não funciona?

Adi Irani dizia:

— É estranho, nós nunca pensámos nisso. Mas talvez tenha razão no que diz.

E foi isso que aconteceu... Meher Baba nunca falou e, até à morte, foi prometendo que falaria, mas não podia fazer nada.

Se não usarmos a inteligência — e nenhuma religião quer que usemos a inteligência... A estratégia delas é que acreditemos, que tenhamos fé. Não dizem diretamente, "Não usem a inteligência", mas de modo indireto e astuto impedem-nos de usar a inteligência. Se tivermos fé não há necessidade de inteligência. Se tivermos crenças não há necessidade de inteligência; e um homem que ficou deficiente por causa de crenças e de fé não pode ter sensibilidade.

É preciso grande inteligência para ter sensibilidade. Quanto maior a nossa inteligência, maior a nossa sensibilidade. Os búfalos não são sensíveis, os burros também não; é preciso inteligência para ser sensível. Contudo, não há religião alguma que nos queira sensíveis, todas têm medo que nos transformemos numa potência. Uma pessoa sensível é uma potência, uma pujança tremenda. Tem a sua própria inteligência, tem o seu próprio amor, tem a sua própria perspicácia. Tem clareza de visão, tem um sentido estético da beleza — todas estas coisas são perigosas. A mulher não quer que o marido seja sensível à beleza, porque é um perigo. Há tantas mulheres bonitas; é melhor que seja esmagada toda a sensibilidade à beleza. Assim o marido fica debaixo da asa para sempre. Do mesmo modo, marido algum quer que a mulher seja sensível à beleza porque há tantos homens, e a mulher, se ainda tiver o coração vivo e a bater, se ainda sentir a sedução... É um perigo. Pode apaixonar-se por alguém e o marido não pode fazer nada. Quando nos apaixonamos, não podemos fazer nada, ficamos simplesmente à mercê dos sentimentos.

O grupo exige que matemos a individualidade e que nos limitemos a sobreviver — a não viver. Sobreviver o bastante para podermos ser operários, funcionários, polícias, presidentes, primeiros-ministros... Mas apenas sobrevivência, nada mais do que isso. Viver completamente, intensamente, queimar o fogo da vida dos dois lados, e somos um perigo tremendo para a multidão. Porque toda a gente começa a sentir que poderia ter vivido da maneira como nós estamos a viver — esta dança também poderia ter sido deles, esta canção também poderia ter sido deles.

E porque lhes fazemos lembrar das feridas que trazem e escondem dentro deles, porque os fazemos ficar nus e vulneráveis a si próprios, não nos conseguem perdoar.

Sócrates e Jesus e al-Hillaj Mansoor e Sarmad — esta gente bonita, estes indivíduos que não fizeram parte de grupo nenhum, clube nenhum, que permaneceram cedros-do-líbano solitários contra o céu, sozinhos, quase a tocar nas estrelas... Fomentaram a inveja no povo, o medo no povo e, mais importante, puseram o dedo na ferida. Dói, dói muito e é melhor remover essa gente para que os milhões que perderam a alma, que se venderam na praça, possam ficar descansados outra vez.

A razão para manietar o indivíduo no passado é bastante clara, mas o futuro não tem de repetir o passado. O futuro tem de trazer nova alvorada à consciência do homem. Os indivíduos podem viver juntos, partilhar o amor, partilhar a alegria, partilhar a sabedoria; mas não há necessidade de possuir ninguém, nem sequer os próprios filhos. Não temos o direito de os possuir. Eles surgem por via de nós mas não somos donos deles.

Não há necessidade nenhuma de casamento — estas são as instituições feias criadas pela mente coletiva. Não há necessidade de nações. Com o desaparecimento das nações, as guerras desaparecem automaticamente. Não há necessidade de religiões organizadas porque a religião é um fenómeno privado. A minha religião não diz respeito a ninguém.

E a minha religião não pertence a tradição nenhuma. Os que pertencem a uma tradição não têm religião, têm um sistema de crenças. Não encontraram a verdade, verdade alguma, pelo seu próprio esforço, não criaram nada a que possam chamar o seu contributo para a existência. Não têm direito algum de orar. A existência tem-nos dado a vida e tudo o que a vida implica — as suas dádivas são incomensuráveis. Se não pudermos contribuir com nada criativamente, todas as orações são enganos. Não há Deus algum a ouvi-las, estamos a falar sozinhos.

Se virmos pessoas a falarem sozinhas, chamamos-lhes loucas mas, se disserem que estão em oração, chamamos-lhes grandes beatas, gente religiosa. Também são loucas porque não há Deus, não há provas. Será melhor que comecem a falar com as árvores — pelo menos está lá qualquer coisa. Mas não, erguem os olhos para o céu na esperança de que, sentado num trono de ouro, Deus as ouça. Durante milhões e milhões de anos a ouvir orações... Ou enlouqueceu e saltou do trono de ouro e cometeu suicídio, ou

paralisou, fossilizou. Não há ninguém a ouvir orações, nunca, não há ninguém a atender orações, nunca — todas as orações são monólogos.

Mas a sociedade tem brincado com os indivíduos de maneiras tão desumanas que até a loucura é louvada se for útil para manter as pessoas bem dominadas. Toda a moral — a que também se chama “disciplina religiosa” — só serve para manter as pessoas bem dominadas. Eu quero que se dominem a si próprias, que assumam a responsabilidade por si próprias. Que estejam alerta e sensíveis, pois dessa sensibilização sairá a identificação com o outro, as amizades, o amor, os clubes, as comunas; não há necessidade do sacrifício de ninguém.

Hymie Goldberg, no escritório, telefonou à mulher:

— Gostaria de levar o Cohen a jantar conosco logo à noite — disse ele.

— Para jantar? — berrou ela. — Seu idiota, sabes bem que a cozinheira se foi embora, que eu estou constipada, que estão a romper os dentes ao bebé, que a caldeira está avariada e que o talhante não nos dá mais fiado enquanto não pagarmos.

— Eu sei, eu sei — interrompeu Goldberg calmamente.

— Por isso é que queria levá-lo, só para ver a cena. O coitado está a pensar casar-se.

Todas as nossas relações ficam venenosas, e é preciso uma grande revolução para mudar todo o lixo secular que está amontoado no nosso ser. Mas é possível — mais, tem de acontecer, porque há limites para tudo; esta insânia em que temos vivido, há milhares de anos, tem de chegar a um auge. Por causa desta loucura, criámos armas nucleares, sabendo muito bem que, se deflagrar a guerra, será a destruição de todos nós. Ninguém sairá derrotado, ninguém sairá vitorioso. Não obstante, as nações continuam a criar armas nucleares. Até as nações pobres, que nem são capazes de alimentar o próprio povo, querem entrar na corrida, querem dedicar biliões de dólares a material bélico destrutivo. Quase metade do povo da Índia passa fome; vão dormir de barriga vazia.

Se conseguirem uma refeição por dia já é uma sorte. Contudo, a Índia está pronta a vender trigo para comprar mais dos materiais necessários à criação de energia atómica, armas nucleares, e à preparação para uma terceira grande guerra. Não é questão de um indivíduo qualquer tresloucado, é a humanidade inteira que ficou louca. É este o limite, é insuportável. Ou nos suicidamos por causa de todos os idiotas que estão a criar esta situação de assassinio global, ou temos de mudar o passado todo: as instituições, a educação, os modos de vida, as maneiras de ser religioso. A menos que estejamos prontos para uma revolução total, o homem não se poderá salvar.

A minha esperança é que, por mais louco que o homem esteja, ainda assim queira viver. A vontade de viver é a única esperança que resta. Temos de deitar mais lenha para a fogueira da vontade de viver. Temos de atear fogos pelo mundo fora — para que haja mais vida, mais amor, mais canções, mais música — para que seja impossível à humanidade alinhar com estes loucos políticos, cientistas, e outros tipos, e cometer suicídio. Tudo depende da vasta humanidade no mundo. Se disserem simplesmente, “Decidimos viver e decidimos dar mais beleza a este mundo, e decidimos dissolver as nações para podermos dissolver as guerras, e decidimos dissolver as religiões porque também são causas de guerra e discriminação...” A menos que aconteça este milagre, a história do homem chegou ao último capítulo.

CAPÍTULO 15

Anarquia e Consciência

Osho, qual é a diferença entre a anarquia individual de Bakunine e o rebelde da sua visão?

Adoro Bakunine e a sua filosofia da anarquia, mas é um filósofo que não é prático nem pragmático. Simplesmente vai louvando as belezas da anarquia: não há governo, não há forças armadas, não há polícia, não há tribunais. E concordo com ele em absoluto. Mas ele não tinha ideia alguma nem plano algum para concretizar o sonho em realidade.

Olhando para o homem, vemos que precisamos de governo; olhando para o homem, vemos que precisamos de polícia. Caso contrário, haverá multiplicação de assassínios, violações, roubos... A vida será um caos. Não sobreviria a anarquia, apenas o caos. As pessoas começariam a constituir-se em gangues, os gangues começariam a explorar os mais fracos e a vida não ficaria melhor, ficaria muito pior.

A anarquia de Bakunine é uma utopia, um grande sonho. Eu não falo de anarquia. A meu ver, podemos transformar o homem se chamarmos cada vez mais gente à meditação, se conseguirmos libertar cada vez mais gente reprimida, chamar cada vez mais gente a viver uma vida autêntica, natural, a partilhar o amor, a ter grande compaixão por todos os seres vivos, reverência pela própria vida.

Estes indivíduos revolucionários individuais, estes indivíduos rebeldes não são apenas rebeldes políticos, também se rebelam contra o próprio centro do seu ser. Há cada vez mais gente a transformar-se em indivíduos que sabem rejubilar, que não vão atraiçoar a terra; que não estão a favor de um modo de vida artificial conforme pregado por todas as religiões. Se estes indivíduos se espalharem pelo mundo como fogo vivo, a anarquia será um subproduto e não o objetivo.

Para Bakunine, é o objetivo. Ele detesta quaisquer formas de governo a tal ponto — e tem todo o direito de detestar, pois os governos têm feito muito mal à individualidade das pessoas. Bakunine é contra as leis, os tribunais e os juízes, porque estes não existem para proteger a justiça, não existem para proteger os fracos, não existem para proteger as vítimas — existem para proteger o poder, o aparelho, os ricos. A coberto do nome da justiça, estão a encenar uma tremenda conspiração contra o homem.

E Bakunine não faz ideia por que é que os homens se transformam em violadores, ele não é psicólogo. É um grande filósofo da anarquia. O futuro deve enorme respeito a gente como Bakunine, Bukarine, Tolstoi, Camus porque, embora não fossem pensadores científicos, pelo menos lançaram a ideia. Sem lançarem os alicerces, começaram a falar do templo. Todo o meu esforço é no sentido de não ligar ao templo mas de lançar uns belíssimos alicerces; em seguida, não será difícil erguer o templo. A anarquia será subproduto de uma sociedade que estará livre de religiões e superstições religiosas; que será psicologicamente saudável, não repressora, que será espiritualmente saudável e não esquizofrênica, que conhecerá as belezas do mundo exterior e também os tesouros íntimos da consciência, da sensibilização. Sem que estas pessoas existam primeiro, a anarquia não é possível; só poderá surgir como subproduto.

Na América, têm tanto medo da anarquia que, quando me entrevistaram para fins de imigração, estava lá uma cláusula em como eu tinha de declarar, por escrito, que não era anarquista. Respondi ao homem que conduzia a entrevista:

— Não sou um anarquista da categoria de Bakunine, Bukarine e Tolstoi, mas tenho a minha própria anarquia. Não é preciso terem medo, porque o meu objetivo não é a anarquia; o meu objetivo é criar indivíduos rebeldes.

A ideia de rebelião não é nova, mas a ideia de rebelião aliada ao iluminismo é absolutamente nova — é o meu contributo. Se fizermos a maioria da humanidade ganhar mais consciência, mais sensibilidade, com alguns indivíduos a atingirem o pico mais alto da luz, a rebelião deles trará a anarquia como uma sombra que segue de moto próprio.

CAPÍTULO 16

Transigir É Entregar a Dignidade à Força

Osho, como é que se pode continuar em sociedade e levar uma vida autêntica?

É possível sermos rebeldes mesmo numa sociedade desejosa que façamos parte do aparelho. Não transijam. Até a própria vida é um valor inferior à vossa individualidade e à vossa rebeldia.

A vossa rebeldia é o vosso próprio espírito.

Só podem ser verdadeiros seres humanos quando forem rebeldes, quando disserem que não a tudo o que vá contra a liberdade, que vá contra a dignidade do homem. Quando estiverem prontos a ir para a força sem ressentimento nenhum, porque se vão sacrificar por algo muito maior e muito mais bonito — pela liberdade, pela individualidade, pela expressão, pela criatividade; estarão a lançar as sementes para futuras gerações. Não estarão tristes, estarão imensamente felizes por não terem sido obrigados a ser escravos, por terem preferido a força à escravidão.

A menos que nesta sociedade uma pessoa esteja pronta a escolher a crucificação em vez de prémios de consolação, medalhas e o Nobel... Apenas uma pessoa assim poderá ser rebelde e verdadeiramente espiritual. Temos esperança de que um dia haja uma sociedade em que toda a gente é rebelde a esse ponto. Ora a rebelião não significa reação nem destruição; rebelião significa o mais belo florescer da consciência. Se a rebelião não trazer com ela a luz, não a poderemos salvar; teremos de transigir. Transigir é perder respeito por si próprio, é perder dignidade enquanto ser humano. Até à data, a sociedade viveu sob o falso pretexto de que as pessoas são livres. Ninguém é livre; há mil e uma maneiras de nos escravizar. Só muito raramente algumas pessoas, poucas, arriscaram tudo e permaneceram indivíduos mesmo sob pena de morte — mas estas são o verdadeiro sal da terra. Foram estas pessoas que mantiveram a evolução da humanidade. A evolução depende apenas de algumas pessoas; podem contar-se pelos dedos das mãos. As outras têm uma vida de conforto de classe média, e por esse conforto vendem as almas na praça pública.

Se as pessoas forem mesmo rebeldes, não só nas suas mentes mas também na meditação, não haverá problema. Com Gautama Buda havia dez mil pessoas a meditar e não havia aparelho. Ninguém era superior, ninguém era inferior; não era preciso mandar em ninguém. Nem Gautama Buda alguma vez deu ordens a alguém; simplesmente partilhou a sua visão.

É convosco participarem nessa visão ou não. Vai ser essa a vossa decisão, e vai ser essa a vossa responsabilidade.

A liberdade acarreta responsabilidade.

As dez mil pessoas em redor de Gautama Buda tiveram uma vida rebelde; renunciaram à sociedade. As pessoas pensam que todas as religiões do mundo renunciaram à sociedade pelas mesmas razões; estão enganadas. Tirando Gautama Buda, todas as outras religiões renunciaram ao mundo para ganharem algo no outro mundo. Não é renúncia, é puro negócio, quase uma lotaria, porque aqui perde-se as pequenas coisas, e lá ganha-se um milhão de vezes mais, no paraíso. Aqui perdemos uma mulher que é uma maçadora; lá ganhamos centenas de mulheres bonitas que são sempre jovens, que não transpiram, que não precisam de usar desodorizantes, que têm um perfume natural a emanar-lhes do corpo; idade cristalizada, não passaram dos dezasseis anos. Durante milhões de anos, permanecem com dezasseis. É perfeitamente bom renunciar a uma mulher aqui, a qual só dá sarilho, na esperança de ter mulheres bonitas além.

Constou-me que, quando Muktananda faleceu, um dos discípulos era-lhe tão dedicado que não conseguiu viver nem mais um dia — no dia seguinte morreu também. Naturalmente, a primeira coisa que fez foi procurar o seu grande mestre Muktananda.

Ficou muito envergonhado ao ver que estava deitado à sombra de uma bonita árvore — as flores caíam para o chão e Muktananda estava deitado todo nu com uma bela mulher. Quando se aproximou, disse:

— Meu Deus. Ele foi sempre contra os prazeres, mas talvez isto seja uma recompensa pelo voto de celibato.

Aproximou-se e viu que a mulher era, nada mais, nada menos, do que a grande atriz de cinema Marilyn Monroe. Caiu aos pés do mestre e disse:

— Mestre, eu sempre soube que serias amplamente recompensado.

Marilyn disse:

— Seu idiota! Não compreendes nada. Eu não sou a recompensa dele, ele é que é o meu castigo.

As pessoas vivem na esperança... Somente Gautama Buda não deu esperança de vida futura aos seus discípulos. Deu-lhes o reino inteiro do

presente, e não do futuro. A renúncia que eles fazem do mundo não é contra o mundo. Ele foi o único a renunciar ao mundo, e os seguidores renunciaram ao mundo, não contra o mundo mas sim contra o aparelho da sociedade. Criaram um grupo de rebeldes sem ordem, sem sistema algum além da sua consciência, da sua própria consciência.

Ele trabalhava com essas pessoas para serem profundamente meditativas. Assim não há necessidade de aparelho. Faz-se sempre a coisa acertada; não se pode, mesmo que se queira, fazer a coisa errada. Não é preciso supervisão, não é preciso ninguém a manter-nos nos limites da lei. Assim que aprendemos a lei do amor, as outras leis deixam de ter utilidade.

Gautama Buda tirou-os da sociedade pela simples razão de que, na sociedade, eles teriam de transigir; a sua consciência não é forte o bastante para que continuassem sem transigir.

Eu não quero que a minha gente saia do mundo, porque passaram vinte e cinco séculos desde Buda, e já é tempo de as pessoas terem força bastante na sua consciência para poderem continuar em sociedade sem transigirem. Embora seja muito mais difícil, é um grande desafio viver em sociedade e não fazer parte dela, viver em sociedade mas não deixar que a sociedade viva dentro de nós.

Este é o meu contributo especial para a experiência religiosa e para os seres humanos rebeldes. No passado, eles fugiam ao aparelho, mas isso mostra cobardia e medo. Estejam em sociedade e vivam segundo a vossa consciência, sejam quais forem as consequências. É melhor sofrer as consequências do que fugir e mostrar medo, porque o medo não deixa ninguém subir à sua altura. A sociedade pode ser usada como prova de fogo para ver se a rebelião é apenas uma brincadeira mental ou crescimento espiritual. Os que forem rebeldes por causa do seu crescimento espiritual não precisam de ter medo de virem a fazer parte do aparelho da sociedade.

Moisés Finkelstein, alfaiate oriundo de uma aldeiazinha na Ucrânia, candidata-se a membro do Partido Comunista Russo em Kiev.

— Quem foi Karl Marx? — pergunta o Comissário.

— Nunca ouvi falar — respondeu Moisés.

— Quem foi José Vissarionovich Estaline?

— Nunca o vi — responde Moisés.

— Quem foi Vladimir Ilyich Lenine?

— O nome não me diz nada — responde Moisés.

— Sr. Finkelstein, está a tomar-nos por idiotas? — perguntou o Comissário, irritado.

— Não — responde Moisés. — Conhecem Irving Levensky?

— Nunca ouvi falar — responde o Comissário.

— Conhecem Bernie Heikleman? — perguntou Moisés outra vez.

— Não — foi a resposta.

— Conhecem Hymie Goldberg? — perguntou Moisés outra vez.

— Não sabemos de quem é que está a falar — respondeu o Comissário, irritado.

— Bem — diz Finkelstein —, as coisas são mesmo assim: os senhores têm os vossos amigos, eu tenho os meus!

E é assim que a transigência vai acontecendo no quotidiano de cada um...

Um ator desempregado chega a casa e encontra tudo de pantanas. Candeeiros tombados na sala de estar, cortinados rasgados, no quarto o edredão esburacado e os lençóis em fanicos. Na cama estava a mulher, cheia de equimoses, a chorar baba e ranho.

— O que aconteceu? Quem é que fez uma coisa destas? — vociferou o ator.

— Eu... Eu debati-me o mais que pude, mas ele era muito forte — gemeu a mulher. — Ele... ele...

— Quem? — bradou o ator. — Diz-me que hei de apanhá-lo e arrancar-lhe pernas e braços.

— Foi o teu agente — disse a mulher. — Apareceu enquanto estiveste fora.

— O meu agente? — o ator animou-se. — Diz lá, ele tem algum papel para mim?

Já se esqueceu de tudo. Sem emprego, não pode brigar com o agente. Na vida, vamos transigindo sem saber, não só com a sociedade mas também com a própria família. Até as pessoas a quem amamos querem transigência. Ninguém gosta do indivíduo; toda a gente quer dominá-lo, manietá-lo. O

marido quer dominar a mulher; a mulher quer, a seu modo, tentar dominar o marido. Os pais dominam os filhos; os filhos, também a seu modo, tentam dominar os pais. É uma luta constante que continua de várias maneiras, em que ninguém pode ser apenas como é, em que sermos nós próprios é crime.

Ora, aceitarmos o desafio e continuarmos a ser nós próprios, contra ventos e marés, é uma grande alegria. Manter a individualidade intacta, incólume, numa sociedade em que toda a gente tenta dominar-nos... Não me parece boa ideia fugir a tal sociedade. Nos Himalaias, em florestas profundas, podemos pensar que somos nós próprios — mas é uma noção errónea, porque não há contexto em que nos possamos pôr à prova.

A sociedade é uma prova a cada momento. E é difícil sermos apenas nós próprios, sem arrogância, sem sentimentos egoístas... Quem for arrogante terá de transigir, porque há mais quem seja arrogante. Os que são egoístas descobrirão, mais cedo ou mais tarde, que há mais alguém que os pode esmagar.

Há diferentes tipos de poderes. As pessoas aprendem lenta, lentamente, a não ficarem direitas, mas começam a gatinhar no chão. Nesta sociedade, ficar direito e ser inteiro — sem arrogância, sem ego, mas apenas imbuído do nosso silêncio, da nossa consciência — é uma experiência tremenda.

Eu tenho vivido a vida como me apetece; foi difícil mas muito gratificante. Deu-me a sensação de que, embora a sociedade possa ter poder, se tivermos coragem não há poder que nos possa escravizar. Podem matar-nos, podem destruir-nos, mas nunca podem escravizar-nos. Não é indigno ser destruído; ser morto não vai contra a nossa individualidade, contra a nossa dignidade, contra o nosso orgulho. Aliás, estes sacrifícios farão de nós seres muito mais autênticos.

No fundo, se tivermos o hábito da meditação, sabemos que nos podem tirar o corpo mas que nem sequer conseguem tocar no nosso ser — a nossa imortalidade está a salvo. Onde, estou a acrescentar a rebeldia a um fenómeno novo. Tem havido meditadores, mas fugiram à sociedade; e tem havido gente rebelde destruída pela sociedade. Estou a juntar duas grandes qualidades que o mundo nunca antes conheceu: a junção da rebeldia e da meditação, a junção da rebeldia e da religiosidade. Para mim, a rebeldia e a religiosidade são duas faces da mesma moeda. Não há necessidade de ter medo porque não há nada que possa ser destruído em nós. O que puder ser destruído será destruído quer estejamos nos Himalaias, quer escondidos nos mosteiros. O corpo vai ser destruído, não há necessidade na parte do corpo, na parte da mente, de estar pronto a ser escravizado. Isto acontece porque não temos consciência de mais nada além da estrutura corpo e mente. O meu esforço é fazê-los ganhar consciência da vossa imortalidade.

Assim que provarem da fonte da vida, a qual é eterna, nada vos poderá obrigar a fazer coisas que não estejam em sintonia com o vosso próprio ser. Só dirão que sim quando sentirem que o sim não é o de um escravo mas o de

uma pessoa livre. Dirão que não se virem que dizer que sim será apenas cair na escravidão. Mas isto só será possível se tiverem consciência do vosso ser.

Os antigos rebeldes eram apenas intelectualmente rebeldes. O meu rebelde tem de ser espiritualmente rebelde, e isso faz uma diferença tremenda. A rebelião intelectual é superficial e pode ser comprada, mas a rebelião espiritual não é mercadoria de troca; transcendemos o mundo.

Eu não quero que fujam do mundo, quero que transcendam o mundo — vivendo nele, passando por todo o fogo porque sabem que nada os poderá destruir. Esta certeza pode criar um grupo de rebeldes sem aparelho algum. Se for necessário algum tipo de mecanismo funcional, não há problema. Onde houver tanta gente, será necessário algo funcional. Mas lembrem-se, é funcional — não nos dá posição alguma; um primeiro-ministro ou um presidente de um país não são mais do que entidades funcionais; têm utilidade, mas não têm posição.

A verdadeira posição vem da percepção de nós próprios, e não se estamos sentados num trono de ouro. Se nos fizerem vénias, lembrem-se de que as fazem ao trono, e não a nós. Amanhã serão outros a lá estar. Ontem havia outro qualquer e já lhe faziam vénias.

Constou-me que aconteceu em Jagannathpuri...

É uma das cidades religiosas hindus, e tem uma grande quadriga, muito antiga, dedicada a Deus. Jagannath significa Deus, senhor do mundo. Uma vez por ano, a quadriga desfila pelas ruas e a ela juntam-se milhões de pessoas. Aconteceu uma vez que um cão ia à frente da quadriga e milhares de pessoas caíam no chão e tocavam na terra. E o cão disse: "Lindo, devo ser alguém muito especial!"

Milhões de pessoas, mas todos os presidentes e todos os primeiros-ministros estão na mesma posição do cão. As pessoas mostram respeito, mas não é por eles — assim que saírem do poder, nunca mais ninguém se lembra deles.

Estas ditas pessoas poderosas não têm poder algum. Só há um poder, aquele que vem de dentro. O poder que vier de fora não é nosso. Assim como chegou, também o podem levar. Por conseguinte, se formos inteligentes, não nos consideramos especiais, seremos apenas funcionais.

Numa sociedade de grande consciência, mais inteligência, o governo será apenas uma pequena ordem funcional, não será um mecanismo de escravização. Antes pelo contrário, ajudará os indivíduos a agudizarem a inteligência, a aprofundarem a meditação, a desabrocharem no seu iluminismo com a maior graciosidade.

Só este tipo de evolução na consciência, e que vai acontecer... Talvez tenhamos nascido na Era certa em que a transformação vai acontecer, porque

a situação é tal que ou a humanidade morre por inteiro, ou tem de mudar. Não me parece que alguém queira morrer.

A única alternativa é ser mais consciente, estar mais alerta, mais vivo, mais afetuoso — e criar um mundo novo com um novo homem, trazer uma nova alvorada à humanidade.

CAPÍTULO 17

Religião e Rebelião: Dois Nomes para o Mesmo Fenômeno

Osho, qual é a religião de um espírito rebelde?

O espírito rebelde pode ser religioso, mas não pode ter uma religião. A diferença entre as duas é imensa, intransponível. Ser religioso é uma experiência, tal como o amor. É um encontro com a totalidade da existência. É vermo-nos ao espelho da vida. É orgástica no sentido em que nos derretemos e fundimos no todo – na terra, nas árvores, nas flores, no céu, nas estrelas. É uma experiência oceânica, a gota de orvalho a cair da folha de Lotus para o oceano. Podemos dizer que a gota de orvalho se tornou no oceano, ou podemos dizer que o oceano se tornou na gota de orvalho. É a maior experiência que existe.

Ora, pertencer a uma religião não é uma experiência, é apenas um sistema de crenças em que fomos criados. É tudo emprestado. Lembrem-se de que a verdade não pode ser emprestada. Ou é nossa, ou não está lá.

Gautama Buda poderá ter conhecido a verdade, mas não há maneira de o seguir, porque seguir significa imitar, seguir significa tornar-se uma sombra, seguir significa trairmo-nos. Seguir não passa do esforço de tentar ser alguém que não somos; e também não é esse o nosso destino.

Jesus não é cristão, é um espírito rebelde; ele não pertence a religião alguma, e foi esse o seu crime. Os Judeus não o podiam tolerar porque ele se tornara um estranho para a sua própria gente; começara a falar de ter contato direto com o espírito universal.

Uma religião é uma coisa de mercado. É uma espécie de burocracia — tem de se passar pelos processos certos. Nem sequer podemos confessar-nos a Deus diretamente; temos de nos confessar ao padre e o padre é que rezará por nós. O padre tem de estar lá sempre a servir de mediador. A religião é o negócio do padre; não tem nada a ver com religiosidade. É uma profissão, pura e simples, de exploração de ignorantes e incautos. Exploração do medo da morte, do medo do desconhecido, do medo das responsabilidades da vida. O padre toma conta — nós só temos de acreditar na igreja dele, na religião dele, no Deus dele, nas sagradas escrituras dele. Pertencer a uma religião é pertencer a toda a espécie de mentiras e superstições. Pertencer a uma religião é pertencer ao passado — e o passado está morto.

Um espírito rebelde não tem passado. Um espírito rebelde só tem presente e uma vasta abertura rumo ao futuro. A religião, para o espírito religioso, não está nas sagradas escrituras mas sim na santidade da existência. Não está na oração ensinada pelos padres de toda a espécie de religiões, está na gratidão que se sente antes do pôr-do-sol, antes do nascer do Sol. Está na gratidão que se sente por fazer parte desta belíssima e tremendamente milagrosa existência.

É uma prece sem palavras, é uma canção sem som. É puro silêncio. Neste silêncio, a existência fala conosco. Neste silêncio nós falamos com a existência, há um diálogo.

Ninguém fala, ninguém ouve, mas há uma transferência de energia. Algo emana de dentro de nós — talvez uma chama que nos pega fogo.

Religiosidade e rebeldia são nomes para essa experiência única. Ora, ser parte de uma religião organizada não é estar realmente vivo, não é estar realmente em busca da verdade, não é estar enamorado da existência. É uma espécie de morte — embora se continue a respirar, se continue a comer. Mas a respiração e a comida só nos levam ao cemitério. Não se cresce, só se envelhece.

Só o espírito rebelde pode crescer; o anseio é tocar nas estrelas. Não se contenta com a banalidade da vida. O contentamento está longe; o descontentamento é uma realidade presente. O homem rebelde tem um descontentamento divino no coração e um anseio de encontrar contentamento e paz. Está numa peregrinação rumo a esse contentamento. A vida inteira é uma peregrinação, sempre cada vez mais perto da derradeira realidade — a percepção que nos liberta de toda a servidão, toda a frustração, toda a infelicidade, toda a angústia, e nos permite saborear a liberdade, a verdade, a beleza, o amor e uma explosão de criatividade nas multidimensões da vida.

A pessoa rebelde tem o toque de ouro — tudo em que toca se transforma em ouro, seja lá o que for. Pode tocar numa flauta de bambu e esta transforma-se em ouro puro de vinte e quatro quilates. Pode dançar sozinho sob um céu estrelado, e a sua dança tem mais sentido, mais significado do que todas as pinturas do mundo, todas as estátuas e todas as sagradas escrituras. A criatividade pode exprimir-se simplesmente em silêncio. Mas o silêncio não será vulgar, apenas ausência de ruído — o silêncio serão rosas a florir no seu ser. Pode-se cheirar a fragrância do silêncio, é quase tangível.

As religiões organizadas estão todas mortas; as igrejas, os templos, as mesquitas, as sinagogas... São todas cemitérios do passado. Quanto mais cedo as convertermos em museus, melhor, caso contrário vão continuar a matar a humanidade inteira. Já mataram demasiado em cada pessoa; estropiaram toda a gente, envenenaram toda a gente; a destruição que fizeram é incomensurável.

Está a perguntar-me, “Qual é a religião de um espírito rebelde?”

Rebelião! A rebelião é a religião de um espírito rebelde — rebelar-se contra toda a exploração, rebelar-se contra toda a discriminação, rebelar-se contra toda a opressão, rebelar-se contra todos os tipos de escravidão espiritual, rebelar-se contra todos os tipos de superstições. Há tanta coisa contra a qual nos podemos rebelar.

E isso é apenas metade da rebelião, pois a outra metade é rebelar-se a favor de. Rebelar-se contra a superstição é apenas metade — rebelar-se a favor da verdade, rebelar-se a favor da liberdade, rebelar-se a favor do amor, rebelar-se a favor de uma nova humanidade, rebelar-se a favor de um novo homem, uma nova sociedade, uma nova espécie de consciência.

A rebelião tem duas partes. A parte negativa vai contra tudo o que é mau mas que tem sido venerado há séculos, e a parte positiva é a favor de tudo o que é bom mas tem sido ignorado há séculos — mais do que ignorado, crucificado, envenenado, assassinado. Sempre que um indivíduo experimenta a religião autêntica da rebeldia, a recompensa é a crucificação. Daí eu querer tanta gente rebelde no mundo a ponto de ser difícil encontrar gente para os crucificar.

O Mick regressara à sua terra passados muitos anos no estrangeiro. Disse-lhe o padre da paróquia:

— Espero que tenha sido leal à sua fé enquanto esteve fora.

— Deveras, senhor padre — respondeu Mick —, menti, briguei, praguejei, roubei e deitei-me com mulheres; mas nem por um momento me esqueci da religião com que fui criado.

De que servem estas religiões todas? Há trezentas religiões no mundo atualmente. Também há milhões de assassínios, violações, assaltos e guerras contínuas, numa ou noutra parte do mundo. O que é que estas religiões andam a fazer? E toda a gente é religiosa! Ninguém é desleal à sua religião; roubam, matam, violam, mas lembram-se de que são cristãos, de que são hindus, de que são muçulmanos, de que são crentes em Deus, de que são seguidores de Gautama Buda. O que significa todo este culto? Logro puro, não só para outrem, mas também para eles próprios. É estranho — tão estranho que é quase inconcebível — que haja trezentas religiões no mundo e não haja paz, não haja alegria, não haja festa, não haja santidade, não haja divino em parte alguma. Todas estas religiões são falsas. O espírito rebelde tem de se livrar de todas estas religiões e criar apenas um carácter religioso sem qualquer adjetivo — simplesmente religiosidade.

Tem sido sempre um problema... Em toda a minha vida nunca consegui votar, pela simples razão de que, sempre que os funcionários me contatavam para preencher o impresso e ter cartão de eleitor, havia uma pergunta, "Qual é a sua religião?" E eu respondia:

— Não tenho religião, sou uma pessoa religiosa. — E eles contrapunham:

— Mas eu tenho de preencher as perguntas. — E eu dizia:

— Então fique com o impresso. Não estou assim tão interessado em votar, seja como for, porque é uma ansiedade desnecessária quando se tem de escolher entre dois idiotas. Em quem votar? Seja quem for, estamos a votar num idiota. É melhor não votar, pelo menos ficamos com as mãos limpas. Está bom de ver: eu tenho as mãos absolutamente impecáveis!

Os problemas do homem aumentam com o passar do tempo. Deveria ser ao contrário — os problemas cada vez menos, com o homem a ganhar em cultura, educação, civilização. Porém, quanto mais culto fica, quanto mais civilizado fica, quanto mais educado fica, mais aumentam os problemas sem proporção alguma. E as religiões continuam a proclamar que têm a cura para todos os males, para todas as doenças espirituais. Ora, o homem padece de doenças espirituais pelo mundo fora — toda a gente se sente vazia.

Estas religiões não têm servido para nada; antes pelo contrário, aumentaram os problemas com ensinamentos estúpidos, errados, contranatura.

Era a terceira consulta que a Sr.^a Levy tinha para curar uma constipação.

— Senhor doutor — queixou-se ela —, ainda não me receitou nada que desse resultado. O meu marido queixa-se que não o deixo dormir a noite inteira por estar sempre a tossir. O senhor doutor pode fazer alguma coisa para me pôr boa?

— Está bem — disse o médico —, vá para casa, tome um banho quente e, sem se secar, deixe-se estar toda nua onde houver uma forte corrente de ar.

— Está a falar a sério? — fungou a Sr.^a Levy. — Isso vai mesmo curar-me a constipação?

— Não — respondeu o médico —, mas vai causar-lhe uma pneumonia, e a pneumonia eu já sei curar.

Estas religiões têm-nos dado doenças maiores. Talvez, de certo modo, quando temos uma doença maior, a tendência seja esquecermo-nos da mais pequena.

Ouvi dizer que o Mulá Nasrudine estava a comprar sapatos numa sapataria. O vendedor disse-lhe:

— Mas o Mulá está louco ou coisa assim, está a experimentar sapatos que não lhe vão servir. Precisa de um número acima.

— O Mulá retrucou:

— Não me incomode. Sempre calcei este tamanho e vou continuar a calçar este tamanho. Sou um homem de princípios.

— O vendedor disse:

— É consigo, mas vai sofrer o dia inteiro. Os sapatos vão-lhe apertar os pés. — E o Mulá contrapôs:

— É isso mesmo que eu pretendo. — E o vendedor perguntou:

— Mas por que é que haveria de querer uma coisa dessas?

Resposta do Mulá:

— O senhor não compreende a psicologia subjacente. Sofro o dia todo, quando chegar a casa e me descalçar, vai ser um alívio tal que até digo, “Oh, meu Deus!” Vai ser muito agradável. Sem estes sapatos, a vida não passa de infelicidade. O dia inteiro, os sapatos afastam-me de todas as desventuras porque não tenho energia suficiente para me ralar com outras maleitas. O que é que a minha mulher está a dizer, quem é que lhe pode dar ouvidos? Os sapatos apertam-me tanto os pés que só consigo ouvir os sapatos. E ela continua a falar sozinha, está habituada a monólogos.

— Os negócios vão mal, as coisas vão de mal a pior, mas não há nada que me rale. A minha única ralação são os sapatos. Os sapatos afastam-me das desgraças do mundo e no fim, antes de me ir deitar, descalçá-los dá-me um alívio tal que durmo muito descontraído e profundamente... E você sugere que eu calce sapatos um número acima? Vai-me dar cabo da vida!

Estas religiões deram-nos a todos sapatos que não nos servem — sapatos que até podem ter servido a alguém há cinco mil anos. Deram-nos calças que não nos servem. Estão a zombar de nós, porque os sapatos não servem as nossas necessidades, as calças não foram feitas à nossa medida, as camisas igualmente. Tudo o que estas religiões nos dão tem sido feito por outrem e para outrem, há muito tempo — há séculos. Não há nada que sirva; tudo causa desconforto e dor.

Ω

Contudo, estas religiões têm andado a ensinar: “Bem-aventurados são os que sofrem, bem-aventurados são os que vivem na miséria, bem-aventurados os que têm vidas hostis, ascéticas, que os torturam, porque

esses herdarão o reino de Deus.” Por conseguinte, para herdar o reino de Deus, continuamos a calçar sapatos que não nos servem, a usar chapéus tão largos que não vemos nada pois tapam-nos os olhos. Roupa tão justa que só nos apetece arrancá-la, ou tão larga que lá poderia viver dentro uma multidão — a família inteira poderia lá caber.

A pessoa rebelde não pode aceitar nada desta idiotice. A religião dela é a inteligência. A religião dela é a sua consciência. A religião dela é a sua sensibilidade. É com esta sensibilidade que a pessoa é livre como um pássaro, bela como uma flor-de-lótus no lago, alegre como um cuco a cantar no mangal. Começa a viver pela primeira vez, e sabe que a vida é o único Deus que existe — não há outro Deus. O homem rebelde é pagão.

Adora as árvores, adora as estrelas, os rios, as montanhas. Adora os seres humanos, adora tudo o que está vivo — porque onde quer que haja vida, está o divino.

CAPÍTULO 18

A Meditação É o Único Ato Altruístico

Osho, quando percebem que eu pratico meditação, alguns amigos e familiares perguntam-me, “Por que é que perdes tempo sentado sem fazer nada? Não seria melhor passar o tempo a fazer boas ações que ajudem os outros? Aquilo a que chamas meditação não passa de egoísmo.” Que resposta tem para este tipo de observação?

Há muitas implicações a abarcar.

Primeiro, na inconsciência de cada um não se podem praticar boas ações, atos virtuosos. A virtude decorre da meditação. A virtude é uma flor que brota quando nos apercebemos de que somos eternos, imortais, de que somos divinos. Partilhar essa divindade é virtude. Não há outra virtude possível. Ora, todas as religiões, em particular o Cristianismo, continuam a salientar, “Pratiquem boas ações, sejam virtuosos. Não fiquem em silêncio, é egoísmo.”

Eu tenho de indagar, primeiro: quando triunfamos na riqueza, ninguém nos diz que isso é egoísmo. Toda a gente nos elogia: é ótimo. Quando triunfamos na política e somos nomeados presidentes ou primeiros-ministros, ninguém diz que é egoísmo, toda a gente nos elogia. O sucesso não é egoísta — está a ver aonde quero chegar? — ser muito rico não é egoísta, criar materiais para destruição do mundo não é egoísta, acumular armas nucleares não é egoísta...

E qual é a sua virtude? Precisa de motivação? Não estará a ser virtuoso — a fazer boas ações para os pobres, os doentes, os órfãos — no intuito de ir para o paraíso e todas as suas delícias? É simplesmente um negócio. Quem é que diz que é virtude?

Faz-me lembrar uma antiga parábola chinesa...

Todos os anos havia um festival na capital da China. Acorriam milhões de pessoas — a festa durava um mês — e até o imperador ia inaugurá-la. Ora, naquele tempo, na China os poços de água não tinham muros a cercá-los. Às escuras era muito fácil cair num poço porque não havia muro a servir de barreira.

Um homem caiu num poço. Estava a anoitecer e ele já não via muito bem, estava quase cego. Gritou por socorro, mas com milhões de pessoas, o barulho era tanto... Quem é que o ia ouvir?

la a passar um monge confuciano e ouviu o homem a gritar por socorro, a pedir que o tirassem de dentro do poço. Diz-lhe o monge confuciano:

— Não se aflija, o nosso mestre Confúcio deixou escrito que todos os poços deveriam ser murados e eu vou fazer grande alarido pelo país fora!

O desgraçado do homem diz:

— Quando tiver feito grande alarido pelo país fora e todos os poços começarem a ser murados, já eu estarei morto. Pense em mim primeiro!

Diz o monge:

— Os indivíduos não importam, o que importa é a sociedade. É esta a ideia do Confucianismo. É esta a ideia de todos os socialistas — o indivíduo não importa.

A China aderiu ao comunismo por causa de Confúcio. Durante vinte e cinco séculos, Confúcio tem gozado de enorme respeito pelo que, quando Karl Marx foi disponibilizado aos Chineses, encaixou belissimamente no ideal confuciano: o indivíduo não importa, o que importa é a sociedade.

O monge confuciano disse ao homem:

— Seja como for, você qualquer dia tinha de morrer, por que não hoje? Eu não posso perder tempo! Vou criar a revolução que há de erigir muros em todos os poços em todo o país. Pense nos seus filhos! — E foi-se embora.

O homem dentro do poço pensou, “Mas que estranho... Eu aqui a morrer e aquele idiota vai criar a revolução!”

la a passar um monge budista. Olhou para dentro do poço. O homem diz-lhe:

— Buda ensinou-lhe a compaixão. Você deveria salvar-me, estou a morrer! Cada vez está mais frio e mais escuro.

O monge budista replicou:

— Tenha paciência. É por causa das suas más ações em vidas passadas que você caiu dentro do poço. Estão aqui milhões de pessoas, e mais ninguém caiu ao poço. Você deve ter feito muito más ações, assassínio, violação. É melhor limpar a folha.

— E Buda também disse, “Nunca interfiram na vida de ninguém!” Desculpe, mas não posso interferir na sua vida. Se o tirar daí, você cai outra

vez porque o castigo pelas más ações da vida passada não está completo, de que serviria? Morra e renasça, limpo, sem más ações passadas em cima.

O homem ficou siderado.

— Mas esta gente diz-se religiosa? — E o monge budista foi-se embora.

Esta é a consequência lógica de Buda, Mahavira, Krishna. Uma das seitas jainistas, Terapanth, cujo chefe é Acharya Tulsi, tem mil e setecentos monges e três vezes mais freiras. É uma das seitas mais fortes; há gente muito rica, multimilionária. O homem que criou a seita Terapanth, separada do Jainismo, defendia a ideia de que, se virmos alguém a afogar-se, não devemos interferir. É a consequência lógica de acreditar em vidas passadas e más ações e castigo. Se houver alguém com fome, não devemos interferir. Se houver alguém com sede, nem sequer lhe devemos indicar o caminho para o rio. Mais, interferir no curso da natureza cria maus karmas. Por exemplo, se tirarmos um homem de dentro de um poço, e amanhã ele matar alguém, acham que também somos responsáveis ou não?

Em termos lógicos, parece perfeitamente afirmativo. Se não tivéssemos salvado o homem, ele não teria matado ninguém. Temos cinquenta por cento de responsabilidade: salvámo-lo, e ele cometeu um crime. Agora teremos de sofrer por ter salvado o homem. Faça o que fizer doravante, seremos responsáveis — a vida inteira dele. Perturbámos desnecessariamente o castigo que ele estava a ter, e criámos, por outro lado, más ações pelas quais sofreremos toda a vida futura.

Assim, o monge budista afastou-se do poço e seguiu-se-lhe um missionário cristão. Este trazia um balde e uma corda comprida. Atirou logo a corda e o balde para dentro do poço e tirou o homem lá de dentro. O homem disse:

— Você é o único religioso. — O missionário cristão retorquiu:

— Aliás, eu é que lhe devia estar grato, porque se você não caísse ao poço eu não ganhava virtude. Sou contra o ideal confuciano de que todos os poços deveriam ter muros. Assim ninguém lá cai! Para que é que eu ando de balde e corda? Não é preciso muro nenhum; caso contrário, toda a virtude, toda a moral, todo o auxílio desaparecem do mundo.

Bertrand Russell fez uma afirmação muito importante: se não houver pobreza, não há religião. A quem é que se vai dar auxílio? Se não houver morte, todas as igrejas, todas as religiões, são inúteis, obsoletas, imprestáveis. Sobrevivem por causa da pobreza, por causa da morte, por causa da doença, por causa dos órfãos. Por isso é que são todas contra o controlo de natalidade — porque o controlo de natalidade pode destruir toda a pobreza, e pode-se impedir que venham mais órfãos a este mundo. O que seria da pobre Madre Teresa? Quem é que lhe ia dar um Prémio Nobel? Os órfãos são absolutamente necessários, senão desaparecem as Madres Teresas. A pobreza é necessária, por isso é que continuam todos contra todo

e qualquer método de contratação. Não diz respeito a Deus — elas é que precisam dos pobres porque a religião lhes ensina que, se auxiliarmos os pobres, se abriremos hospitais para os pobres, se abriremos escolas para os pobres, ganhamos um balanço positivo no paraíso.

Isto não é altruísmo. Quem é que lhe pode chamar altruísmo? É mais egoísta do que qualquer outra coisa que se possa encontrar no mundo — motivação para explorar os pobres, gente que caia dentro de um poço, gente moribunda, gente doente, gente órfã. Tira-se o melhor partido. Todas as religiões nos exploram com tremenda ganância, em nome da virtude, em nome do altruísmo.

Enquanto princípio fundamental, quero que não se esqueçam de que uma pessoa inconsciente não pode agir sem motivação, e que a motivação é egoísta, faça-se o que se fizer.

Estava eu a viver na cidade, a lecionar na universidade, e estavam a construir um templo de mármore belíssimo. Passei por ele durante anos. Morei nove anos naquela cidade, e o templo ia subindo, subindo, porque queriam fazer dele algo raro. Tinha morrido o pai a um multimilionário qualquer e ele queria que fosse um monumento. Eu não fazia ideia do que fosse e, um belo dia, parei o carro e fui lá dentro, onde havia centenas de homens a trabalhar o mármore. Perguntei ao empreiteiro:

— Para quem é que se está a construir este templo?

Homem de grande inteligência, não me levou à estátua de Krishna que estava no meio do templo. Estava eu a pensar que ele me levaria à estátua, que diria que o templo estava a ser erigido para Krishna — mas não, levou-me às traseiras do templo. Eu perguntei:

— Para onde é que me está a levar? — E ele respondeu:

— Ao sítio certo.

Havia uma enorme laje de mármore com o seguinte escrito: “Este templo foi erigido por Fulano de Tal em memória do seu grande pai espiritual.”

O empreiteiro disse:

— É por esta pedra que o templo está a ser construído. Krishna não passa de um pretexto.

A mente inconsciente não pode fazer nada sem motivação. De que serviria? Todas as religiões prometem que, na vida futura, quando um homem chegar às portas do céu, São Pedro estará lá com os anjos todos a cantarem “Aleluia!” e a tocarem harpa em honra dele. Parece valer a pena fazer alguma caridade, fazer uma boa ação.

Se o ato não for feito com motivação alguma, não poderá ser altruísta.

Quero que compreendam que, sem meditação, não há ato que seja altruísta, porque só a meditação consegue dissolver-nos o ego, dissolver-nos no todo. Assim que deixarmos de ser, todo e qualquer ato que tivermos será sem motivação. A virtude emana de uma pessoa que se tenha fundido na existência. A meditação é a porta.

A meditação é o único ato altruísta, mas parece que os praticantes estão apenas metidos consigo próprios, sem se ralarem com o resto da humanidade. Perfeito disparate! Os praticantes da meditação são os únicos que encontrarão um lugar onde não há ego, e todo o egoísmo desaparece. Assim toda a sua vida, todo o seu amor, toda a sua compaixão será sem motivação. Façam o que fizerem, será virtuoso, será uma boa ação, porque a virtude só pode emanar de uma mente consciente, uma mente absolutamente consciente.

Na mente consciente, completamente consciente, não há uma única sombra de ego. A mente completamente consciente torna-se qualitativamente diferente da mente inconsciente. Daí ter sido chamada não-mente, só para mostrar a diferença, senão ficamos confusos. A mente é aquilo que temos. A não-mente é a busca pela meditação. Da não-mente brotam flores de altruísmo, amor, compaixão, partilha.

Repito as palavras de Bashô, o grande mestre zen, um dos maiores poetas do mundo: "Sentado em silêncio, sem fazer nada, chega a primavera e a erva cresce por si só." Estar sentado em silêncio não é evitar a vida. Estar sentado em silêncio é a busca da vida, da própria fonte da vida. No momento em que encontrarmos a fonte, tudo cresce por si só, tal como quando a primavera chega, a erva cresce por si só.

O que é que há de egoísta na meditação? Só por estarmos sentados sozinhos, de olhos fechados, a buscar dentro de nós a própria fonte da nossa existência, é egoísta? Quando finalmente encontrarmos a autêntica fonte da vida, o nosso ego terá desaparecido como uma gota de orvalho ao sol da manhã. Sairemos sem ego, apenas como presença pura. Dessa presença pura irradiará tudo o que for virtuoso.

Sem meditação não há virtude; não pode haver qualquer virtude! Quando faço uma afirmação destas, faço-a com a maior autoridade, e desafio todas as religiões do mundo a provarem que gente inconsciente, gente adormecida, pode ter qualquer ato sem motivação. O egoísmo significa motivação, estamos a pensar na recompensa.

Um ato altruísta significa que não há motivação, não estamos a pensar em recompensa alguma. Estamos a agir por abundância nossa. Temos demasiado, somos uma nuvem carregadinha, temos de desabar. Quanto mais partilharmos, maior é o retorno. É quase como um poço: quanto mais água tiramos, mais água nova chega de todas as direções. Porém, fica-se com medo de que, "se tirarmos a água, ficamos sem essa água toda", é melhor tapar bem o poço.

Aconteceu uma vez... Kahlil Gibran tem uma história belíssima. Numa terra antiga havia dois poços. Um ficava no palácio, e não estava disponível para mais ninguém além da família real, e o outro ficava na praça, disponível para toda a gente, menos a família real. No entanto, um dia chegou à terra uma bruxa que fez uns encantamentos e atirou qualquer coisa para dentro do poço. As pessoas ficaram a ver, mas não sabiam interpretar o que estava a acontecer. Quando o sol se começou a pôr, toda a gente já tinha bebido água do poço — tirando a família real — e toda a gente enlouquecera. A capital inteira estava louca, da criança mais pequena ao homem mais idoso — à exceção do rei e da rainha e do príncipe.

E aconteceu uma coisa estranha... A população inteira aglomerou-se à volta do palácio e começaram a bradar que o rei enlouquecera... Estavam todos loucos, obviamente, e todos concordavam numa coisa, "O rei não parece estar como nós estamos."

O rei inquiriu imediatamente ao primeiro-ministro o que havia de fazer.

— Até as forças armadas ensandeceram. Andam todos a dançar e a clamar, "Saíam do palácio! Vamos escolher um rei novo que esteja são como nós!"

O primeiro-ministro era muito velho, um homem sábio, e disse ao rei:

— A única maneira é fugir pela porta das traseiras. Eu entretenho-os na porta da frente, digo-lhes que já mandei chamar o rei, que o rei está a despachar-se. Vossa Majestade vá ao poço onde eles andaram a beber água. Beba, e a rainha e o príncipe também, e fiquem inebriados. Se não ficarem loucos, esta população ainda os há de matar!

O conselho revelou-se absolutamente certo. O rei e a família fugiram pela porta das traseiras, beberam rápida e abundantemente do poço que a bruxa mudara com um fenómeno alquímico qualquer. Não voltaram pela porta das traseiras, apareceram a dançar e a festejar pela porta da frente, e a multidão ficou muito contente ao ver que o rei estava são.

Nessa noite, houve uma grande festa na capital.

— O nosso rei, a nossa rainha, o nosso príncipe herdeiro, todos ficaram sãozinhos!

A multidão vive assim inconscientemente. Não se pode esperar desta multidão qualquer ato de virtude, qualquer ato de altruísmo. Muito simplesmente, não é possível. É categoricamente impossível.

Primeiro vem a meditação, o resto vem a seguir.

Por conseguinte, quando os familiares ou os padres vos dizem que estão a ser egoístas, digam-lhes claramente que são os únicos a abandonarem o ego, e que não restará egoísmo algum, e que desse estado surgirá a virtude — “não das orações, não da Bíblia, do Corão ou do Guitá, não dos vossos ensinamentos, mas sim da minha própria exploração do ego”.

O ego é uma sombra da inconsciência, da escuridão, da cegueira. Nunca foi encontrado por aqueles que se aprofundaram dentro de si próprios.

CAPÍTULO 19

Uma Semente Pode Trazer o Verde à Terra Inteira

Osho, o que é a compaixão para um homem rebelde?

A própria rebelião é a compaixão. Não é uma abordagem reacionária à vida. É por compaixão que um homem de compreensão passa a rebelde. Perguntou-me, “O que é a compaixão para um homem rebelde?” A própria rebelião é a compaixão dele. É por compaixão que ele se tornou rebelde, caso contrário, não havia necessidade nenhuma dele.

Que necessidade há que eu seja rebelde? Eu podia ter vivido silenciosamente nos Himalaias, sem ser desnecessariamente incomodado por toda a espécie de idiotas. O que é que eu vou ganhar com a minha rebeldia e os meus ensinamentos sobre rebelião, tirando ser condenado pelos quatro cantos do mundo? Ora não há necessidade de que eu ganhe alguma coisa. O que a vida me podia dar, já deu — deu-me mais do que seria de esperar. É apenas por amor, por compaixão, que eu abrirei os braços a qualquer crucificação, mas continuarei até ao meu último suspiro a despertar a consciência das pessoas, a instilar nelas os sonhos de um futuro radioso. E continuarei a convencê-las de que o passado foi feio, foi um pesadelo — que se continuarem a viver conforme o passado, deixarão de ter futuro.

Não é um problema pessoal. O meu passado terminou. Não tenho futuro — não vou renascer outra vez. Poderia ter ficado completamente indiferente aos problemas do mundo, aos problemas das pessoas; não são problema meu. Lutei e saí da selva desses problemas. Não vou ser apanhado outra vez na rede de um corpo. Mas com esta luz, com esta libertação, vem uma tremenda compaixão por todos aqueles que lutam pelo mesmo objetivo. Eu gostaria que o mundo ajudasse mais todos a despertarem. Neste momento, só nos ajuda a ficar o mais adormentados possível.

Karl Marx tinha razão quando disse que as religiões têm sido o ópio do povo. Posso não comungar de todas as suas opiniões, mas nesta pequena afirmação concordo plenamente. Todas as religiões têm sido narcóticos. São elas os verdadeiros traficantes de droga. Têm mantido a humanidade adormentada, e têm sonogado todas as oportunidades e possibilidades de as pessoas verem a luz, de as pessoas se tornarem indivíduos, de as pessoas serem livres. É por amor e compaixão que eu gostaria de continuar a lançar à terra as sementes da rebelião, no máximo de corações possível. Talvez a existência queira que eu seja um veículo para salvar o homem do suicídio —

não só para salvar o homem, mas também para o transformar em simultâneo. Porque este tipo de homem, tal como existiu no passado, está obsoleto, não pode continuar. Ou morre ou tem de se transformar.

A rebelião, para mim, é o único mecanismo de salvação, e é por compaixão — não há outro motivo.

Hymie Goldberg caminhava alegremente pela rua fora, a caminho do emprego, quando um velho amigo, o Cohen, o apanhou.

— Estás todo contente esta manhã — comentou o Cohen.

— Pois estou — disse o Hymie a sorrir —, finalmente curei a minha mulher do hábito de gritar comigo o tempo todo.

— E como é que conseguiste isso? — perguntou o Cohen.

— Bem – riu-se o Hymie —, convenci-a de que os gritos estavam a dar cabo dos nervos do cão.

É esta a situação do homem atual. A mulher está disposta a parar de gritar com o coitado do Hymie Goldberg, porque a convenceram de que os gritos estão a dar cabo dos nervos ao cão. Ora, se os gritos dão cabo do cão, o que não farão ao coitado do Hymie Goldberg? Não foi coisa tida em consideração.

O homem perdeu a compaixão pelo homem. Até pode ser compassivo pelos animais, até pode ser compassivo pelas árvores. Nos Himalaias, há um movimento que dura há já alguns anos, um conceito novo. As pessoas que vivem nos Himalaias adoram as árvores e as árvores andam a ser derrubadas aos milhares por dia. Há dez anos, um homem sem instrução lançou um movimento que se espalhou como fogo vivo pelos Himalaias. Chama-se localmente "Chipko Andolan", o que significa "movimento agarrem-se às árvores". Quando vem alguém para cortar uma árvore, os adeptos do movimento agarram-se a ela e estão prontos a morrer com a árvore, mas não deixam que a cortem.

Por conseguinte, há milhares de pessoas agarradas às árvores, e os lenhadores do governo aparecem e ficam ali... Sem saber o que fazer. Não podem pegar nas serras elétricas e cortar as pessoas juntamente com as árvores. O movimento tem um êxito imenso, embora o governo vá prendendo e castigando as pessoas que impedem o corte das árvores. Porém, assim que saem da cadeia, voltam logo ao mesmo. Parece que lograram abrandar o processo, e também é possível que tenham triunfado mesmo.

Esta gente — tão compassiva pelas árvores a ponto de morrer por elas — mata outros seres humanos. Com os seres humanos, o relacionamento é de crueldade, de barbarismo. E são gente primitiva; há tribos que até fazem

sacrifícios humanos ao seu Deus, e depois comem carne humana. É altamente estranho que mostrem tanta compaixão para com as árvores — estão prontos a morrer para as proteger; arriscam-se a ir parar à cadeia porque impedem o trabalho do governo. Ora, não parece que tenham compaixão, amor, pelo homem. Batem nas mulheres, batem nos filhos; não têm respeito algum pelos filhos, não respeitam as mulheres. Com efeito, as escrituras hindus dizem que, se não se bater na mulher de vez em quando, se perde o domínio sobre ela. Está absolutamente conforme os textos religiosos, não é pecado nem crime bater na mulher de vez em quando — assim se mantém a paz em casa.

Estaria perfeitamente bem se também dissesse que a mulher pode, de vez em quando, bater no marido; assim até haveria mais paz em casa. Se o objetivo for a paz, ambos deveriam ter oportunidade de a fomentar. E consta que quem escreveu tais textos foram grandes santos! Se eu disser algo contra eles, aparece imediatamente alguém a queixar-se de ofensas aos sentimentos religiosos, imediatamente o governo emite uma ordem de prisão. Tem sido assim a minha vida toda.

O homem perdeu completamente a compaixão — pelo menos no que toca à humanidade. E eu gostaria que a minha gente... A primeira obrigação é para com a humanidade, o resto vem depois. Se não formos solícitos e compassivos para com o homem, se a compaixão for toda para animais, cães, é uma estupidez. Havia um homem em Mumbai com uma fundação... E temos andado a lutar por causa de uma fundação há anos. O governo não está disposto a aceitar esta instituição como fundação para fins de benemerência, porque para o governo ensinar meditação não é caridade. Ensinar a compaixão não é caridade, ensinar a caridade não é caridade. Por isso tive de dizer à minha gente que tentasse perceber que tipo de fundação é considerada aceitável para o governo. Encontraram uma fundação em Mumbai isenta de impostos, e o homem que dirige a fundação é um funcionário do governo aposentado; recolhe donativos para cães vadios.

Todos os dias, no seu bonito carro, ele dá a volta aos bairros pobres de Mumbai, onde se encontram muitos cães vadios — pior do que isso, muitos seres humanos vadios. Crianças com barrigas inchadas e corpos macilentos, lado a lado com os cães na esperança de comerem alguma da comida deles. E esse homem, sentado no carro, dá comida aos cães; e as crianças ficam à margem, à espera, para poderem comer os restos, se os houver.

Isto é caridade. E este homem deve arrecadar todos os donativos que lhe chegam, porque os cães simplesmente não se podem queixar. Não podem dizer se ele os alimenta todos os dias ou não, que tipo de comida lhes dá, se presta ou não, quanto é, a quantos cães dá — os cães não podem fazer comentários nem relatórios. A ele basta-lhe apresentar sempre os mesmos registos de que alimenta quinhentos cães, ou mil cães, e quanto gasta em cada cão... E continua a recolher donativos, e o governo deixa-o ter uma fundação de caridade isenta de impostos.

Este mundo precisa mesmo de ser completamente renovado. Temos de nos despedir dos valores antigos, temos de cimentar novos valores. Só será possível com uma rebeldia religiosa e não com uma rebeldia comum. Nunca antes existiu um conceito como o da rebeldia espiritual ou religiosa.

Estou a propor-lhes uma filosofia completamente nova, completamente fresca. Já houve rebeldes políticos, mas a rebeldia espiritual só pode brotar da compaixão e da meditação. Se não brotar da compaixão e da meditação, não terá valor nenhum. Mas tenho esperança... Apesar da escuridão circundante, ainda tenho esperança de que, quando a escuridão estiver insuportável, a aurora esteja muito próxima.

CAPÍTULO 20

Eu Pertencço à Eternidade – Você Também Pode Pertencer

Osho, há quem diga que o Osho faz parte do movimento New Age. A mim não me parece. Quem tem razão, e o que pensa da New Age? Poderá ajudar as pessoas?

O movimento New Age é apenas uma moda que há de desaparecer bem depressa, como todos os movimentos desapareceram. Agora não se veem *hippies* em lado nenhum... É um fenómeno realmente estranho que tenham desaparecido tantos *hippies* de repente. O que aconteceu à revolução deles? Era um movimento revolucionário; era um abandono da sociedade. Por que é que voltaram à sociedade?

Todos estes movimentos são de pouca duração. Têm nomes bonitos — não importa — mas não têm uma filosofia radical que mude os seres humanos. O movimento New Age não tem nada de único que possa transformar indivíduos. É uma moda; não tarda a morrer — é apenas uma fase passageira.

Eu não faço parte de movimento algum. O que faço é algo eterno. Tem decorrido desde que o primeiro homem apareceu na terra, e continuará até ao último homem. Não é um movimento, é o próprio âmago da evolução.

Por conseguinte, tem razão em não me incluir entre os que fazem parte do movimento New Age. Não faço. Faço parte da eterna evolução do homem. A busca pela verdade não é nova nem velha. A busca do nosso próprio ser não tem nada a ver com o tempo. É intemporal.

Depois de eu desaparecer, o que faço há de continuar. Alguém o continuará. Eu não estava cá e já havia alguém a fazê-lo. Não há fundadores, não há líderes. É um fenómeno tão vasto que já apareceu muita gente iluminada, ajudou e desapareceu. Ora esta ajuda elevou a humanidade um pouco mais, melhorou a humanidade um pouco mais, tornou a humanidade mais humana. Deixaram o mundo mais bonito do que quando chegaram.

É uma grande satisfação deixar o mundo um pouco melhor. Mais do que isso já será pedir demais. O mundo é muito grande; um único indivíduo é pequeno demais. Se conseguir deixar alguns retoques na pintura que está a

ser feita pela evolução há milhões de anos, é suficiente. Uns retoques... Um pouco mais de perfeição, um pouco mais de clareza.

Não faço parte de qualquer moda, qualquer movimento. Pertencço à eternidade, e gostaria que vocês também pertencessem à eternidade e não a uma fase passageira.

O que diz a quem lhe chama utópico?

Que tem razão — só que a ideia de utopia não está certa. Pensam eles que utopia é algo inalcançável; é exatamente o significado da palavra utopia. Sir Thomas More escreveu um livro chamado Utopia, em que tem esperança de tudo aquilo a que o homem sempre aspirou mas nunca logrou alcançar. Houve revoluções, houve tentativas de criar sociedades alternativas; todas fracassaram. Todavia, não significa que tenhamos envidado todos os esforços possíveis.

Faz-me pensar em Thomas Alva Edison. Trabalhou continuamente na lâmpada elétrica durante três anos. Todos os colegas se cansaram, fartaram, mas ficavam perplexos ao ver o velhote chegar ao laboratório antes de toda a gente, cheio de genica, entusiasmado, na esperança de que aquele fosse o dia. Finalmente disseram:

— Há três anos que ouvimos falar disso; fizeram-se novecentas experiências, todas goradas. Mas o colega parece não se deixar afetar pelo fracasso.

Edison disse:

— Não é que não fique afetado. Fico inspirado. Se houve novecentas tentativas goradas, significa que estamos cada vez mais perto, a cada dia, da tentativa que vai triunfar. Durante quanto tempo nos poderá fugir? É um desafio.

Compreendem o que ele queria dizer? Diz ele que se fecharam novecentas portas. Nós investigámos: não são as portas certas, não levam a lado nenhum. Agora o número de portas reduziu-se. Há menos novecentas portas. Estamos a triunfar; estamos a aproximar-nos cada vez mais da porta que há de levar à experiência bem-sucedida.

Devagar, paulatinamente, os colegas foram-no abandonando, os amigos foram desaparecendo. Mas ele perseverou e, um dia, triunfou. Era noite cerrada; deviam ser três da manhã... A primeira lâmpada! E ficou tão encantado com ela que ficou ali sentado, a olhar para a luz. Trabalhara durante cinco anos... E a mulher gritou-lhe do quarto:

— Mas estás louco? Apaga a luz e vem deitar-te. — E ele retrucou:

— Não sabes do que estás a falar. Levei cinco anos para acender esta luz, perdi todos os amigos e colegas, e tu mandas-me apagá-la? Anda cá ver este milagre.

Eu sou um utópico. Sou muito otimista. Confio nas inspirações, nas esperanças do homem. Simplesmente, temos andado a fazer algo errado para as materializar. O que quero salientar aqui é que temos sempre pensado em mudar a sociedade. Os comunistas, os fascistas, os socialistas, os fabianos, os anarquistas, toda a espécie de utópicos tem uma única coisa em comum, a causa do fracasso. Todos tentaram mudar a sociedade.

A sociedade não existe em parte alguma.

O que existe é o indivíduo.

A sociedade não passa de um nome. Já alguma vez encontrou a sociedade? Já conheceu a sociedade e a cumprimentou... Apertou a mão à sociedade? Sempre que conhecemos alguém, é o indivíduo.

O indivíduo é a realidade. A sociedade é apenas um nome.

Todos tentaram mudar a sociedade para mudarem o indivíduo. Foi a abordagem errada. O meu esforço é para mudar o indivíduo.

A sociedade há de mudar por si só; é simplesmente um nome. Mudar o indivíduo não é difícil, porque cada indivíduo anseia por mudar. Não há indivíduo algum satisfeito com o que é. Quer ser mais consciente, quer ser mais pacífico, quer ser mais afetuoso, mais amado. Quer uma vida cheia de flores e fragrância. Aquilo que encontra é só infelicidade, ansiedade, angústia, irrelevância.

Falta ao indivíduo uma coisa simples: uma certa metodologia para fazer dele um ser mais centrado, mais silencioso, mais sereno, mais composto, mais inteiro. O nome da metodologia é aquilo a que chamo meditação. O indivíduo precisa de algo mais do que a mente; já está dentro dele, mas ele está enredado na mente. O enredamento na mente impede-o de ver além do seu verdadeiro eu.

Basta um pequeno esforço para ver a mente, sentado em sossego, a olhar para a mente, como se ela não fosse dele — e não lhe pertence de facto...

Você é o observador; a mente é observada.

Você é o vigilante; a mente é vigiada.

Você é o sujeito; a mente é o objeto — não são unos.

A sua subjetividade é a sua libertação — libertação da mente. Assim que estiver libertado da mente, assim que souber que está além da mente, surge milagrosamente dentro de si uma autoridade. A mente não pode puxá-lo nem

empurrá-lo para cá e para lá; a mente passa a simples subordinada. A própria presença da autoridade é suficiente para que a mente seja uma subordinada obediente. Podemos usá-la se quisermos. Se não quisermos, podemos dizer, "Caluda!" e continuar em eterna paz e sossego. A mente é um mecanismo bom, um biocomputador, mas não é uma autoridade.

É esta a mudança que tem de ser difundida a todos os indivíduos da terra, e depois a utopia estará mesmo ao virar da esquina. Não será algo que não se consegue alcançar. Pode alcançar-se e deve alcançar-se.

As pessoas que me têm chamado utópico devem pensar que me estão a condenar. Enganam-se. Interpreto-o como um elogio! Agradeçam-lhes e digam-lhes que sou utópico, que a minha gente é utópica, e que eu quero que o mundo inteiro fique cheio de utópicos.

Sobre o Autor

Osho desafia qualquer classificação. Nos seus milhares de conferências, abordou os mais diversos temas, desde a busca pessoal de sentido até às questões sociais e políticas mais urgentes dos nossos dias. Os livros de Osho não são escritos mas sim transcritos a partir de registos áudio e vídeo das suas conferências em todo o mundo. Como ele próprio dizia: “Lembrem-se: o que eu estou a dizer não é só para vocês... estou também a falar para as gerações futuras.”

Osho foi descrito pelo *The Sunday Times* de Londres como um dos “1000 Construtores do Século XX” e pelo autor americano Tom Robbins como «o homem mais perigoso desde Jesus Cristo». O jornal indiano *Sunday MiD DAY* considerou Osho uma das dez pessoas — junto com Gandhi, Nehru e Buda — que mudaram o destino da Índia. Osho afirmou que, com a sua obra, estava a tentar criar as condições para a génese de um novo tipo de ser humano. Muitas vezes descrevia este novo tipo de ser humano como “Zorba, o Buda” — alguém capaz de desfrutar tanto dos prazeres mundanos de Zorba, o Grego, como da serenidade silenciosa de um Buda Gautama.

Há uma característica comum que atravessa toda a obra de Osho: uma visão que engloba tanto a sabedoria intemporal de todas as Eras como o mais elevado potencial científico e tecnológico de hoje e de amanhã. Osho é conhecido pela sua contribuição revolucionária para a ciência da transformação interior, com uma abordagem à meditação que se coaduna com o ritmo acelerado da vida contemporânea. As suas Meditações Ativas Osho são formas únicas de meditação, concebidas para libertar o stresse acumulado na mente e no corpo e para incorporar na vida quotidiana a experiência da serenidade e da descontração livre de pensamentos.

Retiro Internacional de Meditação Osho

O Retiro Internacional de Meditação Osho é um lugar no qual qualquer um pode experimentar em primeira mão novas formas de viver de um modo mais alerta, descontraído e divertido.

Fica cerca de cento e sessenta quilómetros a sudoeste de Bombaim, em Pune, na Índia, e oferece uma grande variedade de programas aos milhares de pessoas que o visitam todos os anos, vindas de mais de cem países.

Pune foi originalmente concebida como retiro de férias para marajás e para os colonos ingleses mais abastados, sendo agora uma cidade moderna e desenvolvida que alberga diversas universidades e indústrias de alta tecnologia. O Retiro de Meditação ocupa mais de quarenta hectares no subúrbio de Koregaon Park. Oferece alojamento a um número limitado de visitantes e nas imediações existe uma grande variedade de hotéis e apartamentos privados, para estadas curtas ou prolongadas.

Os programas do Retiro são todos baseados na visão de Osho de um novo tipo de ser humano, tão capaz de participar na vida quotidiana de uma forma criativa como de se descontrair em silêncio e meditação. A maior parte dos programas tem lugar em edifícios modernos, com ar condicionado, e inclui uma variedade de sessões, cursos e seminários individuais, com temas como artes criativas, cuidados de saúde holísticos, transformação e terapia pessoais, ciências esotéricas, desportos e lazer zen, problemas nas relações intrapessoais e nos momentos de transição nas vidas de homens e mulheres. As sessões individuais e os seminários em grupo realizam-se ao longo de todo o ano, a par dos programas diários de meditação.

No retiro existem ainda cafés e restaurantes que servem pratos da gastronomia tradicional indiana e de cozinha internacional, todos confeccionados com legumes de agricultura biológica cultivados na quinta comunitária do Retiro. O Retiro tem ainda um reservatório privado de água filtrada e potável.

Visite o site www.osho.com/resort para obter mais informações, incluindo dicas de viagem, programas de cursos e reservas de alojamento.

Para mais informações consulte:

www.osho.com

Um *site* abrangente, com apresentações em várias línguas, que inclui uma visita *online* ao Retiro Internacional de Meditação e uma listagem completa dos cursos aí disponíveis, bem como um catálogo completo de livros e material áudio, uma lista de centros Osho em todo o mundo e citações das palestras de Osho.

Pode também contactar:

Osho International

e-mail: oshointernational@oshointernational.com

site: www.osho.com/oshointernational